

VASCO LOURENÇO NOVO GOVERNADOR MILITAR DE LISBOA

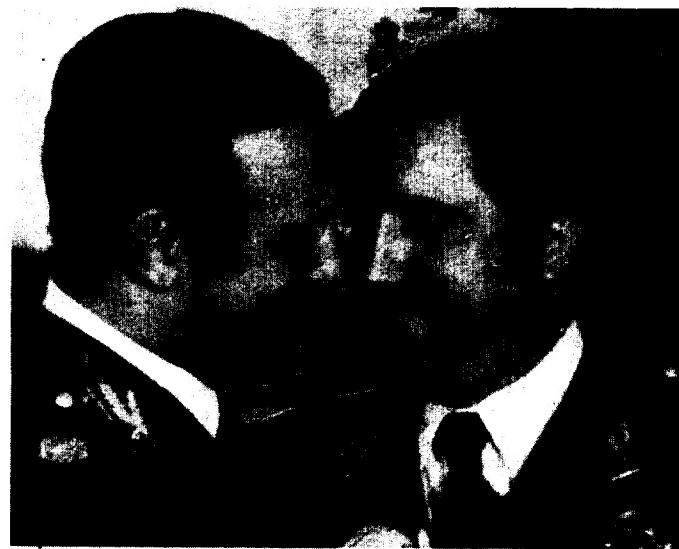
• Reafirmada a via socialista

Na presença dos conselheiros da Revolução (apenas os representantes da Força Aérea não estiveram presentes) Vasco Lourenço foi empossado, esta manhã, pelo chefe do Estado-Maior do Exército, general Rocha Vieira, no cargo de Governador Militar de Lisboa, acumulando com a chefia da respectiva Região Militar.

A cerimónia, que teve lugar no Quartel-General da Região Militar de Lisboa, estiveram presentes ainda vários comandantes de unidades e numerosos oficiais da área sob comando de Vasco Lourenço, que para o efeito, foi entretanto graduado em general.

Nas intervenções, quer de Rocha Vieira, quer de Vasco Lourenço, foi patente o significado dado ao acto, como medida inserida no quadro da estabilização da vida democrática portu-

guesa e ainda como medida aferidora da importância fundamental que o Conselho da Revolução continua a desempenhar na cena política portuguesa. O chefe do Estado-Maior do Exército sublinhou a presença dos conselheiros na cerimónia, referiu a decisão tomada como no quadro das recentes medidas do CR «de estabilização do quadro institucional» previsto na Constituição e frisou ainda o papel do CR como «conselho do Presidente da República e garante do cumprimento da Constituição». Rocha Vieira justificaria ainda o carácter de excepção que significa a acumulação de cargos de Vasco Lourenço (ao contrário de Charais e Pizarat) pelas características especiais da área militar de Lisboa — densidade populacional e localização dos principais órgãos de soberania.



O abraço dos generais: Rocha Vieira felicita Vasco Lourenço

LUÍS FRANCISCO REBELO FALA DOS DIREITOS DE AUTOR

Pág. 10

Assalto a um banco de Albufeira

Pág. 5

Rodésia caminha para Zimbábue

«A Rodésia desliza rapidamente para o colapso em consequência da teimosia do Governo» escreve hoje «The Washington Post». Adianta este jornal que «o actual Governo minoritário branco rejeita qualquer entendimento com a maioria negra. «Sintomático é o facto de alguns milhares de brancos desejarem já abandonar o país». Entretanto (e como já foi noticiado), o secretário-geral da O. N. U., na Cimeira dos Não-Alinhados, propôs o isolamento do regime ilegal da Rodésia.

Pág. 6

DECRETO-LEI 645/76 VAI VIGORAR

Aumento dos jornais em Setembro

... Entra em vigor no início da próxima semana o decreto-lei 645/76 de 30 de Julho último que estabelece diversas medidas inseridas na reestruturação dos órgãos da imprensa estatizada, entre as quais as que liberalizam o preço dos jornais, prevêm a sua pu-

blicação aos domingos, regulam o pluriemprego e as horas extraordinárias e estatuem um Conselho Consultivo.

A entrada em vigor deste diploma não implica a imediata alteração do preço dos jornais nem o início simultâneo da sua

publicação aos domingos. Estas medidas estão ainda a ser alvo de negociações, sendo no entanto previsível que se possam efectivar no início de Setembro.

Actualmente decorrem reuniões entre responsáveis pelo

Ministério da Comunicação Social e administradores das empresas estatizadas.

Quanto ao futuro preço dos jornais, embora ainda não fixado definitivamente, julga-se que poderá passar para seis escudos ou sete escudos e cinquenta centavos.

Vasco Lourenço explicou na sua intervenção as razões porque aceitou o cargo, sublinhando que continua igual a si próprio tal como no 25 de Abril, e que está consciente de que «esta nova estrela que tão alto me coloca na hierarquia do Exército poderá trazer consigo o descrédito ou a dúvida de camaradas» e «tornar-me alvo para todos os ataques e acusações».

O Governador Militar de Lisboa sublinharia ainda:

«A população civil, aos cidadãos do meu país e particularmente aos que vivem e trabalham na área da Região Militar de Lisboa, reitero a convicção de que a minha presença neste cargo visa contribuir para a continuação do clima de convivência democrática e de paz que se vem desenvolvendo. Só assim, estou certo, nos será possível atingir uma verdadeira sociedade socialista, uma verdadeira democracia política, económica e social, estando cada vez mais perto de acabar com a exploração do homem pelo homem, de acordo com a vontade da maioria esmagadora dos portugueses, que bem expressa na nossa Constituição Política».

Nave soviética desce na Lua

MOSCOVO, 18 — (R) — A Luna 24, a estação espacial não tripulada da União Soviética, fez hoje uma aterragem suave na Lua.

A TASS, a agência noticiosa soviética, disse que a sonda, lançada em 9 de Agosto e colocada numa órbita em redor do satélite da Terra, aterrara na área a Sueste do Mar das Crises, na Lua.

Sismo nas Filipinas: mais de três mil mortos

MANILA, 18 — (ANOP-FP-R-DL) — Depois de já terem sido referenciados 3.100 mortos e 2.300 desaparecidos, as autoridades filipinas receiam que o número de mortes chegue a 5.000, em consequência do tremor de terra, seguido de maremoto, que abalou o arquipélago. A maioria dos desaparecidos estavam na ilha de Mindanao, na cidade de Cotabato, zona mais duramente atingida, e teme-se que a maior parte deles tenham perecido. Entretanto, o Centro de Coordenação de Salvamento indicou que 300.000 pessoas não têm abrigo, enquanto con-

Continua na pag. 20



O vulcão «La Soufrière», sito na ilha de Basse-Terre, arquipélago de Guadalupe, nas Caraíbas, cuja erupção está iminente. O vulcão entrou já em actividade, emitindo lava e fazendo estremecer a terra (em três horas causou 215 tremores). Os cientistas prevêm que a explosão seja equivalente a uma bomba nuclear de 30 megatoneladas.

FIAT

IBA, LDA.

Black & Decker

TOTOBOLA

pitralon 2000

EUROPEIA
VIAGENS • TURISMO

ERICK
cerveja

com o "D.L." na "VOLTA" (Págs. 16 e 17)

20 PÁGINAS

Nacional

Política de A a Z

MISSÃO CUMPRIDA

O dr. Vasco da Gama Fernandes, Presidente da Assembleia da República, entende que esta cumpriu a sua missão e que — adiantamos — merece as férias que até Outubro se concedeu. Respeitamos a opinião quanto à «missão cumprida» por Vasco da Gama Fernandes, como Presidente da Assembleia da República, mas, relativamente à assembleia presidida, permitimo-nos confessar que nos surpreenderam as longas férias e ainda mais a data de 6 de Outubro, escolhida para o início dos trabalhos. Bem sabemos que o dia 5 de Outubro é feriado. Mas sabemos, também, que nos dá uma lição de política e um bom exemplo de trabalho a Assembleia da República — a própria designação a obriga — reunindo solenemente, no dia 5 de Outubro para celebrar a República, ensinar a República, e dar ao País o urgente exemplo de que a única maneira de comemorar certas datas carregadas de significado político, é trabalhar. Proclamar o dia «5 de Outubro» um dia nacional de trabalho teria sido, cremos, uma maneira pedagógica e útil de comemorar a República de consciencializar os cidadãos para as dificuldades que terão que enfrentar, para os sacrifícios que lhes poderão ser requeridos, para a necessidade de valorizar o trabalho produtivo. Reunida no dia «5 de Outubro» a Assembleia da República não se deveria limitar a remoer e esmoer discursos pela tarde fora. Exemplarmente, a sessão deveria ser marcada para as oito horas da manhã, decorreria até às dez horas — que para falar bastaria — e dali os senhores deputados, partiriam para as ruas, para os campos, para as fábricas a partilhar a vida dos trabalhadores, e a incentivar o trabalho, a explicar o trabalho como valor social e revolucionário para a consolidação das instituições da Democracia, para o avanço popular para o Socialismo. Não será essa a «missão» da Assembleia da República?

VITÓRIA OU MELANCOLIA?

Talvez, vitória e melancolia, em simbiose emotiva, sejam os sentimentos que exaltam e dividem esse teimoso antifascista que preside à Assembleia da República. Teve Vasco da Gama Fernandes a teimosia de não servir o fascismo, de não se render, de lutar. Tem agora a possibilidade de escrever: «Na verdade, após cerca de cinquenta anos de fascismo, e depois também de três eleições livres, como as coisas livres deste mundo, a Nação portuguesa realizou uma obra excepcionalmente válida e corajosa. Institucionalizou, surpreendentemente aquela Democracia política que foi sonho de tantas gerações que se frustraram pela morte ou pela incapacidade. Felizes fomos nós, mais novos ou mais velhos, que ainda tivemos a glória ou a alegria de viver esta hora comoventosa». São, estas palavras, um grito de vitória, ou anúncio já a melancolia da desilusão possível? A vitória sobre o fascismo não está consolidada. As forças democráticas não podem espalhar ilusões, tal como os revolucionários de Abril espalharam cravos. Iniciou-se uma nova e difícil fase daquilo que, em linguagem constitucional, nos é consentido designar por «processo revolucionário». Mas — não tenhamos ilusões, não tenhamos medo da verdade — estamos longe de poder dizer que a missão está cumprida. Há muito que fazer. E é preciso trabalhar. E é preciso dar o exemplo do trabalho.

A ESQUERDA SEM VOZ EM S BENTO

Quando o Primeiro-Ministro recordou ao deputado Acácio Barreiros a reduzida percentagem dos resultados eleitorais de que podia reclamar-se como porta-voz, referia-se aos resultados das «eleições legislativas» e esquecia os resultados das «eleições presidenciais». Bem sabemos que os resultados obtidos por Otelo Saraiva de Carvalho não são confundíveis com a influência eleitoral ou política da U.D.P.; mas consideramos que boa parte dos votantes em Otelo, quando do debate parlamentar do Programa de Governo, terão considerado certa e oportuna a veemência protestatária de Acácio Barreiros. Principalmente, em relação a questões que se situavam para além da específica e académica discussão programática.

Claro que esta questão da existência de uma esquerda parlamentarmente marginalizada, coloca problemas a um quadro institucional que se propõe ser constitucionalmente operativo e suficiente. Não se sabe, dada a tendência para a divisão e para a polémica doutrinal, quanto tempo os vários grupos políticos que animaram a «candidatura Otelo» conservarão uma colaboração efectiva. Sabe-se, porém, que os G.D.U.P. preparam um congresso nacional para os primeiros dias de Outubro. E sabe-se, também, que para a Comissão Nacional Provisória de Unidade Popular, instância coordenadora dos G.D.U.P. e organizadora do congresso: «o inimigo principal dos trabalhadores, não é o P.S. O inimigo principal é a direita mais reacçãoária». Na análise que os animadores dos G.D.U.P. fazem: «Este Governo não é ainda o Governo que a direita e o imperialismo desejam, mas um grupo de que a burguesia se quer servir para abrir caminho a um verdadeiro Governo da direita». Segundo os G.D.U.P. a tática que a «direita» está a utilizar é simples: «Utilizar o P.S. para enfraquecer o campo popular e, ao mesmo tempo, queimar o próprio P.S.».

Esta análise, definindo correctamente o «inimigo principal», não poderá ser completamente, desdenhosamente, ignorada. O Governo terá que ter em conta uma «oposição extraparlamentar de esquerda». A defesa antifascista do «25 de Abril» e da própria «ordem constitucional», também não poderá ignorar essa «esquerda» da qual a U.D.P. é, apenas, um dos sectores, e na qual o deputado Acácio Barreiros se limita a ser uma voz.

PASQUINADAS

Os «neototalitários», possesores de despeito de triunfo e de sectarismo político, não merecem que com eles queimemos cartuchos. A nossa pólvora é para outras guerras. O comentário é livre, e não serão «as vozes dos seus donos» que lhe imporão os temas mesmo pelo expediente vil (e ingénuo) das intrigas, calúnias e facadas.

P.C.P. ACUSA

P.S. prepara orientação de direita para o Governo

O Partido Comunista Português mantém as suas preocupações quanto à composição do actual Governo e à orientação que procurará imprimir à vida política portuguesa. «O discurso de encerramento dos debates na Assembleia da República pelo Primeiro-Ministro, além do tom partidário, sectário e do anticomunismo primitivo, confirmou e coroou a definição de uma orientação predominantemente de direita para onde o Governo do PS parece perigosamente deslizar» — frisa uma nota da Comissão Política do Comité Central do PCP, distribuída pela SIP.

Reforçando o seu não apoio ao Programa do actual Governo e condenando a tendência de direita manifestada, a nota destaca que, apesar de tudo o PCP apoiará quaisquer medidas positivas que correspondam aos interesses dos trabalhadores, à defesa das liberdades e das conquistas da Revolução.

É a seguinte a posição definida pela Comissão Política do PCP:

«Os debates na Assembleia da República sobre o Programa governamental do PS, sobre a concessão de poderes legislativos ao Governo e o discurso de encerramento do Primeiro-Ministro confirmaram as apreensões do PCP quanto à composição do Governo e à orientação que procurará imprimir à vida política portuguesa.

«Contrariamente à vontade popular, expressa nas eleições para a Assembleia da República, e ao conteúdo progressista da Constituição, tudo indica que o PS se prepara para imprimir ao Governo uma orientação para a direita que, a concretizar-se, faria pesar graves ameaças sobre a vida política portuguesa, sobre o regime democrático consagrado na Constituição e sobre as conquistas fundamentais da revolução de Abril.

Defendendo a necessidade de impedir a formação de uma maioria de direita PPD-CDS o PCP orientou toda a sua acção no sentido de assegurar na Assembleia da Re-

pública uma maioria de esquerda de socialistas e comunistas que abrisse o caminho à formação de um governo de esquerda.

«Os resultados eleitorais confirmaram a perspectiva defendida pelo PCP.

«O PS, sem atender aos resultados eleitorais, manteve a sua pretensão de formar um governo de minoria a que a participação de alguns independentes e militares não altera o carácter unipartidário.

«Proclamando que não deseja fazer alianças à esquerda nem à direita o PS declarou que o seu governo unipartidário era a única fórmula de esquerda possível no momento actual.

«O PCP tornou claro que um tal governo minoritário carecia de base de apoio para levar a cabo uma política de esquerda e que, rejeitando alianças à esquerda com o PCP, o governo do PS sozinho só poderia manter-se com o apoio do PPD e do CDS, ou dos dois, apoio que só lhe seria assegurado com a prática de uma política de direita.

«A forma como decorrem os debates e a posição do Governo parecem dar razão às advertências e previsões do PCP.

«No Programa que apresentou à Assembleia da República o Governo do PS limitou-se à formulação de aspirações gerais sem concretização, não deu uma resposta clara aos problemas políticos, económicos e culturais que atingem a sociedade portuguesa. Pelo contrário, a orientação anunciada, a concretizar-se, pelas suas concessões à direita, pelas suas omissões e ambiguidades, pelas ameaças formuladas, agravaria sem dúvida a situação política, económica e social do País.

«Nos debates realizados na Assembleia da República foi significativamente revelador o apoio dado pelo PPD e o CDS às linhas gerais da política definida pelo Governo do PS e ao seu Programa. Isso confirma que, no fundamental, a acção do Governo corre o risco de se orientar no sentido dos mesmos interesses e soluções que o CDS e o PPD

defendem.

«Apesar de certas formulações programáticas e das garantias dadas pelo Primeiro-Ministro quanto à irreversibilidade das grandes conquistas da revolução, são os propósitos enunciados na base de uma política de recuperação capitalista, agrária e imperialista que granjearam o apoio mais ou menos declarado do PPD e do CDS ao Programa do Governo.

«Sobre esta política de tático entendimento são visíveis as tentativas de criar condições para a formação futura de um «governo de grande coligação», preconizado pela direita reacçãoária.

«Deste modo o Governo do PS ao contrário das afirmações dos dirigentes socialistas orientar-se-ia no sentido da realização de uma política de aliança com os partidos da direita.

«O discurso de encerramento dos debates na Assembleia da República pelo Primeiro-Ministro, além do tom partidário, sectário e do anticomunismo primitivo, confirmou o coroou a definição de uma orientação predominantemente de direita para onde o Governo do PS parece perigosamente deslizar.

«O dr. Mário Soares, no seu discurso faz adensar o perigo duma fractura definitiva à esquerda e compromete numa larga medida o desenvolvimento do processo unitário entre as forças de esquerda, designadamente entre socialistas e comunistas. Nas palavras do Primeiro-Ministro foi notória a preocupação de consolidar a aliança com o PPD e o CDS, verificada no decurso dos debates e também o seu esforço para tranquilizar o imperialismo.

«O discurso do dr. Mário Soares não deixa lugar a dúvidas: o Governo do PS mostra tendências para fazer uma política orientada à direita, ao contrário das suas afirmações de esquerda.

«O PCP manifesta a sua profunda preocupação pelas graves consequências que teria para o país uma política de direita, aplicada pelo Governo

do PS, com o apoio, do CDS e do PPD.

«O PCP reafirma claramente que combaterá as medidas antioperárias e antipopulares que forem tomadas, na aplicação duma tal política.

«O PCP combaterá todas as medidas que o Governo do PS, com o apoio do PPD e CDS, possa vir a tomar contra as liberdades, os direitos dos trabalhadores, as conquistas da revolução.

«Ao mesmo tempo, o PCP chama a atenção dos socialistas e de todos os democratas para as realidades políticas do país e para os perigos que resultariam duma política de direita.

«A democracia portuguesa não está interessada em que o previsível fracasso da politizado Governo PS seja o fracasso da própria democracia.

«Por isso, e apesar de tudo, o PCP reafirma que continuará orientando no fundamental a sua acção no sentido de travar o passo ao avanço das forças da direita, no sentido de manter viva e possível a perspectiva duma política democrática duma política de esquerda em Portugal.

«O PCP não apresentou qualquer proposta de rejeição do Programa do Governo do PS, ao contrário do que pareceu desejar o Primeiro-Ministro.

«Ao mesmo tempo que não apoia tal Programa e quem manifesta a sua condenação pela orientação de direita de certas das suas formulações e das palavras do Primeiro-Ministro, e apesar delas, o PCP apoiará quaisquer medidas positivas que correspondam aos interesses dos trabalhadores, à defesa das liberdades e das conquistas da revolução, à estabilização das instituições consagradas na Constituição, na luta por um Portugal livre, independente e democrático a caminho do socialismo.

CONTINUAM OS PROTESTOS

“Libertação de Spínola é perigosa”

Os protestos de organizações de trabalhadores, comissões de moradores e sindicatos face ao regresso do responsável do MDLP, António de Spínola, continuam a afluir diariamente à nossa Redacção. Em comunicado, divulgado ontem, a Comissão de Unidade de Trabalhadores da CUF sublinha que o regresso de Spínola «ocorrido nam altura em que os tortionários como Sachetti são postos em liberdade, revela uma ofensiva das forças da reacção» e que «mais não visa que dar mais força àqueles que querem voltar a escravizar os trabalhadores portugueses, roubando-lhes a liberdade e as conquistas alcançadas».

O Sindicato dos Têxteis do Norte por sua vez, enviou um telegrama ao Presidente da República, ao CR à Assembleia da República e ao primeiro-mi-

nistro, exigindo o «julgamento implacável e prisão até ao julgamento do sr. Spínola» considerando que a sua libertação é perigosa, e que põe em risco «a segurança de pessoas e bens de trabalhadores e democratas portugueses».

A Comissão de Trabalhadores do Banco Agrícola e Industrial Visense recorda os crimes do ex-general assassina-

to de Amílcar Cabral, 28 de Setembro, 11 de Março, e chefe da organização terrorista-MDLP) e alerta que se trata portanto de «um inimigo dos trabalhadores, da democracia e do socialismo, tentou mergulhar o nosso país num mar de sangue, a boa maneira de Pinochet, para melhor servir os interesses da direita e do imperialismo».

“UM FILHO DE CAETANO NA GOLFADA DE RIO FRIO”

Por lapso, na reportagem que ontem publicámos sob o título em epígrafe, da autoria dos nossos camaradas de Redacção Manuel Geraldo e Rui Pacheco, saiu inserta em certos passos do

texto e em duas legendas, uma das quais na 1.ª página, a referência à Herdade de Rio Tinto, onde deveria ler-se Herdade de Rio Frio. Aqui deixamos a rectificação.

Viagens de 4, 5 e 8 dias a LONDRES
Preços desde
4.650.00
Agora pode visitar neste nosso sistema, duas cidades, tais como:
ROMA MILÃO LUGANO VIENA FLORENÇA VENEZA RIMINI
Consulte-nos sobre estas novas modalidades

CONSULTE
BUISSON
VIAGENS TURISMO
RUA BRAAMCAMP, 15-D
Tels. 40455-40468-560388
Telg. BUISTOUR-Telex 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

post-scriptum

O povo de Cacia e a poluição do Vouga

A Celulose de Cacia e o Caima Pulp, fábricas actualmente poluidoras, tornaram o Vouga um rio de frustração, desespero e morte. A grande seca deste ano, que reduziu o caudal do Vouga a uma expressão de que não há memória, agravou ainda mais o coeficiente poluidor das águas.

A partir da confluência das águas, do Caima o oxigénio do Vouga fica reduzido a zero; e o mal agrava-se ao chegar a Cacia, com a junção dos efluentes da Fábrica de Celulose, transformando o Vouga num repugnante cano de esgoto de lamas negras, detritos e óleos, que tudo queimam na sua passagem directo à ria.

São pastagens e arrozais queimados; são pessoas e gado a definharem...

Desde o princípio deste ano, graças a um novo espírito de comunidade — a Celulose está nacionalizada! — que tem havido uma série de reuniões entre agricultores, autoridades, autarquias locais e técnicos da Celulose, no sentido de se encontrarem soluções para os problemas que mais directa e profundamente atingem a vida normal dos povos ribeirinhos.

Entre os vários assuntos até agora tratados — normalização das regas, funcionamento das comportas das barragens, poluição fluvial e aérea, etc. — um houve que tem merecido, desde o princípio, o interesse de todos: a canalização dos efluentes da Celulose de Cacia para um ponto abaixo da barragem de Vilarinho, perto da Boca do Rio.

O estudo técnico deste problema está feito, o projecto tem já as suas linhas mestras; nem sequer lhe falta o apoio da Direcção e da Comissão de Trabalhadores, ambas receptivas aos problemas da comunidade, principalmente aos problemas que mais afectam a lavoura e a indústria local.

A solução preconizada é a canalização dos efluentes, através da conduta fechada, ao longo de quatro quilómetros e meio, que a tanto se alarga o espaço compreendido entre a fábrica e o local de descarga...

A obra importa em milhares de contos! Mas que é isso comparado com a libertação de todo um povo sacrificado há perto de 25 anos, povo que vive a chapinhar nas lamas negras e mal cheirosas, que vê definhar a saúde do seu gado e a sua própria, os arrozais esterilizados, as pastagens sem viço?

É certo que a solução global da poluição do Vouga estará sempre dependente de um estudo que abranja todas as fontes de poluição — Caima, Celulose, indústrias várias, etc. — e ainda a água salgada que sobre rio acima, e não é a conduta agora projectada para os efluentes da Celulose de Cacia que vai resolver de imediato todo o complexo problema da poluição do Baixo Vouga. Contudo, a instalação de um «tratamento primário» que decantar e reterá os poluentes sólidos da fábrica de Cacia, complementada com a canalização dos efluentes líquidos até à foz do Vouga, permitirá libertar toda uma das mais ricas zonas para a prática normal da agricultura, com resultados rentáveis.

Este é o ponto quente que actualmente tem sido tratado nas reuniões entre agricultores, autoridades e técnicos.

Todos estão de acordo em canalizar os efluentes, somente uma divergência os separa: enquanto uns, os agricultores, as autarquias locais, as comissões de moradores e trabalhadores, e a Casa do Povo, são pela conduta fechada; outros, a Capitania e o Sindicato dos Pescadores, querem que metade do percurso seja feito em vala aberta, para oxigenação dos efluentes.

A estes se opõe todo o povo de Cacia, Vilarinho e Sarrazola, com argumentos de peso:

— Prioridade para a saúde dos homens, do gado e dos campos;

— Salvar a pista náutica do Rio Novo do Príncipe da calamidade do cheiro e das lamas negras que ficariam a correr a seu lado;

— Prevenir o perigo permanente de uma vala aberta, onde poderiam cair animais, crianças e velhos;

— Resguardar os campos do transvasamento dos líquidos venenosos aquando das grandes cheias.

São fortes estes argumentos! O povo tem no peito a força da sua razão e do seu direito à vida. De resto sente-se enganado pelas promessas que há 25 anos lhe foram feitas pelos ex-administradores da Celulose, em carta que ciosamente guardam e onde lhes era afiançado que a indústria faria a seu tempo as obras necessárias para o tratamento e canalização dos seus esgotos.

O povo e os agricultores querem o seu campo, querem afinal o que merecem: a terra que trabalham, que amam e que lhes dá o pão.

E não entendem, nem aceitam outras razões; a oxigenação dos esgotos, de duvidoso êxito, não pode ter prioridade sobre a oxigenação de toda uma terra e de todo um povo!

Miguel Carruço
CACIA, AVEIRO

Austeridade para quem?

Apenas uma breve nota, sobre uma conversa que há dias tive com um velho amigo, reformado dos Caminhos de Ferro, a propósito do regime de austeridade a que está sujeito o povo português. Desde há anos em regime de austeridade forçada, exclamava a dado passo aquele amigo:

— Austeridade ainda mais? Os conserveiros, os veterinários, etc., fazem greve. Mas nós, os reformados, que greve podemos fazer? A da fome?

Os senhores deputados que reivindicam chorudos ordenados, parece não pensarem um pouco também naqueles que têm de subsistir com uns poucos centavos das suas pensões. E ainda falam em regime de austeridade...

Austeridade para quem?

Maria L. P. M. Ventura
— MONCHIQUE

CALMAMENTE E SEM RANCOR

LUIS DE STTAU MONTEIRO

Na sua grande maioria, as pessoas que conheço, independentemente do meio social em que nasceram e da sua opção política, têm uma coisa em comum: nunca viram um «pide».

É claro que podem ter visto um agente da antiga polícia política, acidentalmente, na rua, e que podem ter acusado este ou aquele de ser da Pide, como faziam antigamente os jovens que se queriam dar ares, à porta dos cafés, mostrando-se sabidos e, até, perseguidos. A minha afirmação porém, permanece de pé: na sua grande maioria, as pessoas com quem lido diariamente nunca viram um «pide» no exercício das suas funções e nunca foram perseguidos pela Pide.

Sou, mesmo, forçado a dizer que os seus nomes nunca figuraram nos arquivos da tenebrosa polícia política.

Ao fazer esta afirmação, sei bem que assumo de livre vontade um risco perfeitamente inútil, porque todos eles prefeririam ter sido supliciados, perseguidos e seguidos pela Pide ou, pelo menos, figurarem nos arquivos da Rua António Maria Cardoso.

Nestas circunstâncias, quem vive, como eu, rodeado de «heróis» por todos os lados, fará bem em calar-se e em guardar para si o sorriso atónico que lhe aflora aos lábios ao verificar que viveu anos rodeado de magníficos «resistentes antifascistas» que, certamente por dever de ofício, lhe escondiam essa sua condição. Acontece, porém, que julgo ter chegado a altura de remar contra a maré de pseudo-heroicidade demagógica que varre as costas deste glorioso País de resistentes disfarçados e de dizer muito calmamente e sem rancor a ninguém, que urge julgar o fascismo português o mais rapidamente possível, antes que os galões dos «resistentes» sejam queimados pelo uso e os novos «antigos-heróis» regressem à passividade a que se dedicaram durante o jogo fascista.

Sei — não se cansam de me dizer — que todos eles viveram durante anos com uma imensa angústia interior mas

como tenho boa memória e me lembro perfeitamente da angústia que eu, e outros como eu, tivemos sempre que foi preciso mobilizá-los para qualquer tarefa política concreta, permito-me entender que o julgamento a que me refiro tem, efectivamente, de ser levado a cabo o mais rapidamente possível.

Isto, porque sou suficientemente generoso para fingir que esqueço alguns comentários e opiniões que ouvi a muitos destes convictos resistentes durante os últimos anos, mas esta generosidade não vai ao ponto de me levar a correr riscos perigosos e nada haveria, para mim, de mais perigoso do que ter de me defender, integrado num pelotão de tais heróis se o fascismo voltasse. Bem vistas as coisas, saneámos alguns fascistas (e outros que o não eram, para que os seus lugares fossem parados aos novos «antigos-heróis») escrevemos muitos artigos contra uns tantos, gritámos em muitas ruas e avenidas contra uns outros, difamámos muita gente, obrigámos alguns ricos a fixarem-se no Brasil, prendemos temporariamente alguns Pides e acentuámos várias bandeiras, mas não fizemos o que mais se impunha fazer e que era, como ainda é, doa a quem doer, levar o fascismo ao banco dos réus e explicar a toda a gente o que ele era e o que ele pode voltar a ser. Em lugar disso, como disse acima, personalizámos o fascismo confundindo-o com os fascistas.

Se me pedissem para definir em termos muito simples, e em função do futuro, qual foi, em meu entender, o maior erro que cometemos desde o 25 de Abril, diria que esse erro foi o de termos confundido o fascismo com o Marcelo Caetano, o Tenreiro, o Sachetti, o Silva Cunha e Aníbal Pires e outros servidores de um regime que, apesar de «novo», tinha raízes antiquíssimas no viver português.

É que ao estabelcermos esta confusão, absolvemos tacitamente o fascismo que deveríamos ter condenado, atribuindo-o à vontade de dúzia e meia de pessoas que nunca passaram de mordomos num

processo histórico que permanece envolto em mistério para a grande maioria dos portugueses.

As consequências deste erro, que já se começa a fazer sentir, podem ser extremamente graves para o futuro do País mas, para o entendermos, temos de aceitar lúcida e corajosamente, algumas realidades que poucos têm tido a coragem de aceitar publicamente, apesar de muitos, no seu íntimo, saberem perfeitamente que se deixaram acobardar pela gritaria de quantos tiveram de chamar a atenção para os outros não fosse alguém olhar para eles...

Esta falta de coragem que se apossou de tanta gente — não me apresento limpo, sob este ponto de vista — é já sinal de que nos mantemos vinculados a um comportamento fascista, já que o receio de sermos considerados isto ou aquilo e o medo de sermos mal vistos por quem detém o poder continuam a dominar-nos, tal como nos dominavam antigamente. Dir-se-ia que muitos dos que não tiveram medo da Pide têm, agora, medo dos gritadores de «slogans» decorados na véspera ou que, tendo entrado para novos clubes, preferem perfilar-se, mudos e estáticos, a correr o risco de serem classificados de «duvidosos» por gente que foi sempre duvidosa e que se defende gritando mais alto do que os outros.

A primeira realidade que temos de enfrentar, doa a quem doer, é esta: a grande maioria dos portugueses não se sentiu oprimida pelo fascismo que dominou o País durante cinquenta anos e cujas raízes se mantêm vísceras.

Pondo as coisas noutras palavras, direi que para milhares, senão milhões, de portugueses, «fascismo» é uma coisa contra a qual se é, para se não ser mal visto e, sobretudo, para não se perder o emprego.

Para a grande maioria dos portugueses, repito, o «fascismo» não passa de uma palavra agora tida por feia (mas atrás de tempo, tempo vem...) ou, na

melhor das hipóteses, de um regime que foi deposto por manter uns senhores que prendiam gente à noite e uns outros que perderam as guerras de África.

Note-se bem que esta imensa maioria dos portugueses a que me refiro não era fascista, tal como agora não é, senão acidentalmente, antifascista na medida em que foi uma coisa e agora é outra, unicamente por uma questão de sobrevivência.

Era preciso dar vivas ao Caetano para se conseguir um emprego na câmara?

Dava-se vivas ao Caetano.

É preciso, agora, dar morras ao Caetano para se não perder esse emprego?

Dá-se morras ao Caetano.

O que a imensa maioria dos portugueses não sabe é que foi o fascismo que a reduziu à situação de ter de dar «vivas» e «morras» para sobreviver.

O que a imensa maioria dos portugueses não sabe é o que foi e o que pode vir a ser o fascismo.

No que se refere às guerras de África, a posição é a mesma. Melhor: reflecte o mesmo estado de espírito, a mesma falta de saber.

Já há quem diga — esta afirmação representa um pequeno avanço — que «se efectivamente, tínhamos perdido as guerras de África, o melhor foi termos acabado com elas», mas esta concessão cheia de reticências, está pronta a recuar e assenta em dúvidas tremendas. Teríamos, efectivamente, perdido as guerras de África?

É que se não as tínhamos perdido, então...

O mal, note-se bem, não era o colonialismo, não era o processo em que estávamos envolvidos — o mal era teimarmos em gastar dinheiro numa guerra perdida.

Anda para aí muita gente que só não perdoa a Caetano o facto de ele não ter sabido ganhar as guerras de África...

Tudo isto confirma, aliás, a

Continua na pág. 4

DEPOIS, EXCELÊNCIAS, NÃO SE QUEIXEM...

Li no «Diário de Lisboa», de 11 de Agosto, um artigo intitulado «Açores — Ponta de lança do imperialismo» onde são relatados diversos factos que indicam claramente uma progressiva absorção dos Açores pelos EUA.

Não posso deixar de lembrar três outros factos recentemente passados que já são do conhecimento público e que revelam a mesma orientação: a fortíssima pressão feita pela multinacional americana ITT para instalar em S. Miguel uma exploração pecuária (1970), a defesa de um estatuto «porto-ri-queño» para os Açores feita também em 1970 por um deputado caetanista (agora do PPD), e o pedido de auxílio político (sic) aos EUA feito em Junho de 1974 pelo «MAPA — Movimento para a Autonomia dos Açores».

No artigo referido, porém, houve uma coisa que me chamou especialmente a atenção: um nome, o de Norman Bailey.

Este senhor, que, segundo parece, está encarregado pelas autoridades locais de elaborar um plano de desenvolvimento para o arquipélago, é agora colaborador na imprensa de S. Miguel e faz afirmações que, por seu lado, também são bastante reveladoras da orientação que porventura desejará imprimir ao seu «projecto».

Assim, no diário «Açores» de 30 de Julho passado, defende que «as condições laborais do continente não devem ser aplicadas na região» (dos Açores), insurgindo-se, logo a seguir, contra o facto de os deputados socialistas e comunistas terem votado na Constituinte em favor da igualdade de tais condições. O autor não especifica mais nada, mas advinha-se que se refere ao artigo 230 e al. a) da Constituição: «É vedado às regiões autónomas: a) restringir os direitos legalmente reconhecidos aos trabalhadores».

Torna-se evidente que Norman Bailey, o que quer, é mão-de-obra barata e dócil para as multinacionais. Um pouco mais adiante Norman Bailey acha «ótimo» (sic) que a luta de classes nos Açores seja praticamente inexistente e, logo a seguir, lamenta a sua recente agudização (à altura, estavam em curso 2 ou 3 greves em S. Miguel).

Para finalizar, o sr. Norman Bailey, sempre no mesmo artigo, larga esta bisca: *Como já expus várias vezes, para mim, o que é fundamental é uma separação, quanto antes, da conjuntura económica continental.*

Ora bem. Objectar-se-á que cada um escreve o que quer nos jornais. Mesmo que, sendo estrangeiro, escreva em jornais de um país que não é o seu. Mesmo que escrevendo nessa conjuntura, se lembre de criticar disposições constitucionais desse país. Mesmo que, dada a recente prática terrorista dos separatistas, as afir-

mações do estrangeiro possam constituir mais uma acha na fogueira. Mesmo que se saiba não existirem nos Açores órgãos de comunicação social, já não digo progressistas, mas minimamente sensatos. Mesmo que se saiba que aos jornais progressistas do continente é dificultada a entrada. Mesmo que... Mesmo que? Mas afinal esta situação é que constitui o caldo de cultura ideal para os apóstolos do imperialismo. Deixem pois os senhores Normans Baileys escrever à sua vontade, mantenham a onipotência dos poderosos, dêem-lhes todos os canais de informação, nada lhes oponham, abandonem o povo açoriano — o verdadeiro povo, o que trabalha — à sua sorte, deixem germinar o «porto-riquismo» pela mão dos ex-caetanistas.

Mas depois, excelências ministeriais, não se queixem.

C. B. E.

Geral

NÃO-ALINHADOS

Países africanos exigem o embargo da venda de armas à África do Sul

COLOMBO, 18 (FP, R, ANOP, «DL») — Seis países africanos, entre os quais Angola e Moçambique, apresentaram uma emenda na redacção de um importante documento em discussão na cimeira, pela qual pedem ao Conselho de Segurança da O. N. U. que imponha um embargo total e obrigatório na venda de armas à África do Sul, anunciaram em Colombo círculos afectos à conferência dos Países Não-Alinhados que está a decorrer desde segunda-feira na capital do Sri Lanka.

A emenda à declaração política da conferência foi patrocinada por Angola, Moçambique, Nigéria, Botswana, Tanzânia e Zâmbia. Na declaração deplora-se, igualmente, a acção da França, da Alemanha

Federal, Inglaterra e Estados Unidos por continuarem a «dar conforto e encorajamento aos regimes racistas pela sua colaboração económica, militar e financeira a esses regimes e pela recusa em apoiar os movimentos de libertação na sua legítima luta».

O Governo sul-africano foi também alvo dos ataques do ministro dos Negócios Estrangeiros do Ghana, coronel Roger Felli, que acusou o regime de Vorster de agir «selvaticamente na contenção de manifestações no bairro africano de Soweto».

«Enquanto o homem existir», disse o ministro, «a selvageria do regime racista de Vorster em Soweto será condenada». Sobre a Rodésia, o coronel Felli pediu à conferência que

apoiasse o ponto de vista segundo o qual a luta armada é a única opção que resta.

TESES PROGRESSISTAS GANHAM VOLUME E APOIOS

A proposta de emenda sobre a África do Sul e a posição de extrema dureza da generalidade dos países africanos em relação ao regime ilegal de Ian Smith, na Rodésia — no que têm o apoio do secretário-geral da O. N. U. — está a acentuar a clivagem que já se sabia existir entre os Países Não-Alinhados. A clivagem tornou-se evidente com a entrada de alguns países que estão a construir o futuro segundo modelos não-capitalistas, após haverem triunfado em longas lutas armadas de libertação nacional. É o caso de Angola, Vietname, Moçambique, Guiné-Bissau, Camboja, Coreia do Norte.

A generalidade dos países africanos seguem uma linha dura em relação ao imperialismo, com as habituais excepções do Senegal, Tunísia, Marrocos e Costa do Marfim. Enquanto os países comprometidos com uma linha próxima

do socialismo se preparam para impor nas declarações finais uma posição mais radical em relação aos grandes temas em discussão — independência relativamente aos blocos militares, interdependência e solidariedade dentro do movimento, e auxílio aos movimentos revolucionários — os ditos «moderados» preocupam-se, sobretudo, com o desenvolvimento económico, o desarmamento e a paz.

Notas pontuais desta clivagem encontram-se na justaposição dos discursos do presidente Tito e Boumedienne, ou nas intervenções de ontem em que o primeiro-ministro norte-coreano acusou, violentamente, os Estados Unidos de terem transformado a Coreia do Sul numa «base de ataque nuclear», e o chefe de Estado cambojano, Khieu Sampham,

classificou os U. S. A. de serem «a mais bárbara potência que usou todos os géneros de armas, excepto a bomba atómica», contra o seu país. «Mais de um milhão de cambojanos», disse, «numa população de oito milhões, foram vítimas da guerra; centenas de milhares de cabeças de gado foram mortas, arrozais e aldeias destruídos e mais de 80 por cento da rede de comunicações danificada».

A diferença entre «moderados» e «radicais» surge também ao nível do vocabulário da redacção dos documentos da conferência. Assim, surgiram protestos do bloco dito «moderado», com o Senegal à frente, pelo facto de palavra «unidade» ter substituído a de «solidariedade» dos Países Não-Alinhados. A lista dos radicais engrossou com o ataque violento do Panamá, através do

general Omar Torrijos aos Estados Unidos, pelo comportamento norte-americano na zona do canal. Apelo também aos Não-Alinhados para que apoiem a exigência do Panamá para que acabe o domínio norte-americano no canal.

Um facto é certo: mesmo dentro do movimento dos Países Não-Alinhados, um grupo heterogêneo que vai desde a desenvolvida Jugoslávia ao paupérrimo Tchade, desde a socialista Coreia do Norte à quase feudal Arábia Saudita, as teses progressistas ganham peso, consistência e apoios, dia a dia. Isto prova que a correlação de forças no mundo, fruto das lutas de libertação, deixa de ser favorável ao imperialismo e aos sistemas sociais que entroncam na cobertura militar e económica dos Estados Unidos.

Álvaro Cunhal na Bulgária

Encontra-se na Bulgária, a passar férias, o secretário-geral do Partido Comunista Português, dr. Álvaro Cunhal, que foi recebido em Varna, à beira do mar Negro, pelo presidente da República, e líder do Parti-

do Comunista Búlgaro, Todor Zhivkov — anuncia a agência noticiosa BTA.

Em Varna encontra-se também o líder do Partido Comunista da Mongólia, Yumzhagin Tsendenbal.

CALMAMENTE E SEM RANCOR

Continuação da pág. 3

tal realidade que não temos a coragem de enfrentar e que consiste no facto de, na sua grande maioria, os portugueses não terem sentido a opressão fascista e de, por isso, mesmo, não estarem aptos a defender-se contra o regresso de um regime fascista mascarado com outro nome qualquer.

O erro, doa a quem doer — e a mim, doi-me muito — foi praticado por uma esquerda assente em gente que efectivamente sentiu o peso do fascismo mas que ou esteve muito tempo nas cadeias ou num dos dois exílios possíveis aos por-

tugueses — o exílio do estrangeiro ou o exílio de um dos inúmeros cafés em que amigos e correligionários se juntam na firme convicção de estarem a dialogar quando estão, de facto, empenhados num monólogo em que entram diversos participantes.

O erro, repete-se, foi de quem não se deu ao cuidado de estudar as estruturas do País, de quem se confundiu com a opinião pública, de quem tomou a teoria pela verdade portuguesa. O erro — nunca é demais insistir, apesar da insistência ser inútil — foi de quem não percebeu que a gritaria dos dois primeiros anos da democracia não enganou ninguém senão os seus promotores, já que estes, e só estes, é que não se aperceberam de que os gritos de um povo despolitizado, tal como os «slogans» de um povo despolitizado, em lugar de contribuir para a sua politização, agravam a sua despolitização, se é que não são a prova dela, como se verificou na Alemanha nazi e na Itália fascista.

A «sloganite» aguda que se apossou do País depois do 25 de Abril, tal como a repetição entusiástica e monótona de frases feitas, não se limitou a amedrontar gente que poderia ter sido ganha para o processo democrático — lançou uma cortina de som sobre o passar do tempo que deveria ter sido usado para bem de quantos não tinham sentido as garras do fascismo, explicando-lhes em termos racionais (isto é, sem palavras de ordem, sem berrarias emocionais e sem frases feitas) o que tinha acontecido ao País.

Atordoados pela berraria e pelos bombardeamentos verbais de que eram vítimas, os menos lúcidos deixaram-se embalar sem se aperceberem que tinham entrado num jogo que não levava a nada senão à desilusão e ao enjoo.

Pior: todos perdemos um tempo precioso que é preciso recuperar a todo o custo porque os minutos que passam confirmam a convicção ancestral em que se vive de que isto de política, a única verdade dita até hoje foi dita pelo Brito Camacho.

O facto de termos personalizado o fascismo tem dois perigos que reputo extremamente

graves: leva as pessoas a creem que, uma vez liquidados politicamente os designados fascistas, o fascismo desaparece e permite, por isso mesmo, que ele volte.

Não tenho dúvida em afirmar que dentre os políticos dos últimos anos do regime fascista, o que mais facilmente aceitaria uma solução política para as guerras coloniais era Marcelo Caetano como, ainda recentemente, me confirmou o senhor general Costa Gomes. Até por isso, não tenho dúvida em afirmar que os mais interessados, neste momento, em atribuir-lhe toda a «culpa» do prosseguimento das guerras ultramarinas são, precisamente, os que mais contribuíram para que ele prosseguisse nessa senda.

Também não tenho dúvida em afirmar que esta política de personalizar o fascismo só serve os interessados em conseguir a liquidação individual dos fascistas para confundirem o País dizendo que o fascismo morreu com eles.

Sei bem que descubro o flanco ao dizer isto e que vai haver quem me acuse de defender os Pides ou de não os desejar no banco dos réus. Quem me acuse de tais coisas — neste país as pessoas têm de se defender de avanço porque abunda a asneira e domina a frase feita e a ideia decorada — não sabe como eu odeio a Pide — (todas as Pides) e, possivelmente não tem dessa instituição o saber de experiências feito que, infelizmente, tenho.

Mas, tal como não ingressei na «comiciante sloganística» que atacou a minha terra depois do 25 de Abril, nem gritei mais do que o estritamente necessário para desabafar, sem perder o dom de raciocinar por mim, também não permito que as emoções ou os estados de espírito determinem as opiniões que tenho, nem saltito de «slogan» em «slogan» na convicção de estar a raciocinar.

Por outras palavras: não confundo alhos com bugalhos e declaro, por isso, que embora seja necessário julgar os Pides, é muito mais importante julgar o fascismo que eles serviram.

É que, de outra forma, vão-se os Pides, mas pode voltar o fascismo.

PUB.

A LUTA CONTINUA COMUNICADO

DOS TRABALHADORES DA DIOGO D'ÁVILA

Na manhã de segunda-feira, dia 16 de Agosto de 1976, a Comissão de Trabalhadores e Comissão Intersindical, foram informadas por um representante da Administração da Fábrica Diogo D'Ávila da urgência de se entregar uma encomenda de cabos para a República da Guiné-Bissau.

Esta «informação» colocava uma questão melindrosa aos trabalhadores que tinham decidido em Plenário Geral de 12 de Agosto de 1976 não deixar sair nenhum material da fábrica.

Rapidamente saiu uma delegação dos trabalhadores para contactarem com a embaixada da Guiné, na própria manhã do dia 16 de Agosto, para confirmarem a «informação» da Administração.

Depois de regressar à fábrica, esta delegação vinha convicta da necessidade vital que esta encomenda representa para o povo da Guiné assim como para o seu programa de desenvolvimento económico.

A Comissão de Trabalhadores, Comissão Intersindical e Sindicatos presentes (Químicos, Electricistas do Sul, Rodoviários de Lisboa e Metalúrgicos de Lisboa) ponderaram esta situação e deliberaram convocar um Plenário Geral de Trabalhadores para análise rápida desta situação.

A 14.30 h. o Plenário Geral de Trabalhadores reuniu-se e deliberou por esmagadora maioria entregar a encomenda à República da Guiné-Bissau, sem que isso represente um qualquer prejuízo para a forma de luta encetada pelos trabalhadores dos Cabos D'Ávila.

Esta decisão dos trabalhadores da Fábrica Diogo D'Ávila revelou, mais uma vez, a grande maturidade e elevada consciência de classe que eles já demonstraram em várias ocasiões.

Entenderam os trabalhadores que esta era talvez uma ocasião única para poderem manifestar a sua solidariedade com o Povo irmão da Guiné-Bissau, empenhado em construir uma sociedade justa e melhor — O SOCIALISMO.

Entenderam os trabalhadores que esta posição não representa um recuo, nem uma cedência face à Administração da empresa.

Entenderam ainda os trabalhadores reunidos em Plenário Geral de Trabalhadores que a LUTA CONTINUA até à nomeação do terceiro árbitro, para conclusão rápida e satisfatória do ACT em negociação desde Maio de 1976.

A posição assumida pelos trabalhadores da Fábrica Diogo D'Ávila deve ser compreendida como uma manifestação consequente de solidariedade com os povos explorados de todo o mundo e em particular com os povos irmãos das antigas colónias, que selaram com o sangue de milhares de heróis e mártires a unidade com o povo português, submetido a uma ditadura fascista e obscurantista durante 48 anos, responsável por milhares de mortos provocados pelas guerras suicidas nas antigas colónias e jovens nações africanas de expressão portuguesa.

**VIVA A SOLIDARIEDADE ENTRE TODOS OS TRABALHADORES!
VIVA A SOLIDARIEDADE ENTRE O POVO PORTUGUÊS E OS POVOS DAS JOVENS NAÇÕES AFRICANAS (ANGOLA, GUINÉ BISSAU, MOÇAMBIQUE E S. TOMÉ E PRÍNCIPE)!
VIVA A SOLIDARIEDADE DOS TRABALHADORES PORTUGUESES COM OS TRABALHADORES DA REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU!**

A LUTA CONTINUA!

A COMISSÃO DE TRABALHADORES DA DIOGO D'ÁVILA
A COMISSÃO INTERSINDICAL DA DIOGO D'ÁVILA
O SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE LISBOA
O SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL
O SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS DE LISBOA
O SINDICATO DOS QUÍMICOS DE LISBOA

Portela da Ajuda 16 de Agosto de 1976

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 68/76

Faz-se saber que no dia 31 de Agosto de 1976, pelas 15.30 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para o FORNECIMENTO DE 250 000 EXEMPLARES DE UMA BROCHURA ILUSTRADA ALUSIVA A «ALFAMA» de licitação de 1 050 000\$00 (Processo n.º 31/76/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 26 250\$00 e o definitivo de 5 % da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal n.º 7673, de 24-10-1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, 5 de Agosto de 1976.

O Presidente da Comissão Administrativa — Lino José Góis Ferreira (Coronel).

"Jornal do Comércio" será suspenso

O «Jornal do Comércio» deixará de publicar-se no fim deste mês, provavelmente entre os dias 25 e 30 de Agosto — confirmou à ANOP um dos administradores da empresa que edita aquele matutino.

Inicialmente esteve previsto o dia 21 para a suspensão do jornal, mas problemas entretanto surgidos obrigaram à alteração da data.

Por outro lado, as administrações do «Diário de Notícias» e do «Jornal do Comércio» deverão entregar em breve às au-

toridades competentes um projecto de fusão, que engloba a situação do pessoal.

Entretanto, foi publicado no «Diário da República» o despacho do ministro da Comunicação Social do VI Governo Provisório, Almeida Santos, que prevê a suspensão do «Jornal do Comércio», o «diário mais antigo do País». Recorde-se que a informação económico-financeira do «Jornal do Comércio» será integrada em suplemento do «Diário de Notícias».

SANEAMENTOS E RECLASSIFICAÇÕES

Penas anuladas a professores e juizes

Três professores catedráticos da Universidade do Porto e quatro juizes vêm hoje anuladas no «Diário da República» as diversas penas de que foram objecto em tempo. As penas iam da demissão ou aposentação compulsiva à simples transferência, e a decisão de as anular é da responsabilidade da Comissão de Análise de Recursos de Saneamentos e Reclamação.

Fernando Octávio dos Santos Pinto Ferrão, Fernando Maria Alberto de Seabra e António Augusto Ferreira da Cruz, professores catedráticos respectivamente de Ciências Económicas e Letras da Universidade do Porto, são os professores cuja situação do despacho ora publicado revê, ao abrigo de uma resolução do C.R. datando de Março último. Os juizes cuja situação foi igualmente revista são Alcindo Augusto Costa, Fernando Quesada Pastor, Manuel dos Santos

Carvalho e Vitor Manuel Lopes de Sá Pereira. Simultaneamente, e ainda no âmbito dos Ministérios da Educação e da Justiça, foram anuladas uma pena de demissão a um professor do ensino primário e a um contínuo (da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto). Dois inspectores da Polícia Judiciária, um que havia sido transferido (Luís Gonzaga Saraiva Dinis da Fonseca) e outro demitido da corporação (Bento Garcia Domingues), também têm anuladas as penas que lhes foram aplicadas.

Da folha oficial de hoje constam ainda anulações de penas a inúmeros funcionários dos Ministérios do Comércio, dos Transportes e Comunicações, das Finanças e do Trabalho.

Igualmente, um despacho proveniente da Presidência do Conselho de Ministros e datando de 30 de Julho último anula a pena de aposentação aplicada em 30 de Setembro de 1975 a João Carlos Becket da Assunção que foi chefe de divisão da Radiodifusão Portuguesa. Becket da Assunção (conhecido como autor de livros para a juventude) vê a pena que lhe fora aplicada substituída por outra, esta de transferência («sem diminuição de categoria ou vencimento, dentro do mesmo departamento, com todas as consequências legais» — nos termos do despacho que a folha oficial publica).

As presentes decisões datam de 11 do corrente e trazem a assinatura do presidente da Comissão responsável, o brigadeiro J. Rodrigues de Carvalho.

Extinto o Grémio de Mortágua

Um despacho conjunto dos Ministérios da Agricultura e Pescas, Comércio Interno e Trabalho, e publicado hoje no «Diário da República» extingue o Grémio da Lavoura de Mortágua. Trata-se de um dos últimos grémios que restavam dum processo de extinções desencadeado em Setembro de 1974, e a decisão data de Junho último. Só hoje, no entanto, conhece letra impressa na folha oficial.

ASSALTO AO BANCO PINTO E SOTTO MAYOR DE ALBUFEIRA

Recado dos bancários: "Vão trabalhar, malandros"

Durante a manhã de hoje, funcionários do Banco Pinto e Sotto Mayor estavam ainda a fazer contas ao assalto. Ontem à tarde, foi ali recebida a visita de seis assaltantes que limpavam as caixas. Enquanto aquilo durou, rostos descobertos e mãos armadas, os assaltantes ouviram das boas. Eram os bancários a tentar desmoralizá-los: «Vem para aqui tirar o dinheiro de quem trabalha... vão trabalhar, malandros...»

O assalto verificou-se às 14.05, na delegação do B.P.S.M. da Albufeira. Poucos minutos depois os assaltantes estavam cá fora, metiam-se em dois Volkswagens brancos e desapareciam. O caminho fora desimpedido: um cúmplice da quadrilha aconselhara os automobilistas a abrir caminho porque «vem aí uma ambulância!»

O ASSALTO

Um porta-voz do banco confiou-nos esta manhã que ainda não se sabia, concretamente, quanto é que os assaltantes tinham levado das caixas.

Quanto à operação propriamente dita: quatro dos delinquentes entraram nas instalações, e os outros dois mantiveram-se cá fora, cada um deles ao volante de um «Volkswagen». Lá dentro, o costume, «isto é um assalto», e frases assim.

Os clientes do Banco (apareceriam mais dois durante o assalto) foram convidados a escostar-se à parede, devendo os empregados baixar a ca-

beça e levantar as mãos.

Segundo um dos bancários, os assaltantes estavam munidos de «Walter's», notando-se que pelo menos um deles, no «VW», tinha uma «G-3».

Na intenção de fazer «render o peixe» (o alarme fora accionado e aguardava-se a todo o momento a chegada da GNR) os bancários tentaram alimentar uma discussão com as «vítimas», e houve lugar a insultos de parte a parte.

Frases curtas em inglês, trocadas entre os assaltantes, levaram a supor que um ou dois deles eram de facto de nacionalidade estrangeira. Ao cabo de sete minutos, o saco cheio de notas (escudos, francos franceses e pesetas) ouviu-se a ordem de retirada: «Let's go. Quickly».

OS ASSALTANTES

Os automóveis usados para o assalto, foram alugados no dia 7 deste mês à «Guerin» no aeroporto da Portela. Se os passaportes então apresentados não fossem falsos (e tudo indica que são) dois assaltantes estariam identificados: os «VW» foram alugados em nome de Patrick Bruce B. Olney, nascido a 1/3/51 e residente em Queen Mary Place 1.423, Southdeny - Irlanda, e Friedrich Hoch Sttermeir, nascido em 30/7/47 e residente em Westföwest, 38-Alemanha. Ao primeiro foi alugado o automóvel BT-22-68, ficando o segundo com o SO-65-62. Este último carro já apareceu, abandonado

no sítio de Patã de Baixo, a oito quilómetros da Albufeira.

Um funcionário da «Guerin» conta que os indivíduos em questão prestaram a respectiva caução (quatro contos) reconhecendo-se a um deles o direito a desconto de 10 por cento. Na circunstância, o senhor Hoch Sttermeir apresentara um cartão da associação internacional ADAC. (Curiosidade: esta associação, disseram-nos, «não passa cartões a qualquer pessoa»...)

Alguns dias depois do aluquer dos carros, uma senhora telefona para a «Guerin», dizendo que pretendia a prorrogação do prazo de devolução dos automóveis. Pensavam demorar-se mais tempo em Portugal, iam para o hotel do Guincho, e, enfim, precisavam dos carros por mais tempo. O funcionário disse-lhe que, sendo assim, teriam de passar pela «Guerin» e efectuar novo depósito. A senhora desligou. Nova ligação («desculpe, o telefone desligou-se...») e nova exigência, «terão de passar por cá...». Ligação interrompida de vez.

A partir daqui, surgiu uma ligeira suspeita, justificando-se esta recomendação: que se chamasse a Polícia se eles aparecessem. Mas não apareceram mais.

A GNR

Os jornais desta manhã dizem que, uma vez accionado o alarme, a GNR tinha corrido para o Banco Português do Atlântico (que nem tem alarme) em lugar de se meter para o Pinto e Sotto Mayor. O comandante da GNR está um bocado magoado com isto. E diz-nos que o que se passou foi que dois foram para o BPSM e outros dois para o BPA, aliás escassos 50 metros um do outro. «Em cinco minutos estavam lá». E acrescentou que, enfim, «não era caso para falarem assim da GNR...»

Quanto ao caminho tomado pelos assaltantes, o comandante esclarece: «Eles seguiram no sentido Albufeira/Branqueira e, possivelmente, alcançaram o acesso à estrada 125 para Faro».

Comerciantes açorianos querem cooperativa de transportes aéreos

Cerca de 250 empresas comerciais açorianas pediram ao Governo para se constituírem em cooperativa de transporte aéreo a fim de explorarem, em carreiras não regulares de transporte de carga, um avião «Douglas DC-6».

O objectivo dos petiçãoários consiste em obterem condições mais favoráveis do

que as actuais para o transporte dos seus produtos tanto no arquipélago como entre este e o continente. A Secretaria de Estado de Transportes e Comunicações pediu pareceres à Direcção Geral de Aeronáutica Civil, à TAP, e à S.A.P.A., a fim de se pronunciar sobre este pedido que envolve um investimento de 10 mil contos.

Repatriamento de angolanos

A questão do repatriamento dos angolanos que se encontram em Portugal foi tratada na última reunião do Conselho da Revolução de Luanda.

Presidido pelo dr. Agostinho Neto, o Conselho da Revolução (que reúne cerca de quarenta membros) é um dos órgãos de soberania de Angola.

Segundo o comunicado emitido no final da reunião, o Conselho da Revolução estudou uma série de medidas práticas com vista ao início de operação de repatriamento.

Em Portugal deve entretanto iniciar-se o recenseamento dos angolanos interessados em regressar ao seu país, que será orientado por uma comissão lus-angolana.

CABO VERDE

Abolida a distinção entre filhos legítimos e filhos naturais

O Conselho de Ministros da República de Cabo Verde aprovou a lei da paternidade e filiação, pela qual é abolida a distinção até agora vigente entre filhos legítimos e filhos naturais.

De acordo com o diploma, os filhos legítimos e ilegítimos têm os mesmos direitos e deveres, «não devendo as circunstâncias do nascimento constar dos documentos oficiais».

A lei da paternidade e filiação determina ainda a igualdade dos deveres de ambos os

MOÇAMBICANOS REFUGIADOS NA TANZÂNIA

Espera-se que mais de 10.000 refugiados moçambicanos, que fugiram para a Tanzânia durante o regime colonial português, sejam repatriados em fins de Setembro, segundo revelaram hoje funcionários das Nações Unidas.

Esses funcionários do Centro do Alto Comissário da ONU para os refugiados disseram que começara já um programa para repatriar os moçambicanos, que vivem em cinco aldeias no sul da Tanzânia.

Cerca de 21.000 moçambicanos regressaram já da Tanzânia à sua terra desde a independência de Moçambique, em Junho de 1975.

PUB

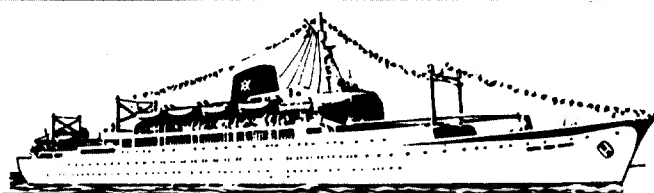
ESCLARECIMENTO

No passado dia 27/7/76 foi publicado um documento com o título «Aos Trabalhadores Portugueses, às Direcções Sindicais, ao Secretariado da Intersindical», onde no parágrafo 4.º se faz alusão ao Sindicato dos Químicos do Sul.

Esclarecemos para todos os efeitos que nos referimos ao «Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro e Sul e Ilhas, Moagens Centro e Sul», que tem sede em Lisboa.

Lisboa, 17/8/76

COMISSÃO DE REDACÇÃO DE CARTA ABERTA



2 MAGNÍFICOS CRUZEIROS YBARRA

XIV CRUZEIRO AO MAR NEGRO

XI PEREGRINAÇÃO A TERRA SANTA

De 27/8 a 12/9/76
SAÍDA DE BARCELONA
visitando:

De 13 a 29 de Setembro
SAÍDA DE BARCELONA
visitando:

SANTORIM
YALTA
ODESSA
CONSTANÇA
VARNA
ISTAMBUL
PIREU (ATENAS)

BARCELONA
HAIFA
ISTAMBUL
PIREU (ATENAS)



TRASANTLÂNTICO "CABO DE SAN ROQUE"
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

agência marítima transatlântica, lda.
RUA DO ALECRIM, 20 • LISBOA • TEL. 324351

Estrangeiro



MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-CEAL), a que se refere o processo 8/57913, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de Vila Nova de Milfontes, concelho de Odemira, de uma linha aérea a 15 kV com 100 metros ao poste n.º 162 da linha para Vila Nova de Milfontes.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento em 31 de Julho de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Rodésia a caminho do Zimbabwe

A minoria branca da Rodésia está a ver bastante escuro o actual momento histórico que a África Austral está a viver. A independência concedida (e ganha com muito sangue) às antigas colónias portuguesas veio mexer com todo um «establishment» propício à exploração da maioria negra. Ian Smith teima em manter um sistema há já muito tempo condenado: os brancos são os brancos, os negros são os negros. Melhor: os brancos governam, os negros são governados. Opõe-se o primeiro-ministro rodésiano à transferência de poderes para a maioria africana, servindo-se, para tal, dos mais diversos argumentos. Afirma, por exemplo, que «a maioria dos negros acredita que uma mudança revolucionária é a pior coisa possível para a Rodésia. Eles viram a tragédia e o desastre associados a isso em países vizinhos...» Mas tais juízos não colhem — e os nacionalistas rodésianos, sempre animados de justiça, já deram ao país o nome que ele merece: Zimbabwe.

Ian Smith, então, estremece. E declara que está disposto a avistar-se com os nacionalistas africanos em qualquer altura.

Hesita, no entanto. Hesita — e declara com outro rosto (perante as câmaras da BBC): «Mas se os negros se limitam

PEDRO ALVIM

a dizer um homem, um voto, então, nada feito. Não vale a pena».

O VERÃO QUENTE DA ÁFRICA AUSTRAL

Até os conservadores britânicos se arrepiam ante tais afirmações. Assim, por exemplo, Reginald Maudling, informador dos Assuntos Externos do Partido Conservador, chega ao ponto de afirmar que Ian Smith está ultrapassado. «Os seus propósitos não conduzem à paz, não conduzem à solução dos problemas internos da Rodésia.»

Evidentemente que Maudling tem uma carta na manga: ele pretende (segundo informações prestadas igualmente à BBC) que os Estados Unidos intervenham com a sua mãozinha hábil na condução do pro-



Tropas da Rodésia protegem um «combóio de automóveis que circulam numa estrada do sul, onde têm actuado os guerrilheiros

cesso rodésiano. Tal manobra, de acordo com Maudling, permitiria «uma transmissão constitucional de poderes de uma maneira pacífica».

Mas... Mas (como é óbvio) a intervenção dos Estados Unidos implicaria compromissos que certamente não são gratos à maioria negra. E isso porque (utilizando agora palavras textuais de Henry McOne, do Movimento de Libertação daquele país negro) «o futuro sistema do Zimbabwe será socialista e a condução dos seus contactos estrangeiros rege-se-a pelo não alinhamento».

Neste Verão quente de 76 para a África Austral, vale a pena atentar nas seguintes palavras de McOne:

«Desde que decidimos pegar em armas no final do ano passado, o número dos nossos combatentes tem aumentado diariamente, cifrando-se o seu número, neste momento, em seis mil. Além disso, vinte e dois mil encontram-se estacionados em Moçambique. (...) O sucesso da luta travada pelo Movimento de Libertação do Zimbabwe é uma questão de meses. Apenas tropas estrangeiras poderão manter Ian Smith no poder».

UMA OPÇÃO
UMA TEIMOSIA

Temos, pois, uma opção por parte da maioria negra — e uma cega teimosia da parte de Ian Smith. Neste balançar da questão, eis se levanta uma voz inteligente, impregnada de desanuviamiento: a de Donald Lamont, bispo católico de Umtali.

Eis as suas palavras, uma carta dirigida a Ian Smith, cuja política racial já por diversas vezes lhe tem merecido a mais veemente condenação: «A minha consciência obriga-me a comunicar-lhe que a sua administração, pela sua política claramente racista e

opressora e pela sua teimosia em aceitar uma mudança, é largamente responsável pelas injustiças que provocaram o actual estado de desordem no país, e, nessa medida, pode ser considerada culpada de qualquer infortúnio ou derramamento de sangue que se lhe seguir».

E acentua o bispo Lamont: «A intensificação do ódio racial, o alastramento da guerrilha urbana, que já causaram muitas mortes e perdas de bens, poderão fazer eclodir a guerra racial no subcontinente africano, pelo que a trágica acção governamental de Ian Smith deveria ser alterada sem demora».

Mais: Donald Lamont manifestou compreensão pelo envolvimento dos negros rodésianos na actividade das guerrilhas. «Eles sentem-se obrigados a lutar pela eliminação de toda a espécie de discriminação que degradou o seu povo e os transformou em pessoas de segunda classe na sua própria terra.»

...Mas Ian Smith é Ian Smith: primeiro-ministro de um país cuja independência não foi reconhecida por nenhuma nação (embora tenha vindo a contar com o apoio do imperialismo), ele é, neste momento, um homem fora das realidades — tão aflito (vamos citar um telegrama da ANOP) que já «dirigiu uma carta a 2 280 cidadãos brancos de Salisbúria e de outras cidades da Rodésia pedindo-lhes que renunciem ao pedido de um passaporte de emigração e que fiquem no país. No entanto, segundo os jornais de Salisbúria, nenhum pedido foi retirado. Os observadores notam que mesmo numerosos partidários de Smith já não têm confiança no futuro do regime imposto pela minoria branca da Rodésia». É caso para dizer que já os ratos abandonam o barco de uma política injusta, cruel, ignorante de todos os valores humanos...



Rodésianos manifestam-se contra o regime minoritário de Ian Smith

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL COMUNICADO

A Comissão Democrática Administrativa da Câmara Municipal do Seixal apenas ao serviço dos interesses dos trabalhadores do concelho, não pode deixar de repudiar, veementemente, a complacência com que estão a ser mimosados os carrascos e os traidores do povo.

A libertação, a ritmo assustador, dos Pides, o regresso do traidor Spínola e seus lacaios, faz recear pelo avanço do processo democrático e por quem nele está verdadeiramente interessado.

Permitimo-nos, mais uma vez, alertar os trabalhadores contra as manobras mais ou menos inconfessadas dos reaccionários, a actuarem cada vez mais às claras, a soldo do capital monopolista e latifundiário, a soldo do imperialismo.

As Autarquias, não deverão ser meras máquinas burocráticas, devem exprimir sempre os sentimentos gerais da população em que estão inseridas. Não temos dúvidas de, com o nosso repúdio para com a corja fascista, estar fielmente a exprimir o sentir dos trabalhadores do Concelho do Seixal

Prisão imediata, julgamento e punição severa para os traidores do povo e da democracia.

A COMISSÃO DEMOCRÁTICA ADMINISTRATIVA
CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO SERVIÇOS TÉCNICOS

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DO EMISSÁRIO DA VIA-RÁPIDA (gg1-gg8)

ANÚNCIO

Faz-se público que se encontra aberto concurso público para a arrematação acima referida, sendo de 30 (trinta) dias o prazo de apresentação das propostas, o qual será contado a partir do dia seguinte do da publicação deste anúncio no «Diário da República».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 10 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de 30 dias fixado neste anúncio, na Secretaria dos Serviços Municipalizados de Almada.

A base de licitação é de 3 969 833\$00. O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência ou nas suas respectivas filiais é de 99 245\$90 e o definitivo de 5% sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes devem ser titulares do alvará de empreiteiros de obras públicas da V categoria, 4.ª subcategoria e da classe correspondente ao valor da obra apresentada. Publique-se.

Almada, 11 de Agosto de 1976

O Presidente do Conselho de Administração
José Manuel da Costa Morgado

Saidy Mingas (Angola) visitou Cabo Verde

Uma delegação da República Popular de Angola visitou Cabo Verde, na semana passada, para «conhecer as dificuldades do povo e dos dirigentes cabo-verdianos e saber em que medida Angola poderá ajudar Cabo Verde e em que medida a experiência de Cabo Verde poderá ajudar a tarefa da reconstrução nacional em Angola», segundo declarou Saidy Mingas, chefe da delegação.

Aquele responsável angolano, que é membro do Comité Central do MPLA e secretário de Estado das Finanças da RPA, acentuou, na altura, os laços de amizade que uniram

o PAIGC e o MPLA no combate ao colonialismo português, para afirmar:

«A luta do povo de Cabo Verde na reconstrução nacional do seu país é, sem dúvida nenhuma, muito mais esforçada e muito mais difícil do que aquela que nós fazemos. E estando certos da vitória do povo de Cabo Verde, estaremos igualmente certos da vitória do povo angolano.»

Com a delegação angolana, durante a sua estadia em Cabo Verde, trabalharam o ministro da Economia, Osvaldo Lopes da Silva, o director-geral da Emigração e o director da Cooperação Internacional.

Nacional

INCÊNDIOS

O povo de Paradança
veio para a rua

MONDIM DE BASTO, 18 — Com a população já nas ruas preparando-se para abandonar a povoação se as chamas que a cercavam não fossem detidas a tempo, bombeiros e populares conseguiram pôr termo a um incêndio que ameaçou Paradança e que chegou a ter uma frente de dez quilómetros. O fogo devastou uma vasta área de matas municipais e dos serviços florestais admitindo-se que tenha causado prejuízos da ordem dos milhares de contos. Combateram as chamas os Bombeiros Voluntários de Vila Real e de Salvação Pública e, ainda, militares do Regimento de Vila Real.

DOMINADO O INCÊNDIO
EM ALBERGARIA-A-VELHA

ALBERGARIA-A-VELHA, 18 — Por volta das duas horas da madrugada, os Bombeiros Voluntários desta vila consideram dominado o incêndio que eclodira, em duas frentes, neste concelho, e que chegara a ameaçar as casas do lugar do Jogo e as instalações das empresas Padileca e Madeinorte.

Participaram no combate às chamas cinco corporações de bombeiros apoiadas por brigadas dos Serviços Florestais de Agueda e de Aveiro.

ESTÃO LIVRES
DE PERIGOOS PAÍÓIS
DA NATO

Considera-se inteiramente extinto o incêndio que se declarou por volta das 16 horas de anteontem no Pinhal dos Frades, na zona exterior do depósito de munições da N. A. T. O. Devido à direcção do vento, as chamas alastraram para o interior do depósito numa frente de cerca de 800 metros, não se tendo registado desastres pessoais ou prejuízos avultados, graças ao tipo de construção e às medidas de segurança em vigor, de acordo com as quais não são permitidas construções numa zona de servidão militar que rodeia os paíóis. Num comunicado distribuído ontem à tarde, o Estado-Maior da Armada agradece a todos os que colaboraram na extinção do incêndio.

Determinado inquérito

às publicações do F.A.O.J.

Por determinação do ministro Sottomayor Cardia, a Secretaria de Estado da Juventude e Desportos vai instaurar um inquérito sobre a edição, aquisição e distribuição de documentação pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis no âmbito da respectiva Divisão de Estudos e Planeamento.

Para lá deste inquérito, o secretário de Estado dos Desportos manda suspender, através de despacho, Octávio Augusto Quintela, licenciado em Filologia, do cargo de chefe de Divisão do F.A.O.J. Também um despacho da mesma origem suspende, das suas funções no F.A.O.J., Maria da Graça Baptista Guedes, licenciada em Filologia.

Recorde-se que Octávio Quintela tinha sido ultimamente alvo de o matutino «O Dia», pela sua responsabilidade na edição dos cadernos «Juventude e Cultura» do F.A.O.J.

Energia sem cortes
até ao fim do mês?

Espera-se que as autoridades governamentais responsáveis pelo sector da energia eléctrica anunciem até ao fim desta semana se a suspensão dos cortes decidida para as três primeiras semanas deste mês se mantém ou se novos cortes serão aplicados a partir de segunda-feira.

Embora Agosto seja um mês de menor consumo de energia, dado ser período de férias em que muitos complexos industriais paralisam a sua actividade, o levantamento das restrições tem tido resultados positivos, o que leva técnicos do sector a admitir que o fornecimento de energia continue a fazer-se sem cortes até final deste mês.

Segundo informações fornecidas pela E.D.P. (Electricidade de Portugal), foi mínimo o consumo de água das albufeiras na primeira quinzena de Agosto, em que a energia produzida foi de 17 GWH (gigawatts hora), ritmo que, a manter-se, significará que a produção total deste mês, com recurso às albufeiras, seja da ordem das 34 GWH, isto é, pouco mais de metade da produção de Julho que, mesmo com restrições, foi de 65 GWH.

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS
DO DISTRITO DE SETÚBAL

ESCLARECIMENTO PÚBLICO

AOS METALÚRGICOS

AOS TRABALHADORES FILIADOS NOS SINDICATOS DA "CARTA ABERTA"!

À COMISSÃO DA CARTA ABERTA

A todos os trabalhadores

O Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal foi surpreendido pelo comunicado inserido nos órgãos de Informação, no passado dia 17, da autoria da Comissão de Redacção da «Carta Aberta».

Não nos referimos a uma Comissão de Redacção mas sim à Comissão de Redacção, querendo com isto dizer que conhecemos a dita Comissão. Com efeito, temo-nos encontrado — ainda que escassas vezes — nas lutas sindicais de há seis meses a esta parte. Nunca nos furtámos, em qualquer circunstância, ao diálogo unitário proposto por esta Comissão.

Porque o comunicado acima citado contém inexactidões, as quais, nunca ouvimos, de viva voz, aos membros da dita Comissão, eis a razão da nossa surpresa.

INEXACTOS E COM FRACA MEMÓRIA

1 — «... centenas de Dirigentes Sindicais...» é a primeira expressão contida no comunicado, que é objecto da nossa crítica.

a) Não sendo citados os nomes das Direcções Sindicais signatárias da Carta Aberta, pretendem os autores do comunicado, induzir os trabalhadores num erro, a saber:

— que as Direcções signatárias não estão filiadas na Intersindical e que, por tal, legitimamente, lhes é dado o direito de exercer a crítica à Central Única (entenda-se crítica no mau sentido).

Ora, para desfazer equívocos, devemos esclarecer que: muitas das Direcções subscritoras da «Carta Aberta» pertencem a Sindicatos filiados na Inter, as quais, por motivos vários e porque as condições políticas ainda não são as que mais desejariam, não conseguiram levar os seus associados a votarem uma proposta no sentido de abandono da Central Única dos Trabalhadores Portugueses.

Convém lembrar que, nestas como em muitas outras coisas não se pode — ou não se deve! — ter um pé dentro e outro fora.

b) Ao referirem «centenas de Dirigentes Sindicais» que pretende fazer crer, aos trabalhadores, a Comissão de redacção da «Carta Aberta»?

Também aqui há que esclarecer: — As Direcções Sindicais têm, em média, quinze elementos cada;

— Se não falham as contas, e admitindo que os subscritores referiram um número da ordem dos novecentos dirigentes, por hipótese, com a expressão «centenas», esse valor não ultrapassaria sessenta Direcções Sindicais das quatrocentas existentes!

(notamos que estamos a citar valores dados pela Comissão de redacção da «Carta Aberta».)

2 — Referem os signatários que «efectuam encontros». Supomos que se referem a encontros como aquele, para o qual fomos convidados, no passado dia 11 de Agosto, nas instalações do Inatel em Setúbal.

A convocação — para discutir questões sindicais como se podia ler na convocatória — foi feita de uma forma bizarra, para quem, como os da «Carta Aberta», alardeia tanta democracia.

a) Propunha-se o Sindicato dos Bancários do Sul e Lhas, (que assinava a convocatória da citada reunião, e é um dos signatários da «Carta Aberta») discutir questões sindicais.

Mais uma vez o problema era abordado fora da estrutura do Movimento Sindical Unitário, o que veio pôr em dúvida, os intuitos de unidade de movimento sindical expressos na «Carta Aberta». Apesar de tudo o nosso Sindicato esteve presente.

b) As convocatórias para esta reunião, não conseguiram reunir mais que trinta presenças, motivo pelo qual não se concretizou a reunião. O número de presenças é elucidativo da real implantação dos da «Carta Aberta», tanto mais que se intitulam de maioritários no movimento sindical;

c) Foram convidados para esta reunião cinco Sindicatos. Se as conotações Sindicais não nos enganam, quatro dos Sindicatos presentes eram afectos à «Carta Aberta», e um à Intersindical.

O acima exposto é sobejamente elucidativo dos verdadeiros desígnios dos da «Carta Aberta».

3 — Os da Carta Aberta dizem no seu comunicado que, dos «quase quatrocentos Sindicatos» existentes, a maioria «não estão filiados na Intersindical».

Os da «Carta Aberta» aqui não insinuam: MENTEM!

Senão vejamos:

a) no dia 29 realizou-se, no Instituto Superior Técnico, uma reunião preparatória do Congresso dos Sindicatos; b) na mesa que dirigiu os trabalhos estavam presentes vários subscritores da «Carta Aberta», conforme foi noticiado pelos órgãos de Informação, e eles próprios atestam no seu comunicado.

c) na citada reunião estavam presentes duzentos e quarenta e quatro Sindicatos, trinta e cinco dos quais, não filiados na Intersindical;

d) se, mais uma vez, não falhamos as contas, dos Sindicatos presentes, duzentos e nove estão filiados na Inter, donde: a maioria dos Sindicatos Portugueses estão filiados na Intersindical.

Mais, nessa reunião estavam representados um milhão e quinhentos mil trabalhadores, estando um milhão e duzentos mil de entre eles filiados na Intersindical.

Pergunta-se:

— qual o interesse em falsear os números enganando assim os trabalhadores?

— será esta a prática corrente destes «campeões da democracia e da liberdade»?

4 — Os da «Carta Aberta» atacam — como não podia deixar de ser — o Congresso dos Sindicatos realizado em Julho de 1975. Intitulam-no de «meramente representativo de uma corrente de opinião».

8 — Os Sindicatos representados nesse Congresso foram a maioria esmagadora dos existentes. Tinham com efeito, uma só opinião: a dos explorados, jamais a dos exploradores! Na altura, não havia «Cartas Abertas» e os signatários pouco ou nada eram vistos nas lutas sindicais...

Cremos — sinceramente — que estavam à espera de «melhores condições».

Quais? Aos signatários da «Carta Aberta» cabe responder, directa e francamente, aos associados que representam.

De resto, e ainda sobre este tema, os signatários voltam à carga mais à frente, ao afirmarem que os «golpismos terminaram». A expressão «golpismo» — tão conhecida dos trabalhadores, e tão em voga em certa imprensa —, levanta um pouco o véu que mascara os reais intentos destes auto-intitulados «campeões da unidade».

Noutro ponto afirmam que o primeiro Congresso foi «presidido por representantes do aparelho de Estado. Referem-se, sem dúvida ao IV Governo Provisório — o Governo da Reforma Agrária e das Nacionalizações.

Está tudo dito.

6 — Falam os subscritores em paritarismo, para a constituição da Comissão Nacional Organizadora do Congresso dos Sindicatos.

Mas que paritarismo?

— Como o que se (não) verificou na Convocatória para a reunião do Inatel em Setúbal (ver ponto 2 -)

— Ou tendo como critério a contagem das presenças num plenário no qual fizeram parte da mesa? (ver ponto 3 -)

7 — Finalmente vem o pedido (ou exigência?) de que o Congresso se realize somente em 1977.

Que significa esta «sugestão» de adiamento do Congresso?

Será mais um pedido/exigência como o que foi feito na Assembleia Legislativa pelo Governo?

Ou será esta a forma pela qual se dará tempo ao dr. Marcelo Curto — actual ministro do Trabalho — para acabar com a Unicidade Sindical: «essa monstruosidade jurídica» — como afirmou há dias na Assembleia Legislativa?

A resposta a estas interrogações dar-nos-á sem dúvida o verdadeiro «problema de fundo», citado no comunicado da «Comissão de redacção da Carta Aberta».

8 — Que «os problemas de fundo sejam honestamente ultrapassados», são os votos dos da «Carta Aberta».

Honestamente!?

O anteriormente exposto faz-nos duvidar dos propósitos de «honestamente ultrapassar» a presente situação.

Para finalizar cremos que a unidade ainda é possível. É possível, necessária e urgente, se tivermos em conta os anseios dos trabalhadores.

Somente, parece haver duas noções de unidade. Uma, baseada no empenho sincero de defender os trabalhadores, corrigindo os erros para melhor avançar, consolidando a democracia e possibilitando a marcha para o socialismo; a outra «unidade» é baseada na necessidade de se servirem dos trabalhadores, usando, se necessário a calúnia, a mentira torpe, o falseamento deliberado de dados, em suma: A demagogia.

É este o único senão entre a nossa unidade e a outra «unidade»...

Esclarecer estas diferenças foi o objectivo deste comunicado.

UNIDADE NA ACÇÃO — A FORÇA DOS TRABALHADORES! UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

AVANTE COM O CONGRESSO DOS SINDICATOS!

Barreiro, em 18 de Agosto de 1976

O Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal (representante de 30.000 trabalhadores, filiados na Intersindical e com as quotizações em dia)

NO TEATRO

VARIEDADES

As 20.30 e 22.45 horas
(M/13 anos)

AINDA ESTA SEMANA

VASCO MORGADO
apresenta

O MUNDO
FANTÁSTICO
DA MAGIA

UMA GRANDE
COMPANHIA
INTERNACIONAL

com

RICHARDY

Óscar Mundial de Magia

SYNDRA KHAN

Campeão Mundial de
Fequirismo de 1976

RICHARD ROSS

Prémio Mundial em Paris
de Manipulação

OTTO WESSELY

Excêntrico mágico
da moda

JO PATRICK

Fantasia e Magia Negra

Ajudantes de farmácia anularam greve

Os Sindicatos dos Ajudantes de Farmácia resolveram levantar a greve que se encontrava marcada para hoje. De acordo com um comunicado que os sindicatos difundiram, «foi esta decisão tomada na sequência do acordo ontem firmado no Ministério do Trabalho em que as partes contratantes, sindicais e associação patronal, se

comprometeram a submeter a arbitragem os pontos em litígio devendo os mesmos estar definitivamente resolvidos até ao dia 31 do corrente».

A decisão de anular a greve, tomada pelos Sindicatos, sujeitando a resolução do conflito a uma Comissão de Arbitragem, poderá ter sido tomada por terem em consideração

que, os pontos que originam o diferendo têm bases legais que não poderão deixar de fazer «cair» em benefício dos trabalhadores, as decisões que vierem a ser tomadas pela Comissão.

Na verdade, tendo a questão do quadro de densidades como do pagamento das horas extraordinárias estão previstas na lei. No primeiro caso, a própria constituição prevê que a trabalho igual deve corresponder salário igual e a proposta do patronato de que os ajudantes técnicos não tivessem todos acesso às mesmas regalias não tem, portanto, qualquer suporte.

O segundo ponto, o das horas extraordinárias, também está devidamente regulamentado e a proposta do patronato que previa o pagamento dos extraordinários por cerca de metade do que se encontra previsto na lei não deverá ser atendida.

ANGRA (AÇORES)

"A Câmara tem trabalho para nos dar"

— asseguram 25 despedidos

«Somos trabalhadores válidos, não queremos estar condicionados à esmola de um subsídio de desemprego, cuja totalidade mensal não dá para satisfazer as necessidades de uma semana. Queremos trabalho e a Câmara tem trabalho para nos dar. Com estas razões 25 trabalhadores recentemente despedidos da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo (Açores), sob o argumento de que tinham terminado as obras para as quais haviam sido contratados, estão em luta pela sua readmissão».

Os trabalhadores afastados contestam o motivo invocado para os despedir: «ao termos despedidos, ninguém nos invocou falta de obras, mas sim falta de verbas para o pagamento dos salários» — afirmam. E adiantam:

«O que em boa verdade se passa é que os Serviços de Obras continuam como até ao 24 de Abril de 1974. No tempo do fascismo os trabalhadores eventuais, ao aproximar-se um ano de serviço, eram despedi-

dos para que ficassem privados dos direitos adquiridos ao perfazer esse tempo. Foi o que aconteceu agora: os assalariados eventuais continuam lesados no direito ao trabalho e consequente sustento da família e nos legítimos direitos conquistados pela prestação de serviço».

Relatando estes factos em comunicado amplamente divulgado, os trabalhadores despedidos deixam claro que não pretendem atingir propriamente a comissão administrativa da Câmara, mas sim «os fascistas que proliferam nas autarquias locais e que têm saudades dum regresso ao passado». Constatam, ainda que as razões invocadas para o despedimento se destinam a «iludir instâncias superiores e o público em geral».

Em luta pela sua readmissão, os «25» apelam para a solidariedade dos restantes trabalhadores açorianos e lembram que o direito ao trabalho e a segurança no emprego se encontram consagrados na Constituição.

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34-1.ª — LISBOA-1
Telefones: 770274 - 763276 - 770068

CONCURSO

TAXIS

ATRIBUIÇÃO DE ALVARÁS PARA O CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA

O Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, comunica a todos os seus associados que o concurso para atribuição de ALVARÁS-TÁXI no Concelho de VILA FRANCA DE XIRA, estará aberto no período de 25-8-76 a 10-10-76.

NOTA: Para outras informações dirige-te ao Sindicato

Lisboa, 17 de Agosto de 1976

A DIRECÇÃO

Sindicalistas portugueses cordialmente recebidos na R.D.A.

Uma delegação de sindicalistas portugueses foi ontem cordialmente recebida pelos trabalhadores de uma empresa popular da República Democrática Alemã — informa a Anop, em serviço da ADN.

Durante a visita à Empresa Popular da Electrónica de Televisão, em Berlim (Leste), os elementos da Intersindical que se deslocaram à RDA tiveram ocasião de se informar sobre as condições de vida e de trabalho do pessoal, bem como sobre as actividades dos deputados e das organizações sociais na empresa.

Porto de Leixões parou duas horas

Para tomarem conhecimento do curso e estado das negociações do seu contrato colectivo de trabalho, carregadores, descarregadores, lingadores, apartadores e estivadores paralisaram ontem das 15 às 17 horas.

O porto de Leixões esteve praticamente parado durante esse tempo.

O pedido de esclarecimento partiu dos trabalhadores, que queriam saber, entre outros pontos, porque motivo o contrato de Lisboa está já assinado e o deles ainda não.

Em ALVALADE-SADO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na PAPELARIA MARIA ADELAIDE



Com a readmissão do trabalhador suspenso aprovada em plenário, o trabalho recomeçou, já hoje, na E.C.A., em Alvalade do Sado

ECA

Conflito resolvido, regresso ao trabalho

Os trabalhadores da fábrica de concentrados de tomate E.C.A., de Alvalade do Sado, já retomaram o trabalho em pleno, depois de, em plenário efectuado ontem, terem resolvido respeitar o despacho do Ministério do Trabalho que manda reintegrar um trabalhador suspenso e sobre o qual impendia um inquérito disciplinar.

No plenário dos trabalhadores da E.C.A., que contou com a participação de representantes do Ministério do Trabalho e Agricultura e foi «guardado» por forte dispositivo policial, foi também tomada a decisão do referido trabalhador ser mudado de secção.

A paralisação fez correr o risco de se estragarem cerca de 200 toneladas de tomate para concentrado, mas a questão parece resolvida, segundo nos afirmou esta manhã, um mem-

bro da Comissão de Trabalhadores da E.C.A.

Os trabalhadores da Empresa de Concentrados de Alvalade decidiram parar o trabalho depois do referido trabalhador se ter apresentado ao trabalho, no dia 9, sem que primeiro tenha sido dado conhecimento do facto, nem à Comissão de Trabalhadores nem à Comissão Administrativa.

O trabalhador em questão tinha sido suspenso há cerca de cinco meses por não aceitar ordens do chefe da oficina nem do engenheiro encarregado do sector das máquinas a quem chegou a agredir.

O inquérito então pedido pelos trabalhadores, sindicatos e Comissão Administrativa da E.C.A. foi efectuado por um elemento do Ministério do Trabalho que, segundo um membro da C.T., não ouviu sequer o engenheiro agredido.

PORTO

Salários em falta tipógrafos em greve

Trabalhadores da Tipografia Domingos de Oliveira, do Porto (cerca de 70), entraram em greve, a semana passada reivindicando o pagamento dos salários a que têm direito. Isto depois de concordarem em reduzir em 15 e 10 por cento (conforme os vencimentos) os salários para possibilitar à administração pôr em ordem as contas da empresa.

Apesar da boa vontade demonstrada pelos trabalhadores a administração tem vindo sistematicamente a faltar aos compromissos assumidos. Assim, os patrões vieram há dias dizer-lhes que apenas havia di-

nheiro para dois dias de salário. Não concordaram os trabalhadores, e daí a paralisação da tipografia até que lhes seja pagos os seus salários.

Acresce que o trabalho não tem faltado e a laboração não tem sido normal. Só que, segundo os trabalhadores, as receitas terão sido desviadas para saldar dívidas contraídas anteriormente pela firma.

Entretanto, está marcada para hoje na delegação do Ministério do Trabalho do Porto uma reunião entre representantes dos trabalhadores e o patronato com vista à resolução do conflito.

No Cerro Grande continua a luta

Uma Comissão composta por elementos do Ministério do Trabalho, Turismo e Comércio Externo concluiu que o complexo do Cerro Grande (em Albufeira) é um complexo turístico com viabilidade económica, conforme os trabalhadores têm defendido.

Estes mantêm-se portanto na disposição de não permitir a entrada da administração

nas instalações da empresa até que lhes sejam pagos os ordenados de Julho, subsídios de férias e de Natal e retroactivos.

Os trabalhadores acusam a administração de manter à venda a preços especulativos casas que estão fechadas e que poderiam ter sido rendíveis na época turística.

Trabalho

Décimo Cartório

Notarial de Lisboa

A CARGO DO NOTÁRIO
LIC. MANUEL RODRIGUES
MENDES DE ANDRADE

CERTIFICO, que por escritura de 20 de Julho de 1976, lavrada de folhas 19 a 20 v.º do livro G-81 de escrituras diversas deste cartório, foi entre ARTUR FERNANDO DE CARVALHO ANDRADE e CECILIA MARIA DE SOUSA TRAVASSOS, AFONSO CONDAO constituída uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «ANDRADE E TRAVASSOS, LIMITADA», tem a sua sede e domicílio em Lisboa, na Rua Professor Reinaldo dos Santos, lote oito, oitavo andar, esquerdo, freguesia de S. Domingos de Benfica, e durará por tempo indeterminado, a partir desta data.

SEGUNDO — O objecto social é o exercício do comércio de vestuário, ou o de qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem.

TERCEIRO — O capital social é de cinquenta mil escudos, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma de duas quotas, iguais, de vinte e cinco mil escudos, uma de cada um dos sócios, Artur Fernando de Carvalho Andrade e Cecília Maria de Sousa Travassos Afonso Condao.

QUARTO — Os sócios poderão efectuar prestações suplementares de capital, ou suprimentos, conforme e for decidido em assembleia geral, devendo essa deliberação constar da acta respectiva.

QUINTO — A gerência é dispensada de caução e pertence a ambos os sócios, sendo necessárias as assinaturas conjuntas de ambos os gerentes para obrigar validamente a sociedade, e para a representar em juízo e fora dele, activa e passivamente.

PARÁGRAFO ÚNICO — Os gerentes podem delegar, por meio de procuração, todos ou parte dos respectivos poderes de gerência, em quem entenderem, e a sociedade fica também com a faculdade de constituir mandatários, nomeadamente para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

SEXTO — E vedado a qualquer gerente, delegado ou mandatário, obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e, de um modo geral, em actos e operações alheios ao objecto social.

SETIMO — A cessão de quotas entre sócios é livre, mas na cessão a estranhos é concedido o direito de preferência à sociedade, e, em seguida, aos sócios, podendo a quota ser dividida na proporção das quotas que possuírem no caso de a quota ser pretendida por mais de um sócio. Se o direito de preferência for exercido, o cedente não poderá receber valor superior ao que resultar do último balanço.

OITAVO — No caso de qualquer quota ser objecto de arresto ou penhora, a sociedade fica com o direito de a amortizar pelo valor que resultar do último balanço.

NONO — Quando a lei não exigir outras formalidades, as assembleias gerais serão convocadas por cartas-registadas, dirigidas aos sócios com oit dias de antecedência.

DÉCIMO — Os sócios que executem a sua actividade profissional, terão direito a uma remuneração de trabalho, conforme o estipulado em acta.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, na parte extractada, nada havendo em contrário ou além do que nesta se narra e transcreve.

Lisboa, vinte e sete de Julho de mil novecentos e setenta e seis.

O ajudante,
Maria Luisa Gálvez Andrade

MADEIRA

Partidas semanais as Sextas, Sábados e Domingos de Julho a Outubro

• aviões dos TAP
• magnífica selecção de hotéis, quartos com banho

8 dias desde 2890\$

VIAGENS RAWES

Lisboa - Correspondência: R. Bernardino Costa, 47
Expedito: Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231
Faro - Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 231956



Nacional

LUÍS FRANCISCO REBELO FALA DOS DIREITOS DE AUTOR

"Defendemos o autor contra todo e qualquer abuso"

Entrevista de JOSUÉ DA SILVA

Direito de autor é como se define as quantias que os autores de obras teatrais ou cinematográficas recebem como remuneração do seu trabalho quando se representa alguma peça de teatro ou se executa algum argumento cinematográfico de sua autoria (Extracto da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira).

Contudo, o **Direito de Autor** é mais extenso do que nos dá a entender esta síntese. Ele cobre igualmente a obra literária qualquer que ela seja, a difusão de poesia musicada (canções), etc. Acontece, no entanto, que embora o Direito de Autor se encontre consagrado internacionalmente por lei, nem sempre é devidamente respeitado. Não raras vezes surgem diferendos entre autores e editores, ou entre autores e difusores, ou entre autores e certas entidades, diferendos em que se pretende retirar ao indivíduo criador o seu total e inalienável direito de autoria. Não raras as vezes, também, as referidas entidades servem-se dos mais inesperados expedientes para ultrapassar a lei e não pagar ao autor aquilo a que nessa mesma lei ele tem direito.

No intuito de aclararmos toda esta imensa questão dos Direitos de Autor, decidimos pedir ao dr. Luís Francisco Rebelo, presidente da Associação Portuguesa de Autores e ele próprio autor teatral dos mais prestigiosos, que nos elucidasse em alguns pontos.

— «Na realidade» — começa por nos dizer Luís Francisco Rebelo — há uma grande confusão em torno do direito de autor, em torno do que verdadeiramente é esse direito e da sua justificação moral e social. A verdade, porém, é que nós vivemos num país em que o direito de autor se encontra reconhecido na lei desde há mais de um século.»

E Luís Francisco Rebelo recorda: — «Entre muitas coisas notáveis como por exemplo, a legislação sobre a qual se edificou todo o teatro português, deve-se a Almeida Garrett o primeiro projecto de um Diploma em que o direito de autor era reconhecido. Mais tarde, Portugal aderiu às grandes convenções internacionais que regulam a propriedade intelectual e podemos afirmar que, ao nível de legislação, os Direitos de Autor têm uma perfeita consagração entre nós. Consagração tão perfeita que até na recente Constituição da República, entre os vários direitos e liberdades fundamentais, o direito de autor foi, é, considerado. Efectivamente, quando a Constituição declara, no Art.º 42, que é livre a criação intelectual, artística e científica, acrescenta que esta liberdade compreende a protecção legal dos direitos de autor.»

O presidente da S.P.A. não omite um pormenor. O que nos agrada. Porque, uma vez consagrada a lei dos direitos autorais, pela própria Constituição vigente, será muito difícil aos trapaceiros e sovinas, portanto, a todos aqueles que, por

incúria, má intenção, inimizade pessoal, esperteza comercial ou implicações de outra ordem, tentar coactar ao autor os seus legítimos direitos sobre a obra feita».

— «Considero isto» — acrescenta Luís F. Rebelo — «uma conquista fundamental; nenhuma das anteriores constituições portuguesas, incluía, a par dos direitos e garantias dos cidadãos, o reconhecimento legal do direito de autor, que surgia em legislação própria, mas não estava contido em Diploma constitucional. Como presidente duma Sociedade de Autores e como autor, não posso deixar de me regozijar com o facto de, a Constituição da República, a qual se destina, como se sabe, a consagrar e a defender as conquistas virtuais da revolução e a institucionalizar os direitos fundamentais dos trabalhadores deste país, englobar e consagrar, entre esses trabalhadores intelectuais que são os autores».

MANOBRAS E SUBTERFÚGIOS

Pela parte que nos toca, adiantaremos, em opinião pessoal, que o autor, homem comunitário (ninguém escreve para ninguém e não haverá escritores sem a adesão dos leitores), deveria ter por princípio que a melhor forma de concorrer para uma verdadeira cultura popular era oferecer os seus livros à comunidade. Oferecer, não em sentido figurado — mas dá-los com a simplicidade e a responsabilidade de quem dá alguma coisa de útil. Este mesmo problema foi levantado, durante uma conferência de Imprensa realizada por Luís Francisco Rebelo, sobre direitos autorais, em 1973, no Palácio da Independência. O jovem que a levantou estava certo quando afirmou que «esse deusinho, que é o escritor», bem podia prescindir dos seus direitos de autoria em função duma escala que permi-

tisse às classes menos favorecidas a compra do livro por preços mais acessíveis. Certo, dissemos, e ao mesmo tempo errado, como muito bem então lhe fez notar Luís Francisco Rebelo. É que numa sociedade capitalista, numa sociedade de consumo, numa sociedade em que o comerciante é lucro, se o autor (escritor, compositor, pintor) abdicar dos seus direitos, não será o público leitor quem mais lucrará com isso. Os livros continuarão a ser caros, porque quem estabelece as margens de lucro são os comerciantes (editores e livreiros) e a pintura continuará a estar só ao alcance das bolsas endinheiradas, porque os *mercadeiros* (intermediários e proprietários de galeria) têm de sobreviver com vantagem.

Há, portanto, um direito conquistado pelos trabalhadores intelectuais e que se insere no direito geral do trabalhador consagrado na Constituição de hoje em dia. Mas, apesar disso, apesar da lei e da ordem correspondente a essa lei, o autor não está livre dos subterfúgios e das manobras dos que, quer sejam entidades particulares ou oficiais, pretendem menosprezar o autor em questão de direitos. Não estamos a criar expectativas vãs, quando, no imbróglio das faltas de compromisso aos direitos de autor, citamos, junto às entidades privadas, entidades oficiais. É que não tardará muito que não tenhamos nos órgãos da Informação um pequeno «escândalo» de falta de pagamento de direitos de autor que parte, exactamente, dum organismo oficial. Acerca de «manobras» e «fugas» a pagamento de direitos, diz-nos Luís Francisco Rebelo:

— «É evidente que não basta que uma lei, por mais importante que ela seja, consagre o Direito de Autor: é preciso saber como é que na prática se garante o cumprimento desse direito».

AUTOR NÃO TEM DIREITO À GREVE

E vêm à baila as formas de luta do trabalhador intelectual. Porque, embora os seus direitos se encontrem consagrados na lei constitucional, a verdade é que os moldes em que o autor pode, nos casos extremos de uma tomada de posição, fazer valer esses direitos, diferenciam-se bastante das formas de luta dos demais trabalhadores. Luís Francisco Rebelo pontua o facto da seguinte maneira:

— «Os trabalhadores em geral garantem o cumprimento dos seus direitos através de várias formas de luta, também elas consagradas na Constituição, uma das quais é precisamente a greve. Ora o trabalhador intelectual, digamos no caso do escritor (dramaturgo ou poeta), não pode recorrer à greve, pelo simples facto de as suas reivindicações começarem somente sobre a obra pronta».

— Temos, assim, que o trabalhador intelectual se encontra mais desamparado que qualquer outro?



Luís Francisco Rebelo: «Há uma grande confusão em torno do direito de autor»

— «Desamparado, não diria» — corrige o presidente da S.P.A. — «O que eu diria é que há formas de luta que, a não ser por excepção, não o enquadram. Contudo, ele não está só. Ora repare-se: como podem (e devem) lutar os autores que não vêem os seus direitos respeitados? Há várias outras formas de o fazer, formas que, naturalmente têm que ver com o seu caso específico de trabalhador intelectual, cujo trabalho e remuneração do mesmo se diferenciam dos princípios determinados para a generalidade dos trabalhadores. Porque enquanto normalmente o trabalho de um outro indivíduo é remunerado no imediato, quer dizer, o trabalho é prestado e a prestação desse trabalho é acompanhada duma contra prestação (a sua remuneração), o trabalho do autor é disseminado no tempo e no espaço. Ou seja: o autor que, por exemplo, escreve uma canção, vê essa canção executada nas mais diversas localidades através dos mais diversos meios de comunicação e isto até fora das fronteiras do seu país. É evidente que o autor não tem a possibilidade de acompanhar o destino da sua obra, tanto mais que a cada exibição corresponderá (tem de corresponder) uma remuneração própria. Ora, neste caso, é à Sociedade Portuguesa de Autores que cabe a responsabilidade de fiscalizar, digamos assim, o predomínio do direito autoral. Isto em relação a poetas, prosadores ou músicos».

INTERPRETAÇÃO ERRADA DA LEI

Tínhamos atingido um ponto crucial da nossa entrevista. A S.P.A. intervém, claramente, no caso específico da difusão, dentro e fora de fronteiras, duma obra. Mas, e no caso *mais vulgar*, de simples recusa, através dos mais variados artifícios, de pagamento de direitos de autor? E pusemos a L.F. Rebelo um facto concreto: certa obra de determinado autor é solicitada por um organismo oficial para, com ela, se fazer um argumento cinematográfico. A obra é aprovada, o autor inicia mesmo o trabalho de planificação. Entretanto, o filme, por razões várias, não

arranca. Tem este autor direito a receber os seus direitos ou não? A resposta do presidente da S.P.A. é taxativa:

— «Claro que tem. A lei é clara e não admite subterfúgios, venham eles de onde vierem. E a S.P.A., baseada na lei, defenderá o autor contra todo e qualquer abuso. No caso apontado, o autor viu a sua obra solicitada, investiu trabalho no citado argumento, não tem que esperar que o filme arranque ou não arranque. Desde que a culpa da não realização do filme em causa, não esteja conectada com a vontade do autor, este apenas tem que recorrer à lei para que lhe sejam pagos, os direitos. E daqui não há que fugir. O que confere ao autor o direito a ser remunerado, não é a exploração da obra — é a sua utilização. Se não se entende assim, está-se a dar à lei uma interpretação erradíssima».

A fluência de Luís Francisco Rebelo num assunto em que ele está de corpo e alma — a defesa dos direitos de autor — levou-nos a cerca de uma hora de diálogo. Infelizmente, como se calcula, nem tudo pôde ser passado ao papel. Mas cremos ter fixado o suficiente para se poder afirmar que o direito de autor é, em Portugal, neste momento e graças à acção desenvolvida pela S.P.A., um direito de facto e não uma chucha para engordar de oportunistas e mercadeiros de massa cizenta. No entanto e apesar da acção da S.P.A., os abusos mantêm-se escandalosamente. Muitas vezes, diga-se em abono da verdade, por culpa dos autores, que não se servem, nem da lei ao seu alcance, nem do apoio da S.P.A. E é preciso fazê-lo. Porque a S.P.A. não está ali, na Av. Duque de Loulé, apenas para «fazer pressão» sobre os mercadeiros da obra intelectual. Que saibam os autores deste país que dos poucos casos levados a tribunal pela S.P.A. e seus administrados, nunca os mercadeiros ficaram a ganhar. Mesmo no tempo do fascismo. O que confere à S.P.A. e à lei do direito de propriedade intelectual ou autoria, uma autoridade indelével. Que deve ser usada onde e quando se pratiquem abusos ou faltas de compromisso.



«A Sociedade Portuguesa de Autores, baseada na lei, defenderá o autor contra todo e qualquer abuso»

LAR DE DEFICIENTES MENTAIS

O exemplo vem de França



A difusão de lares para deficientes mentais ajuda a combater os fantasmas que a população constrói sobre a loucura

Num bairro da periferia de Paris, St. Maur, numa moradia que em nada se diferencia das que a rodeiam, funciona de há seis anos para cá um lar para deficientes mentais. «Os vizinhos sabem quem lá mora mas não consideram o lar como a casa dos loucos oferecendo a sua colaboração em variadas circunstâncias porque reconhecem a utilidade social do lar», afirma o psicólogo João Barroso, um dos educadores que vieram acompanhar alguns deficientes numa breve estada em Portugal.

Este lar faz parte de uma série de iniciativas levadas a cabo pela Associação de Pais de Crianças Incapazes de St. Maur (APIE). Existe ainda outro lar que tal como este se destina a deficientes homens, e há três meses foi inaugurado um lar misto. A mesma associação é ainda responsável por um Instituto Médico Educativo (OME) para crianças e adolescentes e várias oficinas protegidas (CAT). Os lares são financiados pelo Estado que atribui um subsídio de 85 francos diários (à volta dos 500\$00) por deficiente.

O pessoal que trabalha no lar é constituído por um director, responsável perante a APIE e o departamento estatal de previdência que financia as despesas, e por seis educadores que desempenham também funções de sociólogos e psicanalistas. Todos eles são formados em pedagogia especial e foram ou estão a ser psicanalisados na sua maioria.

«Porém», afirma João Barroso, «os diplomas e as diferentes formações não originam uma hierarquia estereotipada. Quando muito, há uma hierarquia informal de competência e tarefas específicas que dela decorrem. Saliento que há uma grande amizade entre os educadores e que isso tem um efeito muito positivo nos deficientes mentais.

«A vida no lar decorre assim num ambiente amigável e o mais descontraído possível.»

O encontro da nossa reportagem com os deficientes franceses e alguns dos seus educadores teve lugar numa quinta de Carcavelos onde todos se encontram a passar férias. Estiveram também presentes alguns psicólogos portugueses que apoiam esta ideia e que

gostariam de a ver concretizada em Portugal, pois como diz o dr. Aires Gameiro, «a criação entre nós de lares deste tipo seria uma solução para reduzir o número de internados nos asilos psiquiátricos, para já não falar de inúmeros casos que continuam encerrados no âmbito familiar».

SENSIBILIZAR A OPINIÃO PÚBLICA

Todos os elementos da equipa francesa são unânimes em defender a necessidade urgente de sensibilizar a opinião pública que continua bloquea-



Psicólogo João Barroso: «É necessário criar em Portugal Lares de Deficientes Mentais e as Associações de Pais podem ter um importante papel dinamizador»

da pelo fantasma da loucura, tendo uma atitude de rejeição, por vezes violenta, face aos casos de deficiência mental. A difusão de lares deste tipo constitui um ótimo trabalho neste sentido e as associações de pais, tal como aconteceu em França, podem ter um importante papel dinamizador.

Os deficientes de St. Maur saem para ir às compras, ao jardim, ao café ou ao restaurante, e isto apesar da deficiência autonomia motora, dos

«handicaps» físicos, do comportamento autista ou ainda do defeituoso controlo dos esfínteres. A opção do grupo de educadores em fomentar estas saídas «destina-se a tirar os deficientes do seu «ghetto» e inseri-los o mais possível na vida exterior, o que está bem exemplificado no passeio às praias francesas da ilha de Oléron, efectuado em Julho passado, e agora nesta curta visita a Portugal. «A autorização para as saídas» precisa João Barroso, «foi tomada em conjunto com os pais, cuja cooperação connosco constitui uma condição indispensável à reeducação. Sem ela não teríamos obtido certos progressos no comportamento e autonomia dos deficientes profundos.»

Nas reuniões periódicas com os pais procede-se ao ponto da situação, são analisados os problemas postos pelos deficientes em geral e cada um em particular, coordenam-se os esforços educacionais no lar e na família, e definem-se os próximos objectivos a alcançar.

«O nosso maior objectivo» diz por sua vez o director, Claude Jaquet, «consiste em estabelecer a melhor relação possível com aqueles que acolhemos criando um modo de vida em que cada um possa dar o máximo das suas possibilidades. Quando não é possível uma relação individual ou de grupo ela é mediatizada por exemplo através da cozinha ou de qualquer outra actividade fundamental à subsistência quotidiana».

BANIR A PALAVRA DOENTE

A relação mediatizada através de uma acção concreta, ao mesmo tempo que facilita o trabalho ao educador, ajuda o deficiente a sentir mais directamente o lar como a sua própria casa.

«Nós nunca utilizamos a palavra doente e eles também não», diz Nicole Fraigne, a única mulher da equipa, «se alguém está doente vai para o hospital, mas no lar ninguém está doente.»

«Quando falam deles», acrescenta João Barroso, «utilizam a palavra «handicap». Sabem que têm deficiências físicas acompanhadas de outras de ordem mental. É importante que eles saibam que têm estas deficiências. Por exemplo, a propósito do envio de correspondência para França um deles afirmou: «Não sei ler nem escrever, eu dito e tu escreves-me o postal.»

Nicole é responsável pelo lar misto que abriu há três meses. Neste caso, as relações podem desenvolver-se em novas perspectivas uma vez que cinco mulheres convivem diariamente com oito homens. Nicole comenta: «As raparigas têm mais dificuldade em viverem em comunidade. São mais fechadas sobre si próprias. Contudo, há um grande respeito pelo espaço de cada um e ninguém entra num quarto se o dono não está lá.»

Durante a conversa com os educadores, foi-nos dito que um dos deficientes frequente regularmente uma prostituta. A gravidade desta situação levou-nos à questão de saber como é abordada a sexualidade no lar.

«A resposta», diz Claude, «é extremamente difícil. Estamos

perante indivíduos para quem os dados estão lançados. Trata-se de adultos cuja educação familiar fez tudo para tentar mostrar que a sexualidade não existe. Por outro lado, há a repressão social e a sua própria pulsão. Ainda não temos casos concretos. Uma das moças que aqui está quer ter crianças mas tem medo da relação sexual. O psiquiatra dela já lhe explicou os métodos contraceptivos».

No lar de St. Maur vivem vinte deficientes, catorze dos quais são considerados de gravidade média, na sua maioria encefalopatas e mongolóides, sendo os outros seis casos denominados «profundos» pelo que apenas estão no lar durante o dia sendo ao fim da tarde conduzidos numa carrinha do Instituto Médico Educativo para casa dos pais.

A idade dos deficientes ligeiros e médios situa-se entre os 20 e os 30 anos e todos trabalham nas oficinas protegidas (CAT) regressando ao lar ao fim da tarde. «O tempo que decorre entre a chegada deles e a hora do jantar é extremamente rico do ponto de vista relacional», comenta João Barroso. «É o momento em que os deficientes que trabalham em oficinas diferentes se encontram entre si e também connosco. É a altura em que se fala do dia vivido por cada um e das suas alegrias e tristezas.

«É uma hora privilegiada, propícia à relação de escuta e ajuda, plena de inúmeras tro-

cas afectivas. A casa enche-se de grande animação».

Quanto aos deficientes «profundos», quatro rapazes e duas raparigas, de idade compreendida entre os 18 e os 36 anos, estão numa secção do lar que funciona, desde Novembro do ano passado, como um mini-hospital de dia. Na altura do internamento nenhum deles falava mas têm-se registado progressos ao nível da linguagem e alguns proferem palavras soltas que se vão juntando pouco a pouco em pequenas frases. Compreendem agora melhor o que os educadores lhes dizem e executam pequenas operações de utilidade para todos: vão buscar os talheres e a loiça para porem a mesa, ajudam a fazer as refeições e as compras nas lojas e nos supermercados vizinhos onde vão com os educadores, apesar das dificuldades que isso implica.

FORA DO CIRCUITO PSIQUIÁTRICO

Independentemente dos encontros mensais, as conversas individuais com os pais revelam-se da maior utilidade. «Com a ajuda da psicanálise e através do «transfert», conta João Barroso, procuramos conduzir os pais a uma tomada de consciência da angústia de morte que têm em relação aos filhos deficientes e da atitude de rejeição inconsciente que neles projectam e também da sua hiperprotecção que é fonte

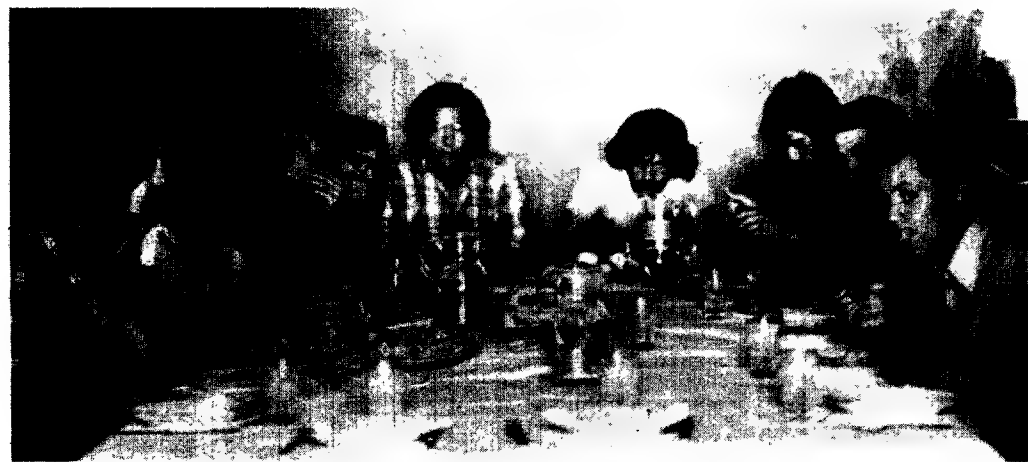
de cristalização da dependência dos filhos e bloqueia a aquisição de uma maior autonomia. Combate-se também a protecção infantilizante que cria dependências nefastas para os deficientes.»

Quisemos saber quais os pontos de referência teóricos que norteiam esta equipa francesa. «Muitas famílias têm conhecimento destes lares e vêm até nós antes de recorrerem ao hospital psiquiátrico. Por isso» diz-nos Claude «os casos aparecem-nos muito menos etiquetados que no início. Interessamo-nos muito pelas experiências de psiquiatria e antipsiquiatria mas procuramos situar-nos fora deste movimento. Somos muito atacados pela medicina deste sector, sobretudo pelo seu director, o que mostra o medo que existe perante aquilo que fazemos de diferente».

«De facto», continua, «não entramos nos quadros psiquiátricos tradicionais embora tenhamos feito estágios em unidades psiquiátricas muito modernas onde se pratica uma psicoterapia intensiva.»

Quanto deficientes mentais continuam encerrados nas famílias sem possibilidades de recuperação? A criação de lares deste tipo poderá entre nós resolver muitos casos que são alheios às instituições psiquiátricas, ou que nelas não encontram uma solução adequada.

H. B.



Estes deficientes franceses encontram-se a passar férias em Portugal. A sua integração social passa pela realização de acções fundamentais à subsistência como é o caso da preparação das refeições

FÉRIAS NA MADEIRA

1 SEMANA

PARTIDAS: todos os dias excepto às 422 feiras

Voos especialmente fretados à TAP

Julho-Agosto-Setembro

Preços excepcionais desde *

2.880\$

INCLUINDO:

- Viagem em avião a jacto TAP
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística
- Assistência de delegado

* a vantagem dos voos especiais

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef. 371/341

COIMBRA Av. dos Alados 207 • Telef. 37/921

FARO Rua da Sota 2 • Telef. 2701/2

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LOCOMOTIVAS A VAPOR

VENDEM-SE

4 locomotivas a vapor — E 91, E 93, E 84, E 53 — com caldeira de cobre, em mau estado de conservação (para decoração de jardins, restaurantes, etc.).

Encontram-se estacionadas em Porto-Boavista onde podem ser vistas todos os dias úteis das 9 às 17 horas, devendo para tanto os interessados dirigirem-se ao Chefe de Depósito daquela estação.

Base de licitação 200 contos.

As propostas devem ser dirigidas em carta fechada à:

COMISSÃO DE ESTUDO DO MUSEU FERROVIÁRIO a cargo do

SERVIÇO DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA CP Calçada do Duque, 20-1.º

LISBOA-2

Estrangeiro

CHILE:

O pesadelo de cinquenta deportados

MÉXICO (IPS) Nas mais precárias condições de vida encontram-se os cinquenta cidadãos bolivianos que o regime do seu próprio país, que tem à frente o general Hugo Banzar, desterrou para o Chile, logo após a formidável greve geral que o sector mineiro iniciou depois da ocupação militar dos seus centros de trabalho, facto que coincidiu com o assassinato do ex-presidente

Juan José Torres, em Buenos Aires, na Argentina.

A precariedade em que vivem ameaça seriamente o estado de saúde dos deportados, não só pelo aspecto inóspito das regiões para onde foram relegados pelo regime de Pinochet, como também pela tendência a sérios danos que podem ser provocados pelo meio natural.

Essas cinquenta pessoas,

entre as quais uma mulher, foram enviadas para o Chile em dois grupos. Há dirigentes sindicais, mineiros, professores e estudantes. A entrada do avião que os levou para a deportação, não foi permitido que levassem consigo a bagagem de mão onde guardavam alguma roupa, com o argumento da «falta de espaço» e a promessa de que tudo iria no compartimento de carga e que as bol-

sas seriam devolvidas à chegada. Além de nunca mais terem recuperado coisa alguma, logo após a aterrissagem os bolivianos foram avisados que deveriam pedir asilo político, caso contrário, seriam detidos. Tentaram pedir que lhes fosse facultada a permanência na capital chilena durante alguns dias, para que tivessem a oportunidade de iniciar os trâmites que os levariam a outros países. A permissão foi negada e, em troca, foram levados para locais distantes do sul do país.

Um médico da Cruz Vermelha comprovou que duas dessas pessoas sofriam de úlceras e outra tinha os tímpanos reventados por causa de golpes recebidos numa sessão de tortura. Entretanto, o tratamento médico foi também negado. Outros, saíram directamente das prisões bolivianas, na sequência imediata de um mês de incomunicabilidade. Além disso, a maioria, constituída por mineiros, sofre de silicose.

Mas, tudo isso converteu-se em «Detalhes sem importância» para um regime como o do general Augusto Pinochet, cuja brutalidade já é por demais conhecida. A tal ponto, que a ordem de marcha para as regiões geladas do sul do Chile foram dadas sem que nem ao menos fossem dispensadas roupas adequadas.

Os cidadãos bolivianos estão em locais como a ilha Chonchi, onde não existem as mínimas condições de vida, ou em Cochamo, um amontoado de casebres à beira de um lago, na zona de Puerto Montt. Outros, estão repartidos por pequenos vilarejos de uma zona que pertenceu a grandes latifundiários, que haviam sido expropriados pelo governo de Unidade Popular e que agora, por obra e graça da ditadura de Pinochet, foi devolvida aos antigos proprietários. Apenas este facto indica o que os habitantes da zona devem suportar: além da repressão da ditadura, a vingança dos patrões. E se os moradores desses locais vivem nessa situação, os bolivianos enfrentam muitos outros problemas.

ISOLAMENTO

Os deportados bolivianos foram classificados pelas autoridades militares chilenas como «extremistas». Isso quer dizer que qualquer chileno que seja visto a conversar com algum dos bolivianos desterrados é, imediatamente, suspeito de «subversão» e torna-se candidato a todas as consequências que esta suspeita fatalmente vai provocar. Apenas este facto é determinante para que os bolivianos deportados vivam isolados, sem trabalho, sem dinheiro, sem roupas, sem sapatos e sem alimentos, num clima frio e chuvoso onde o inverno vai na sua fase mais dura actualmente.

Os «uniformizados» chilenos, especialmente a Marinha, sabem muito bem o que significa este «transplante» de seres humanos para climas, condições de vida e ambientes diferentes do seu meio original. Nessa zona, cheia de pequenas ilhas, pretendeu-se há tempos, obrigar os habitantes, na maioria indígenas, a cumprir o serviço militar. Para isso, eram levados para terra firme e submetidos a um tipo de vida e um regime militar completamente diferente do que conheciam. O resultado foi que a maioria deles morreu ao chegarem nas cidades, onde eram atacados por doenças, comuns



Uma imagem diária no Chile após Allende

para os «civilizados», mas para as quais não possuíam defesas e também porque, acostumados à pesca, não resistiram a outro tipo de alimentação.

escapar porque o regime de Pinochet não lhes permitia fazer os trâmites necessários para deixarem o país.

Existem funcionários internacionais que conhecem o caso, mas não estão em condições de desenvolver uma acção rápida para solucioná-lo. Entretanto, o pesadelo continua por todos os cinquenta deportados bolivianos, seres humanos que passam de mão em mão entre duas das mais brutais ditaduras da América Latina.

O êxodo dos cérebros

Os afastamentos efectuados na Universidade do Chile desde o início do ano, aceleraram o «êxodo dos cérebros» observado desde 1970. Antes dessa data e segundo informações de fonte universitária, o Chile situava-se, nesse domínio, acima da média latino-americana. Em 1974 calculava-se que já tinha perdido 10 por cento dos seus quadros intelectuais e, desde então, a situação tem piorado.

No tempo de Allende partiram os engenheiros e os técnicos. Depois do *putsch* de Pinochet (1973) foram-se embora os médicos, os especialistas em ciências sociais, os investigadores de ciências fundamentais. Eis alguns números e indicações: o país perdeu 18 por cento dos seus médicos e 30 por cento dos seus engenheiros (23 por cento antes do golpe de Estado). Dos cento e cinquenta engenheiros que trabalhavam numa barragem na Venezuela, verificou-se recentemente que cento e vinte eram chilenos.

A universidade de Estado

© («Le Monde»)

perdeu muitos dos seus biólogos, químicos, físicos, matemáticos. Um dos dois departamentos de físicos migrou na sua totalidade para Caracas. Há disciplinas que praticamente desapareceram: imunologia, cirurgia do tórax, psiquiatria, pneumologia, ciências sociais. Na universidade católica metade dos biólogos saíram do país. Metade das enfermeiras que, em fins de 1974 saíram da Faculdade de Santiago, já estavam no estrangeiro um ano depois.

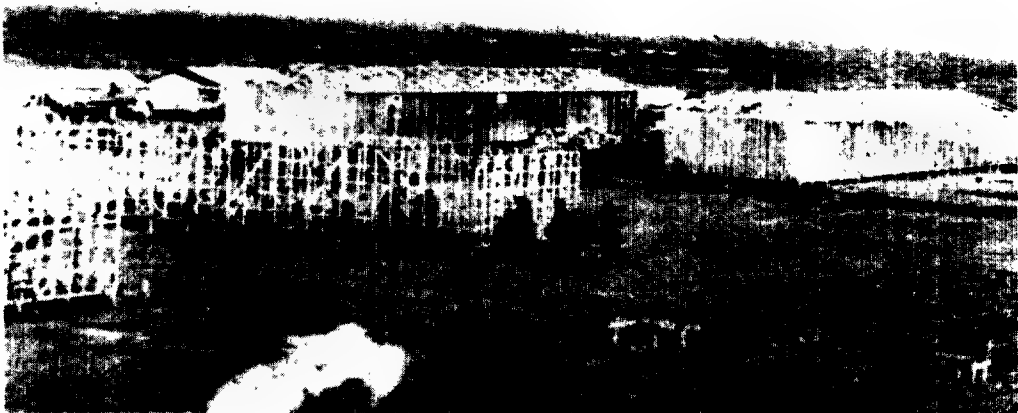
Os partidários da Unidade Popular recrutavam sobretudo nas ciências sociais, os dois sectores que não oferecem solução que não seja universitária. Expulsos, foram obrigados a migrar. As razões políticas juntaram-se, portanto, outras de ordem económica, tal como o desinteresse do Governo militar pelas disciplinas que não têm uma «resposta económica imediata».

**Sindicato dos Trabalhadores
na Hotelaria, Turismo
Restaurantes e Similares do Sul**

PERFURADORAS - VERIFICADORAS

PRECISAM-SE

Contactar horário de expediente normal pelos telef.: 864176/7/8; 874402/03; 871465



Um campo de concentração erguido pelos esbirros de Pinochet que veio substituir os campos de futebol usados na primeira fase da ditadura fascista

ARGENTINA

Violência abate-se sobre sacerdotes

BUENOS AIRES, Julho (IPS). Quando ainda não se tinham acalmado os comentários sobre a divulgação do documento que os membros da Comissão Executiva do Episcopado tinham entregue aos integrantes da Junta Militar sobre o assassinato de cinco religiosos, um novo acontecimento sangrento, passado desta vez na província de La Rioja, terminou com a morte de dois sacerdotes.

Gabriel José Rogelio Longueville, 45 anos, um religioso francês chegado em 1972 à Argentina, e Carlos de Dios Murias, 30 anos, pertencente à ordem dos Franciscanos, apareceram mortos na noite de terça-feira 20 de Julho, nos arredores da povoação de El Chanar, a 150 km da capital da província.

Os sacerdotes, que realizavam as suas tarefas religiosas na povoação de El Chamical, na mesma província de La Rioja, tinham sido sequestrados na noite de domingo quando jantavam em casa de umas religiosas estabelecidas nesse lugar. A sequestração foi perpetrada por dois desconhecidos vestidos de civil que conduziam um carro sem placa de identificação.

As religiosas informaram as autoridades eclesásticas de La Rioja do que se tinha passado. Na segunda-feira de manhã o bispo desta província, Monsenhor Henrique Angelelli, apresentou denúncia à polícia pela desapareição dos referidos religiosos.

Na terça-feira 20 de Julho, às 19 horas aproximadamente, chegou a notícia da aparição de dois cadáveres na localidade de El Chanar. O local onde foram encontrados os corpos daqueles que posteriormente se viria a reconhecer serem os padres de El Chamical, era uma zona deserta e sem vege-

tação, situada frente a uma estrada pouco transitada que une a cidade de El Chamical à povoação de Cruz del Eje, situada na província de Córdoba, no centro do país.

Logo após ter tido conhecimento desta notícia, o bispo de La Rioja publicou uma nota em que comunica dolorosamente a toda a comunidade diocesana a «sequestração» e posterior «assassinato» de dois «irmãos sacerdotes». «Pedimos», diz a declaração de monsenhor Angelelli — que sejam oferecidas orações que os acompanhem no seu regresso a casa do Pai, não deixando de implorar o perdão de Deus Nosso Senhor para aqueles que instigaram e executaram o crime, e que a Virgem Nossa Mãe e São Nicolau protejam a Pátria e La Rioja».

A informação governamental sobre o facto foi dada através do Ministério do Interior, num comunicado em que se dizia que «a violência desatada procura, mais uma vez, como no caso do assassinato dos sacerdotes paladinos da Igreja de São Patricio, da capital federal, deteriorar não só o processo de reorganização nacional, mas também a imagem do país no exterior, através destes episódios irracionais que contrastam manifestamente com o espírito cristão do nosso povo».

O documento oficial acrescentava que «neste sentido, reafirma-se que serão vãs as absurdas tentativas para perturbar a marcha ascendente em que o país está empenhado e, em consequência, também as suas Forças Armadas, para alcançar os objectivos que se propuseram».

Este novo crime contra os ministros da Igreja provocou uma grande inquietação nos meios eclesásticos e pensa-se que é possível que os prelados

dêem a conhecer uma outra declaração com características mais severas do que aquela publicada há dias. Os bispos da Comissão Executiva teriam afirmado nessa declaração que não pretendiam referir-se «nicamente ao assassinato dos padres de São Patricio, «porque, aliás, todos os dias a crónica jornalística nos informa de muitas outras mortes, sobre as quais o tempo passa e nunca se chega a saber como se deram, nem quem são os responsáveis. Tudo isto causa um grande desassossego e uma grande inquietação no nosso povo».

Os bispos teriam igualmente afirmado que «o temor se alastra», pondo-se a pergunta «que garantias, que direitos existem ainda para o cidadão comum?» Mais adiante os prelados manifestaram a sua preocupação pela «situação dos presos e pela possibilidade de obter algumas informações que tranquilizemos os familiares».

«Procuramos», disseram os bispos — «uma pátria onde o direito reine para todos os seus filhos, garantindo a conquista do bem-estar geral».

Nos meios mais chegados à Conferência Episcopal, ainda que não se tenha desmentido a veracidade do texto conhecido por vias extra oficiais, foi reafirmado que o conteúdo da nota que os bispos dirigiram à Junta Militar não foi dado a conhecer à imprensa por pessoas vinculadas à Igreja.

A reiteração do assassinato de sacerdotes deixa uma grande expectativa sobre qual será a atitude da Igreja de aqui em diante.

Não se deve descartar a possibilidade de um novo documento eclesástico que «fale mais claro do que até agora», segundo foi manifestado por pessoas próximas da Conferência Episcopal.

Estrangeiro

Países pobres tendem a ser cada vez mais pobres

GENEVA, 18 — (FP) — Os países pobres tornam-se cada vez mais pobres — eis uma conclusão fornecida pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) que tornou agora públicos um relatório sobre a evolução do poder de compra dos Estados dependentes. O estudo refere-se ao período de 1963-1970 e mostra que no caso dos países que ascenderam à independência os primeiros anos são os mais difíceis.

O Ghana foi o país onde se registou a baixa mais espectacular do poder de compra do salário mínimo legal: menos 59 por cento. Vêm a seguir: o Zaire (menos 53,5 por cento); o Paquistão (menos 47,9 por cento); o Burundi (menos 36,6 por cento); a Colômbia (menos 35,6 por cento) e as Filipinas (menos 28,6 por cento).

Contudo o estudo revela alguns aumentos, o mais es-

pectacular dos quais é da Líbia (mais 121,7 por cento), seguindo-se-lhe Marrocos (mais 77,4 por cento), o Congo (mais ou menos 75,5 por cento) e o Senegal (mais 46,8 por cento) e o México (mais 40,6 por cento).

Apesar duma inflação gigantesca o país onde a queda do poder de compra foi mais fraca foi a Argentina.

O telegrama da FP donde extraímos estes dados não nos fornece outras indicações imprescindíveis para avaliar dos factores que explicam determinados aumentos. O caso líbio, por exemplo, explica-se sem dúvida pela produção do petróleo, que alterou radicalmente os dados da economia do país.

Contudo, no próprio relatório se sublinha, que, apesar das excepções, se pode afirmar sem sombra de dúvidas que os países pobres tendem a tornar-se mais pobres.

Igreja chilena declara guerra ao regime fascista de Pinochet

SANTIAGO (ANOP-«D. L.»), 18 — Todas as pessoas que participaram directa ou indirectamente nas agressões contra os bispos que, no passado domingo, regressaram expulsos do Equador, serão excomungadas, segundo anunciou a hierarquia eclesiástica chilena.

Numa declaração do Episcopado, sem precedentes na história eclesiástica chilena, afirmava-se que os incidentes verificados no aeroporto de Puduhuel quando do regresso dos bispos Carlos Gonzalez, Fernando Ariztia e Enrique Alvear, se realizaram «com a participação directa de membros identificados da direcção de espionagem nacional», a célebre e sanguinária DINA, órgão responsável pela maioria das atrocidades, que fizeram a fama de Pinochet.

A declaração foi lida pelo monsenhor Francisco Fresno,

presidente do Episcopado Chileno e também protesta pela «violência e agressão verbal de alguns meios de comunicação do país, que marcaram os bispos com um estigma de subversão, de criminalidade política e de traição à fé». Lê-se ainda na enérgica e histórica nota das autoridades católicas chilenas: «Invocando sempre a inapelável justificação da segurança nacional, consolida-se cada vez mais um modelo de sociedade que suprime as liberdades básicas, esmaga os direitos mais elementares e subjuga os cidadãos no meio de um temido e onipotente Estado Policial». A seguir, o Episcopado diz que «a Igreja não pode permanecer passiva nem neutra ante situação semelhante» e apela à consciência dos católi-

cos, principalmente dos que assumiram responsabilidades no Governo para que, movidos por um «indivisível amor à pátria e à Igreja, empenhem a sua energia para a reconstrução de uma sociedade baseada no direito e no mais rigoroso respeito pela dignidade humana». Diz ainda a declaração que é interpretada como uma verdadeira declaração de guerra ao regime: «Através da via da agressão verbal, prepara-se a agressão física contra quem é sistematicamente apresentado à opinião pública como inimigo da pátria, ou de um grupo que afirma representá-la». Esta, é a primeira vez que o ditador é contestado violentamente dentro do seu território.

Entretanto, a reacção oficial veio logo. Pinochet desmentiu

que a DINA tenha participado dos incidentes do aeroporto e disse que isso não afectará as relações entre o Governo e a Igreja. O ditador desculpou-se, dizendo aos jornalistas que permanentemente estão elementos da Polícia secreta nos aeroportos, que são recintos militares, e que desconhecia qualquer envolvimento destes agentes na manifestação contra os bispos.

Entretanto, está prevista para o fim do ano uma reunião com o presidente argentino, Jorge Rafael Videla. Os Ministérios dos Estrangeiros de Pinochet e Videla preparam o encontro. Recorde-se que o general argentino, logo depois de assumir o Poder, lançou uma campanha que visava, sobretudo, demarcá-lo do ditador chileno.

ESPANHA:

Novas regras do jogo repressivo

MADRID (Especial Rafael Claudin - IPS) — Com a nomeação de Felix Fernandez Gil como subsecretário da Ordem Pública do Ministério do Governo, a máquina repressiva espanhola — 106.000 homens armados — fica sob a responsabilidade directa de um político. A sua condição de ex-fiscal do Tribunal de Ordem Pública, unido à sangrenta história repressiva que o Governo Suarez arrasta consigo avaliza a teoria de que os riscos dos activistas políticos mudaram de sinal. Se antes se tratava de uma pena de cárcere, agora é fácil receber uma bala, «accidental» ou «disparada para o ar» — justificações existem muitas — mas uma bala, em muitos casos, mortal.

A última vítima desta «nova ordem» foi um militante da juventude do Partido do Trabalho de Espanha, filho do ex-alcaide de Almería, sr. Verdejo. Francisco Xavier, este o nome

do rapaz, levou um tiro na garganta, disparado, «accidentalmente», pelo guarda-civil que o perseguiu. Aumenta assim a lista de mortos e feridos que, desde os acontecimentos da Vitória, recaem sobre os ombros do presidente Suarez e da sua equipa repressiva.

Um especialista em questões sindicais — Marin Villa — como ministro, um ex-fiscal da Ordem Pública como subsecretário e um ex-governador civil de Guipuzcua — Emilio Rodrigues Roman, considerado como um «duro» — como director-geral de Segurança, não dão lugar a dúvidas. É a melhor combinação que o Governo Suarez poderia oferecer para encarar o próximo Outono, profetizado como «quente», por sectores oficiais e populares, se não forem atendidas uma longa série de reivindicações básicas. Como diz o provérbio, «que Deus nos apanhe confessados».

DIÁLOGO GOVERNO-OPOSIÇÃO

Dirigentes dos principais partidos políticos da Oposição espanhola estão a efectuar reuniões com o fim de estudar e apresentar ao Governo uma alternativa dentro de hipótese de

evolução real do panorama político espanhol — revelou a agência «Cifra», citando fontes competentes — segundo notícia a Anop.

Jornais, como «El País», põem, no entanto, em dúvida os termos em que tal diálogo se processa, embora dêem eco à existência dessas negociações. Seja como for, o certo é que existe um amplo diálogo de bastidores entre o Governo e a Oposição, ainda que seja difícil falar de negociações.

Enquanto isto, a agência EFE noticia, por intermédio da Anop, que a Comissão para os Assuntos Exteriores das Cortes ratificou ontem o acordo entre o Estado espanhol e a Santa Sé, em virtude do qual a Espanha renuncia ao privilégio de propor a nomeação de bispos e o Vaticano, ao foro eclesiástico.

Por outro lado, a Anop e a FP noticiam que uma revista basca «Punto y Hora de Euzkalegia» foi posta em sequestro na passada terça-feira por ordem judicial. Uma outra revista basca «Enbata», esta publicada em França e proibida em Espanha, esteve na origem da prisão de uma jovem de vinte e dois anos, que entrou em San Sebastian transportando cerca de 50 exemplares daquela publicação.

Lockheed faz interromper férias da rainha da Holanda

HAIA, 18 — A rainha Juliana interrompeu ontem, prematuramente, as suas férias na «Riviera» italiana, para regressar de avião ao seu país, a fim de efectuar consultas sobre as investigações dos subornos da Lockheed que teriam sido pagos a seu marido, o príncipe Bernardo.

A corte anunciou que a rainha efectuará consultas com o governo, sobre um relatório redigido por um grupo de «três homens esclarecidos», nomeado pelo governo, para investigar alegações segundo as quais o príncipe Bernardo teria recebido um milhão e cem mil dólares da Lockheed Aircraft

Corp. para promover a venda dos aviões daquela companhia à Holanda.

Na passada sexta-feira foi oficialmente anunciado que o grupo nomeado nos princípios de Fevereiro passado, tinha apresentado o seu relatório final ao primeiro-ministro socialista, Joop den Uyl.

No mesmo dia Joop den Uyl declarou aos jornalistas que o governo necessitaria de duas ou três semanas para adotar uma decisão sobre o relatório, acrescentando que as conclusões do gabinete seriam divulgadas, com excepção de certas «informações confidenciais».

Ford mais perto da vitória na Convenção de Kansas City

KANSAS CITY (MISSOURI), 18 — (R) — O presidente Ford deu um grande passo em frente para conseguir a nomeação presidencial americana ao ganhar uma prova crucial de força a Ronald Reagan na Convenção Nacional do partido.

No meio de grande pandemonio na Convenção, entre gritos e aclamações, delegados rejeitaram ontem, à noite, uma emenda dos partidários de Reagan para obrigar Ford a nomear o seu candidato à vice-presidência antes do partido escolher o seu candidato presidencial.

Partidários de Reagan pare-

ceram desmoralizados e abatidos ao perderem por 1069 contra 1180, com 10 abstenções. Registraram-se inicialmente 11 abstenções, mas um dos delegados passou-se mais tarde, para o campo de Reagan.

Ford tem afirmado que vai seguir a tradição e não nomeará antecipadamente a individualidade que deseja que se candidate à vice-presidência.

Reagan, que já escolheu o senador Richard Schweiker, um liberal da Pensilvânia, esperava que, ao apresentar a proposta, provocaria certo desencantamento entre os delegados e os levaria, devido a

isso, a afastarem-se de Ford e a apoiá-lo na votação para a nomeação, que se efectua hoje, à noite.

A Convenção tem ainda de votar sobre outras questões, incluindo uma sobre política externa, apresentada por Reagan, antes do sufrágio sobre a nomeação.

Os partidários de Reagan mostram-se confiantes em conseguirem que seja aprovada a emenda sobre política externa, que critica a atitude de Ford em relação à União Soviética.

Um facto que contribuiu enormemente para aumentar as esperanças de Ford foi o Mississippi, um Estado importante na Convenção, ter-lhe dado os seus 30 votos na questão da emenda quanto à vice-presidência.

Venda de acções ameaça circulação do «France Soir»

PARIS, 18 — (R.) — O editor do diário parisiense «Le Figaro» adquiriu ontem o controlo de metade das acções do «France Soir», que se encontra em dificuldades financeiras, num acordo que provocou uma greve dos jornalistas.

A transacção com Paul Winkler, proprietário do «France Soir», o jornal de maior venda da capital, torna o editor do «Le Figaro» uma das mais poderosas figuras do mundo da imprensa francesa.

Jornalistas do vespertino «France Soir», impediram hoje a sua publicação, afirmando que Hersant tratara injustamente jornalistas dos seus jornais provinciais.

A greve ameaça suspender

durante algum tempo a publicação do jornal.

Hersant, de 56 anos, duro administrador que reduziu acentuadamente o pessoal do «Le Figaro» desde que o comprou recentemente, assumira todas as responsabilidades comerciais e administrativas do «France Soir».

Na última década, a tiragem deste jornal desceu constantemente, situando-se actualmente em 600.000 comparativamente a 1,4 milhões no seu auge em meados dos anos 50.

Winkler, que o mês passado comprou o «France Soir» ao grupo Hachette, por 55 milhões de francos continua na chefia editorial, no âmbito do novo acordo.

Desce o cruzeiro sobe a inflação

RIO DE JANEIRO, 18 — (FP) — O cruzeiro brasileiro foi desvalorizado de 1,98 por cento a partir de hoje quarta-feira, pela undécima vez desde o princípio deste ano, anuncia o Banco Central do Brasil. A cotação do dólar americano passa de 10,885 para 11,10 cruzei-

ros na compra, e de 11,10 para 11,17 cruzeiros na venda.

A desvalorização da moeda brasileira atinge assim 23,06 por cento desde o princípio de 1976, enquanto que a taxa de inflação da economia no primeiro semestre do ano foi de 22,6 por cento.

Guardas falharam e o banco foi roubado

PARIS, 18 — (R) — Aumenta hoje a polémica sobre como guardas de um banco de Paris não conseguiram detectar bandos que abriram um túnel, através de um cano de esgoto, até à casa-forte, no fim da semana e esvaziaram pelo menos, 130 cofres de depósito.

O banco Societé Generale informou que a quadrilha poderia ter sido apanhada na casa-forte da sua filial na Ile Saint Louis, se não fosse uma «falha humana» dos guardas que pertencem a uma companhia privada de serviços de segurança.

A empresa admite que os guardas notaram «ruidos» no

fim-de-semana do feriado da Assunção de três dias, mas afirma que comunicou o que se passava e que vistorias feitas pelo pessoal do banco nada revelaram.

A segurança é um dos temas mais melindrosos para a Societé Generale, que pertence ao Estado, pois o roubo foi uma repetição do feito, em Julho, à sua filial em Nice, onde se julgava que gatinhos fugiram com, pelo menos, 50 milhões de francos (cerca de 313.500 contos).

Não se soube imediatamente o valor do roubo em Paris, mas há já indicações de que é muito maior do que o de Nice.

Só o marco resistiu à queda das moedas

ZURIQUE, 18 — (FP) — À excepção do Marco, novamente muito firme, todas as moedas registaram baixa em relação ao Franco-suíço, terça-feira de manhã à abertura do mercado de câmbios em Zurique.

As 10 horas locais, o dólar descia para 24800-24810 contra 24885-24900 de segunda-feira, no encerramento. Al-

gumas transacções foram feitas mesmo ao nível de 24780-24790. A libra enfraquecia, registando 44180 contra 44314 da véspera.

O franco francês melhorou a sua posição relativamente ao dólar, elevando-se para 49970-50000 contra 50050-50100, mas recuou diante do franco suíço,

Geral

COMEÇA HOJE, NO MONTIJO "Democracia" Semana de Cinema com filmes políticos

Principia hoje no Montijo e termina a 22 de Agosto, a semana de cinema «Democracia», apresentada pela Casa de Cultura da Margem Sul na sala da Banda Democrática 2 de Janeiro.

Hoje, às 21,30 horas, será apresentado o filme de Costa Gravas «Z ou a Orgia do Poder» (Grécia). Seguir-se-á um debate com César de Oliveira.

No dia 19, às 21,30 horas, será apresentado o filme de Yves Boisset «O Salto do Anjo» (França). Seguir-se-á um debate por um convidado a anunciar oportunamente.

No dia 20, às 21,30 horas,

será apresentado o filme de Robert Altman «Mash» (Estados Unidos). O debate que se segue será orientado por José Saramago.

No dia 21, às 21,30 horas, será apresentado o filme «Estado de Sítio» de Costa Gravas (América Latina). O debate que se segue será orientado por Ernesto Sampaio.

Todos os filmes serão debatidos por um especialista dos respectivos países. O preço único dos bilhetes é de 10 escudos.

Esta iniciativa tem o subsídio da Secretaria de Estado da Cultura.

José Afonso canta hoje na Corunha

CORUNHA, 18 — Os habitantes da Corunha vão ter ocasião de ouvir, esta noite, os cantores portugueses José Afonso e Vitorino, que actuarão no Pavilhão dos Desportos du-

rante uma jornada de canção galega, portuguesa e brasileira. De Galiza cantam Miro Casabella, Rodrigo Romani, Anton Seoane e Augustin Moras e, do Brasil, o grupo «Bemvira».

RECTIFICAÇÃO

Por lapso publicámos na nossa edição de sábado, uma troca de nomes no que se refere ao anúncio que abaixo, já corrigido voltamos a publicar

MARIA ROSA CORREIA DA SILVA

Seu filho Nuno António Spratlev Pinto da Silva manda celebrar missa amanhã, dia 15/8/76, pelas 10 h. na Igreja dos Congregados no Porto.

CASA ALBERTO PEREIRA

BOA COLOCAÇÃO COM BOM VENCIMENTO

Obterá se frequentar os cursos que se iniciam HOJE, de:

- ★ PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES nas linguagens COBOL — RPG II — ASSEMBLER
 - ★ PERFURAÇÃO e VERIFICAÇÃO IBM (Individual)
 - ★ DESENHO DA CONSTRUÇÃO CIVIL
 - ★ MEDIDOR ORÇAMENTISTA CONST. CIVIL
 - ★ DECORAÇÃO DE INTERIORES ★ DESIGN
 - ★ CONTABILIDADE
 - ★ CONTABILIDADE INDUSTRIAL E GESTÃO ORÇAMENTAL
 - ★ GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
 - ★ RELACIONES PÚBLICAS ★ PUBLICIDADE
 - ★ MARKETING ★ TÉCNICA DE VENDAS
 - ★ SECRETARIADO ★ HOSPEDEIRA DE TERRA E AR
- O ÚNICO INSTITUTO QUE ASSEGURA ESTÁGIO

Proporcionamos-lhe ainda:

- ★ BOLSAS DE ESTUDO EM INGLATERRA, FRANÇA E ESPANHA
- ★ RECONHECIMENTO OFICIAL DOS CURSOS EM PORTUGAL E EM DIVERSOS PAÍSES DA EUROPA E AMÉRICA
- ★ UMA CARREIRA PARA OS QUE A NÃO POSSUEM
- ★ UMA ATUALIZAÇÃO INDISPENSÁVEL PARA TODOS

Instituto de Aperfeiçoamento Técnico Acelerado

R. Nova do Almada, 81, 3.º — LISBOA
Telefs. 325577 - 371032

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL

CURSOS DE FÉRIAS

de Julho a Outubro, em 1 ou 2 ou 3 semanas incluindo AULAS e ALOJAMENTO.

Cristãos para a Paz visitam Portugal

A fim de conhecer a realidade portuguesa, encontra-se de visita ao nosso país, o Movimento Cristão para a Paz, que vem estabelecer contactos com diversas personalidades políticas, partidos, órgãos de Poder Popular (comissões de trabalhadores, moradores e comités de aldeia) bem como com grupos católicos (JEC, JUC e JOC), sindicatos e cooperativas.

O MCP é um movimento originário da Bélgica que se encontra aberto a todas as tendências cristãs e que possui como objectivo o socialismo-autogestionário. Com notória implantação na Itália, França, Holanda, Canadá, República Federal Alemã e Grã-Bretanha, o MCP pretende criar a nível internacional uma corrente que una os cristãos do Mundo inteiro num combate autónomo para o socialismo.

Na sua visita a Portugal o MCP avistou-se com o capitão Sousa e Castro do CR, Rodolfo Crespo do PS, Rebelo de Sousa do PPD, Pereira de Moura, Otelio Saraiva de Carvalho, Luís Moita, padre Luís França assim como com organizações políticas tais como o MES e a UDP e os Grupos Dinamizadores de Unidade Popular.

Nova Iorque, capital da prostituição

LOUIS WIZNITZER

A transformação em lupanar dos Banhos de Luxor — estebelecimento elegante frequentado nos anos 30 por muitas celebridades das letras e dos desportos, tais como Jack Dempsey, Walter Winchell, Damon Runyan — dá muito que falar actualmente em Nova Iorque. Com os seus nove andares, a «torre do estupro», como lhe chama o *New York Post*, permitia «a cem prostitutas ganhar anualmente 6 milhões de dólares» (*Wall Street Journal*).

A autêntica avalanche de cartas e de telegramas enviados por cidadãos indignados ao presidente da câmara, aos chefes da polícia e aos bombeiros, para que impedissem «a maior casa de prostituição dos Estados Unidos» de abrir as suas portas, ficou até agora sem efeito. Se as autoridades tentassem procurar no arsenal dos recursos legais à sua disposição, maneira de se opor ao lançamento dessa «grande empresa», entravam em processos jurídicos intermináveis e chocariam com dificuldades intranponíveis.

Mas o escândalo provocado pela abertura de um «arranha-céus de tolerância» não é mais do que a parte visível do iceberg. Actualmente assiste-se em Nova Iorque a uma autêntica revolta dos residentes nos bairros elegantes contra as prostitutas que surgiram no *upper east side*, nas proximidades do Lincoln Center, de Gramercy Park e até de Sutton Place, cidadelas do bem-estar e da burguesia. Onde a alta burguesia reside. Os representantes eleitos desse *silk district* (distrito da seda), tradicionalmente liberais e ardentes defensores dos direitos civis (inclusive, naturalmente, os das prostitutas), são submetidos às maiores pressões e aconselhados a agir, já não segundo os imperativos da sua consciência, mas segundo os desejos do seu eleitorado.

Durante as reuniões dos poderosos conselhos de planificações comunitárias das associações de bairro e dos concelhos locais, os cidadãos levantam a voz, erguem o braço. É preciso *hic et nunc*, dizem eles, deter a onda da prostituição e da pornografia. A proliferação dos sex-shops, dos salões de massagem, das salas de espectáculos «especiais», das livrarias «porno» no centro dos bairros residenciais, é, dizem eles, inadmissível.

HISTERIA COLECTIVA

O espectáculo das «respeitosas» de maquilhagem gritante, que chamam com o gesto e com a voz os transeuntes e os automobilistas, é compreendido, de natureza a irritar os cidadãos. Mas a senhora Carol Geitzer, deputada progressista e militante feminista do bairro «chic» de Murray Hill, não se deixa intimidar e responde àqueles que a incitam a «afastar essa presença infamante»: «Vocês não se queixavam quando tudo isto se passava em Times Square». Nestes últimos dias muitas elegantes desfilarão por Lexington Avenue com cartazes em que podia ler-se: «Voltem para a Rua Quarenta e Dois».

Por sua vez, Manfred Orenstein, senador (democrata-liberal) do Estado de Nova Iorque, tenciona apresentar brevemente um projecto de lei que até agora tinha tido escrupulo em apresentar: esse projecto, que prevê penas de prisão automática para as peripatéticas,

permitiria aos polícias prender os proxenetas por vagabundagem e traçaria pela primeira vez as regras da prostituição.

Em todo o caso a polémica mantém-se e outro deputado, Richard Gottfried que recusa ceder àquilo a que chama «histeria colectiva» dos *upper middle classes*, defende a ideia de que a mulher tem o direito de vender o seu corpo e que a prostituição — um crime que não faz vítimas — deve ser descriminalizada e não codificada.

Houve tempo em que Paris e La Havana passavam por ser as «capitais do prazer». Tal época passou e Nova Iorque pode hoje reivindicar o título de capital da prostituição. Há dez anos era raro encontrar-se uma profissional nas ruas de Manhattan. Claro que a mais antiga profissão do mundo era exercida nos Estados Unidos, mas só para os ricos *businessmen* e para os políticos com êxito. Eles precisavam de conhecer o número de telefone das call-girls que iam ter com eles muito discretamente a *garçonnières* ou a grandes hotéis, por 100 ou 200 dólares.

Hoje, logo às 2 horas da tarde e até às duas da manhã, o centro comercial de Nova Iorque — da Rua Trinta e Três à Cinquenta e Nove, da Nona Avenida até Lexington e perto dos grandes hotéis e dos grandes armazéns — é invadido pelas «belas de dia». O turista, estrangeiro, o homem de negócios, o simples transeunte, é interrompido e por vezes ameaçado por elas. Um célebre banqueiro italiano foi apunhalado por uma profissional. Josef Strauss, antigo ministro da defesa da Alemanha federal, foi expoliado da carteira a 20 metros do Hilton, por três prostitutas que ali se encontravam.

VINTE DÓLARES OU GRITO

Os responsáveis pela *Prostitution Control* acham que o número de prostitutas que «trabalham» nas ruas de Manhattan, é de vinte mil. A este número juntam-se vários milhares de jovens que procuram o cliente à saída dos escritórios e à chegada dos combóios: dactilógrafas, empregadas que

querem ganhar mais algum dinheiro. O que distingue as profissionais das novaiorquinas das suas equivalentes do resto do mundo, é a agressividade que possuem. Três vezes em quatro elas tentam tirar aos clientes o seu dinheiro sem nada lhes dar em troca, a não ser, às vezes, uma facada. Um dos métodos que utilizam consiste em murmurar ao ouvido do transeunte: «Ou me lavas por 20 dólares ou grito que me queiras violar». Para evitar o escândalo, o transeunte dá uma nota e vai-se embora.

Todos os anos, o presidente da Câmara — Lindsay, e depois Blame — declara guerra ao vício. Ele dá uma conferência de imprensa pela televisão, indigna-se com o «flagelo» e promete «limpar a cidade». Os carros da polícia atravessam as ruas com grande ruído de sirenes e vêem-se os polícias, brandindo matraca, prendendo prostitutas e levando-as para o *manu militari* em carros versão yankee. Mas elas são geralmente libertadas no dia seguinte, por falta de provas, e à tarde já estão nos seus lugares habituais.

A irrupção relativamente crescente da prostituição em grande escala, nos Estados Unidos, inscreve-se em todo um contexto socioeconómico. Relaxação dos costumes ou passagem inevitável de um excesso (puritanismo) para outro (deboche)? Num país onde o cinema, durante tanto tempo, nem sequer se referia ao adultério, a não ser que ele fosse cometido por uma estrangeira, e onde o amor físico não se concebia fora do casamento, a explosão pornográfica talvez fosse inevitável. Por outro lado, primeiro a droga, depois a crise económica, lançaram para as ruas milhares de raparigas dos quinze aos vinte anos.

Os sociólogos acham que, de qualquer modo, os meios repressivos serão impotentes para deter um flagelo que era necessário atacar na raiz: miséria, fome, degradação do meio ambiente, empobrecimento das classes médias, bloqueamento da escala social, desenraizamento, alienação.

(C) Le Monde

Apanhado com marijuana que procurava vender num festival "rock"

POVOA DO VARZIM,

Três jovens que eram portadores de diversos tipos de droga, especialmente liamba, marijuana a «Preludin», foram interceptados e detidos pela P.S.P. desta cidade no decorrer do festival de música «rock» que atraiu além de amantes deste tipo de manifestações, alguns «comerciantes» desses produtos com residência no Porto e em Bragança.

Junto à estação dos caminhos-de-ferro Manuel Fernandes Coelho, de 18 anos, sem profissão, residente na Rua de S. Vitor, no Porto, e Mário Lima Rosa Semedo, de 23, também sem profissão, domiciliado na Travessa do Pego Negro (Campanhã), foram os dois primeiros interrogados e detidos pela P.S.P. que, seguindo ins-

truções nesse sentido, tomou todas as precauções para evitar que o festival constituísse, acima de tudo, uma «mina» para os pequenos «negociantes» de droga.

As providências tomadas viariam a ter relativo êxito porquanto mais tarde, após os interrogatórios do Manuel Fernandes e do Mário Semedo, seria também detido um outro jovem de 20 anos, de nome Luís Orlando Motumba, natural de Angola e residente em Bragança, que pretendia transaccionar, na praça de touros desta cidade (onde decorria a jornada de música «rock») 20,8 gramas de liamba acondicionada em oito sobrescritos.

Os detidos e os respectivos processos-crimes foram remetidos ao Juízo Criminal desta cidade.

ALBERTO
DE ESPANHA - PORTUGAL - PALHANA - 11.00.00

grupo 4

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO

bertholt brecht

JOÃO LUIZ

(13 semanas em cena)
DE 3.ª A 6.ª FEIRA.
AS 21.ª E 15.ª H.
SABADO, AS 15.30
e 21.15
DOMINGO, só às 16h.

TRABALHADORES DE TEATRO DA CASA DA COMÉDIA

SÓ DURANTE O MÊS DE AGOSTO

TEATRO

HORAS DE LUTA

TEXTOS DE GUERRA JUNQUEIRO

4.ª feiras às 19 horas
5.ª e 6.ª e sábados 21.30h

CONVITES AOS ESTUDANTES

Nacional

TRIBUNA LIVRE

PEDRO RAMOS DE ALMEIDA

A política da terra queimada

Estamos hoje, no Centro, Norte e Sul do País — mas sobretudo no Centro (Beiras) — perante a nova e clara ofensiva da reacção. Perante a ofensiva que, não se bastando no assassinio terrorista da liberdade, dos democratas portugueses e seus meios de acção, se volta hoje (principalmente pelo silêncio, quase cúmplice) contra a terra portuguesa, contra a sua indústria, contra o que nos alimenta e nos permite avançar, viver melhor e libertar. Para ser mais claro: estamos perante a claríssima política e prática do fogo posto, do atentado selvagem à vida da nossa terra e

da nossa independência, do nosso progresso de homens livres. Não se trata, como seguramente alguns podem sentir (como querem fazê-los sentir) da falta de meios, obras e defesa da nossa terra pela democracia. Trata-se da acção cobarde, sinistra, criminosa, impune, de malandrins fascistas ou fascizantes que, aproveitando-se e acobertando-se na canícula, pretendem — para reduzir a cinzas a nossa liberdade — queimar, se tal for preciso, a Pátria que sempre atraíram.

É claro. É evidente. Na sua acção pretendem, como o fizeram na I República, dinamitar, incendiar, arruinar a liberdade. E o povo.

É claro que contra isso há uma só política nacional e patriótica: a política que, defendendo cada palmo da nossa terra, cada homem e o seu trabalho, mobilize todo o povo para a defesa da sua vida, da sua terra, do seu progresso, da sua liberdade.

Por isso, creio que é altura

de a nossa Imprensa, Rádio e Televisão e sobretudo de o Governo desta terra que se quer livre — e que tudo fará, como fez, para o ser — e não **queimada pela reacção**, é a vez de todos nós, patriotas, democratas, povo, nos aclararmos, também, à luz das explosões e dos fogos contra a nossa riqueza e a nossa vida — que são apenas os fogachos finais, mas ameaçadores da exploração e da opressão; de reagirmos, lutarmos e vencermos. É tempo de dizermos a cada português: Olha, vê, cheira, entende: tudo isto não é fruto do acaso e do calor. É fruto da frieza criminosa de quem atenta contra a tua liberdade. Contra o ar que respiras. Contra o pão que comes. Contra os teus filhos e o seu futuro.

É tempo de reclamarmos (e com que força!) que a CIP, a CAP, o CDS, o PPD, o MRPP, etc., e outros fogachos da reacção se clarifiquem nesta política de fogos postos (pela nossa acção popular, que a eles não podemos exigir que sejam contra si mesmos, dizendo-nos o que fazem). E que se clarifiquem na acção, e não em frases de jazigos de árvores ou pessoas. De crimes antinacionais e antipopulares postos.

tar por meios audiovisuais (fotografias e filmes), o registo breve do que tem sido uma intervenção colectiva num ambiente físico urbano (Lisboa) pelo rompimento revolucionário.

Por outro lado, através da obra de escultura da vanguarda Portuguesa, Alberto Carneiro (nascido em 1937), procurou-se mostrar uma intervenção agora individualizada, num ambiente físico e rural.

Canal da Crítica

Por lapso técnico, não podemos inserir hoje a habitual crítica do nosso camarada de redacção Mário Castrim, do que pedimos desculpa aos nossos leitores. A publicação será feita amanhã.

Portugueses na Bienal de Veneza

Portugal esteve presente na XXXVI Exposição Bienal Internacional de Arte/Veneza/76.

A nossa representação esteve a cargo, por um lado, de Ana Hatherly e José Elyseu e Rocha de Sousa, com cujas obras, «Revolução», filmado pela primeira, durante a campanha para a eleição dos membros da Constituinte na Primavera de 75, e «As ruas após o 25 de Abril» rodado pelos dois últimos, se procurou, a título de documento, apresen-

CASINO RESTORIL
SLOT MACHINES MARCHES DE 25 ANOS
TRANS ES RIAS MARCHES DE 3 ANOS SALA DE JOGOS

LOVE TOGETHER

VEJETAS DA RADIO E DA TV INGLESA

BLACKWITS
(Teatro negro)

LIDIA RIBEIRO

"BLUEBELL GIRLS' SHOW"

THO BANDEIRA AND HIS GROUP "LATINO'S COMBO"

DIAMOND SISTERS
"STRIP-SHOW" SONO WONDER BAR

SALAO RESTAURANTE às 23,30 (não aconselhável a M./13)
WONDER BAR à 1,00 (interdito a M./18)
Consumo mínimo, Sábados 140\$00 - Restantes dias 120\$00 (taxas e impostos incluídos)

MATINÉE aos DOMINGOS às 17 horas
Chá completo, 70\$00 (taxas e impostos incluídos)

UMA SEMANA em COPENHAGUE

PARTIDAS AGOSTO 16 OUTUBRO 5

de 8.990\$

para nos o SEU programa

Europa

• a experiência no serviço do turismo •
Av. da Liberdade 233 - Telef. 5311211 - Lisboa 2

PUB

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 71, 6.º-A — Lisboa
Telefone 77 26 86

MOÇÃO

Quando a direita reacção avança diariamente sobre as conquistas alcançadas pelos trabalhadores. Quando os torcionários da FIDE, carrascos do Povo Português durante longos anos de fascismo, são impunemente postos em liberdade. Quando traidores e criminosos como SPINOLA, chefe de organizações terroristas como o ELP e o MDLP, responsável por atentados à liberdade e à Democracia Portuguesa como em 28 de Setembro e 11 de Março, regressa a Portugal para imediatamente ser libertado. Enquanto militares progressistas que arriscando a sua própria vida deram a liberdade a todo o Povo Português são impedidos de assistir a comícios, a festas populares e se encontram em regime de residência fixa.

O Plenário dos Sindicatos de Transportes Rodoviários de 13/8/76, protesta veementemente demonstrando o seu mais vivo repúdio por tais libertações e alerta todo o Povo Português para o facto de, a continuar, ainda serão os homens do 25 de Abril a sentar-se no banco dos réus.

PELA FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

(Assin. ilegível)

Hoje



Danny Kaye

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e **Volta ao Mundo em 80 Dias**
19.25 **Zoogmatismo** — Um programa da Arca-Filmes. Depoimentos de domadores e magnetizadores. Algumas curiosas experiências.
20.00 **Educação Permanente**
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição
21.05 **O Homem das 7 Vidas** — «The secret life of Walter Mitty» Com Virginia Mayo, As Gildwin Girls, Boris Karloff e Danny Kaye. Realização de Norman Meleod.
23.00 **Telejornal** — 2.ª edição
23.30 **Fecho**

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e **Roman Hollidays** — Desenhos animados
20.25 **Programa dedicado a Sofia de Mello Breynner**
20.55 **Sweeney** — Série filmada com John Thaw no episódio «Condutor para um golpe»
21.45 **Telejornal**
22.15 **Sabe como se faz o chá?** — Programa realizado e apresentado por Ruy Ferrão.
23.10 **Fecho**.

DESTAQUES

I PROGRAMA

«O Homem das 7 Vidas» — (21.05)

II PROGRAMA

«Roman Hollidays» — (20.00)

Amanhã

I PROGRAMA

- 19.00 — Abertura e no Jardim Zoológico de Magdeburgo. 19.30 — Segredos do Mar Vermelho. 19.55 — TV Palco. 20.30 — Telejornal 1.ª edição. 21.00 — Programa do Estado-Maior-General das Forças Armadas. 21.30 — «Padre Brown». 22.30 — Memórias do nosso temp. 23.10 — Volta a Portugal em bicicleta. 23.30 — Fecho.

II PROGRAMA

- 19.55 — Abertura e «A Mulher Vestida de Branco». 20.25 — Ver. 20.50 — Os Fantásmas de Eduardo de Filippo tradução de Luis Francisco Rebelo. 22.35 — Telejornal. 22.55 — Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João 12, Deus, 12-B - Rua Macau, 2

Desporto

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Pintainhos voltam ao aviário

Começou a grande debandada: as malas estavam feitas antes da partida de Lisboa, antes de partir para um sonho que se chamou «viagem para conhecer o Algarve», porque muito boa gente desta que anda aqui metida na pedalada, sejam intérpretes do espectáculo ou simples acompanhantes raramente tinham tido ensejo de participarem numa Volta a Portugal.

Não vamos usar isto em termo de veteranaria para dizer que, na verdade, teria de haver uma necessária triagem de pessoal, porquanto a maioria (estamos aqui a referir-nos a condutores de carros de apoio, de carros de imprensa) não tem a mais pequena noção, nem sequer se preocupou com o regulamento de corridas.

A dezena e meia de voltas que temos no activo (tornando-nos o 3.º veterano da volta) faz-nos lembrar que neste momento há gente a mais e, na verdade, a caminho de casa. Mas os primeiros que saíram foram efectivamente aqueles que tinham menos condições. Os ciclistas que, entronizados por alguns directores, por alguns dirigentes de ocasião,

vieram para a grande aventura sem ter o mais pequeno plano de trabalho e, portanto, incapazes de poderem participar numa corrida que se pode catalogar como um prólogo em relação às grandes corridas a que estávamos habituados. Voltas em que participavam o Agostinho, o Mendes, o Zé Martins, em que tivemos velgas e espanhóis a ditarem a sua lei, e em que, portanto, 50 por cento destes ciclistas tinham ficado hoje na estrada, isto porque, embora a percentagem de eliminações venha circunscrever ao máximo 10 por cento, muitos ficaram na estrada.

Custa-nos, e é bastante duro, dizer que, por exemplo, a turma madeirense jamais devia ter abalado do Funchal. Fica como grande labéu esta presença profundamente inusitada, insólita, estranha e, para além de tudo, a gastar ao erário público (e estamos a ter pena do contribuinte do Funchal) ai uma percentagem de dinheiro que de qualquer outro modo, fosse qual fosse o partido ditatorial da sua lei, seria muito mais bem empregue em qualquer outra coisa muito

NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

mais útil. (Estamos também neste momento a ter uma panorâmica geral da Madeira).

Nós conhecemos profundamente a situação financeira e política da Madeira e encaramos o problema que vai das bordadeiras até lá acima à Camacha, onde as pessoas trabalham a palha por meia dúzia de tostões e ficamos com pena (e realmente a lastimar) que tenha gasto tanto dinheiro com a «louca aventura» de qualquer dirigente ocasional, trazendo até aqui uns rapazes que apenas ficaram a conhecer uma parte da costa algarvia, já que será profundamente difícil conhecer na integridade uma vez que, largando de Lisboa vieram também aqui, num pequeno carrocel de passeio que talvez se tenha estendido por Grândola S. Tiago do Cacém, Canál Caveira mas que, forçosamente, terminará com as últimas veleidades do seu derradeiro abencerragem ai por alturas da Sertã. E quando lamentamos que, depois de um ciclista que vimos, há muitos anos, num prémio Robbialac, Reis de seu apelido e que confirmou, na verdade, nessa prova, ser o único trepador da Madeira com possibilidades de poder digladiar para um lugar, digamos, entre a 20.ª e a 30.ª na catalogação de valores nessa volta (e aí ele estava a concorrer num Prémio Robbialac que funcionou quase como prólogo colectivo dessa Volta a Portugal), a segunda que Joa-

quim Andrade, Venceslau Fernandes, Joaquim de Sousa Santos, José Madeira, Joaquim Leite (e mais), todos eles e outros mais novatos, se considerarmos a sua pouca experiência voltista, mas o seu acumular de trabalhos em tarefas amadoras (casos de Arminda Barradas, Alfredo Gouveia e outros, temos que a primeira selecção de valores está realmente cumprida).

Abalaram para suas casas ao fim de menos de duas horas de corrida e isso é profundamente estranho, porquanto reflecte a má preparação que tiveram diversos corredores.

Reportagem
DL
está na VOLTA
com FIAT

Apenas com 38,674 km/h houve uma desistência: Pedro Rodrigues, o homem marcado desde a primeira pedalada.

E muitos dos homens que tiveram de ir imediatamente para casa, porque não vinham preparados para estas andanças, foram-no na hora H: referimo-nos nomeadamente a Herculano Silva (V.Coimbra), José Paulino Andrade e João Barros (Madeira), Manuel Claudino (Manique), Luis Santos (Madeira), José Afonso (Louletano), António Reis (Madeira), Joaquim Martins (Coimbrões), João Vieira (Madeira), Joaquim Lima (V.Coimbra).

Se acrescentarmos que houve uma «pequena» diferença de 27 minutos entre o primeiro e o último homem a atingir a meta, fica o leitor com uma espiandada ideia do que foram apenas 70 km de corrida. Não a triagem dos grandes valores: apenas a primeira verdade a ser colocada à frente de aventureiros que vieram para esta corrida entronizados no título de dirigentes desportivos e que, portanto, defraudaram profundamente quem neles acreditou.

Aqui, isso sim: havia uma palavra a dizer pela Secretaria de Estado da Juventude e Desportos e pela D.G.D. em relação a procedimentos futuros.

Etapa Vilamoura-Loulé

Largada às 10 e 36 (com prejuízo horário): abalada de Vilamoura praticamente quando estavam (e aí os leitores já sabem) a assaltar o Banco de Albufeira. Digamos que neste momento nenhum interveniente nesse roubo estava metido na caravana da volta, porque (como devem calcular e é fácil também de entender) tão absorvidos se encontravam com as primeiras pedaladas da Volta a Portugal que ninguém



Flávio Henriques, o moço da Safina que ontem ganhou a ligação Vilamoura-Loulé, dá conta ao nosso enviado especial da forma como arrancou para a meta e para uma saborosa vitória

teve tempo de desviar as suas atenções e, portanto, ir até ao Banco fazer uma recolha de fundos. E os ciclistas, por seu turno, também não foram os grandes ganhadores da manhã porque houve poucos prémios e pouco avultados também.

O primeiro furo pertenceu ao Fernando Silva (F. C. P.) nome que fica, portanto, na Volta. Ele iri recolhar sozinho, sem qualquer ajuda, já que o seu director técnico nem por ele lutou.

A seguir, Firmino tentou uma fuga estava neutralizado aos 12 km após percorrer 1400 metros praticamente sozinho. Avaria de Alberto Vieira (Seleção da Madeira) e aos 15 km as primeiras quedas: dois homens do Lousa envolvidos numa cena que poderia ter sido colectiva num choque com uma carroça puxada por um cavaleco que quase tão esqualido como a maioria dos ciclistas que nos apareceram aqui nesta «tournee».

A seguir é o Joaquim Sousa Santos (G. D. União de Coimbra) que muda de máquina, José Sousa Santos também do G. D. União de Coimbra atrasou e aos 20 km começou a esfrangalhar-se o pelotão (quando toda a gente imaginava que fosse apenas um pequeno passeio já que foi das mais curtas e das mais fáceis etapas que alguma vez, ao longo de muitas voltas a Portugal pudemos entender como participantes numa prova que teria de ser profundamente selectiva). Alguns atrasos, pequenas recolagens, logo alguns esforços, mas tudo muito desejado e a certa altura, o madeirense Barros era o último componente de um bloco que se alongava ao longo de 500 metros.

Continuava atrasado, então, José Sousa Santos, mas já aí Firmino Bernardino pedia a comparação do médico, dr. Barreiros de Magalhães, por uma lesão no joelho esquerdo. E devemos dizer que, ao longo desta manhã, dois homens con-

siderados favoritos, tiveram lesões no joelho esquerdo: foi Firmino Bernardino que, ao desviar-se de um molho de principiantes embateu num carro e, logo a seguir, o José Amaro que, no joelho esquerdo contraiu uma ligeira lesão de que já está praticamente bem, porquanto se manteve toda a tarde na pensão com gelo no joelho e só depois apareceu na pista de Loulé para concretizar a sua presença nesta prova.

Estava cumprida 1 hora de corrida, tinham sido vencidos 36 km e meio, média profundamente curta para a rectidão das estradas algarvias a possibilitarem grandes velocidades e simultaneamente a facilitar o ensejo de fugas e de proezas espectaculares.

A prova acabaria por ser decidida quando o primeiro homem cortou a meta em Benafim. Tratou-se de Flávio Henriques da Safina, que a partir daí tomou gosto ao dedo e englobado num grupo que contava na totalidade 8 elementos sacou por ali fora uns quilómetros e progrediu a caminho de Loulé com o desejo de chegar com grande vantagem. Integrantes desse pelotão de fugitivos: João Duarte (Manique de Baixo), José Sá (Coelima), Armindo Pereira (S. L. Benfica), António Pereira Alves (G. D. Fafe), Manuel Gomes (G. D. Sa-

Continua na pág. 17

PRÉMIO CLOK

Classificação por pontos

1.º, Flávio Henriques	10
2.º, Armindo Pereira	7
3.º, António Alves	5
4.º, Adelino Teixeira	3
5.º, Luís Teixeira	1



Durão fala:

"A MINHA FILHA PRECISA DISTO"

Sónia Isabel da Silva Durão tem dois meses. O pai (Manuel Durão) é um sangalense de rijá tempera que esteve 18 meses em Angola, é cunhado de Flávio Henriques (o vencedor aqui na meta de Loulé) e em 1972, na pista de Sangalhos, enquanto disputava um campeonato nacional conheceu aquela que é hoje sua mulher. E fala: «Meu cunhado era do Desportivo da Fogueira. Eu fui para Angola mas já me correspondia com a irmã dele. Voltei, casei, sou feliz».

Manuel Durão vem ali (a Rio-mão) cobrar os seus dinheiros no período em que se en-

contra de férias no seu trabalho.

«Estas são as minhas férias», disse-nos. Pedalar é um vício e uma necessidade.

A consideração do leitor: É assim que se exercitam os nossos amadores. Manuel Durão deve muito do que tem hoje a Armando de Sousa da firma Vela (Malaposta), em Sangalhos. «Deu-me um quadro e quando parti 4 bicicletas num mês (uma das quais tinha sido emprestada pelo Fernando Mendes) nem assim me fechou a porta. Por isso eu estou aqui, para dar uma satisfação ao Sangalhos e ao meu amigo Armando Sousa».

TOTOBOLA

CLASSIFICAÇÃO GERAL INDIVIDUAL

1.º J. Andrade (Saf.)	2 00 49	46.º A. Lopes (Manique)	2 02 52
2.º V. Fernandes (Sg.)	2 01 15	47.º F. Mendes (Sang.)	2 02 52
3.º J. S. Santos (UC)	2 01 18	48.º Alexandre (Man.)	2 02 53
4.º J. Madeira (Tav.)	2 01 23	49.º G. Rocha (Porto)	2 02 54
5.º J. S. Santos (UC)	2 01 36	50.º M. Cardoso (Par.)	2 03 00
6.º A. Silva (Man.)	2 01 42	51.º A. Lúcio (C. Sol.)	2 03 07
7.º J. Pacheco (Alf.)	2 01 44	52.º F. Silva (Porto)	2 03 13
8.º F. Henriques (Saf.)	2 01 44	53.º G. Costa (Pared.)	2 03 16
9.º M. Silva (Porto)	2 01 45	54.º M. Costa (Porto)	2 03 17
10.º A. Gouveia (CS)	2 01 45	55.º M. Carvalho (Por.)	2 03 25
11.º A. Alves (Fafe)	2 01 49	56.º J. Pedro (P. L.)	2 03 27
12.º J. Costa (PL)	2 01 51	57.º M. Pereira (S. J.)	2 03 35
13.º L. Teixeira (Coel.)	2 01 51	58.º C. Cabral (Madeir.)	2 03 36
14.º M. Oliveira (PL)	2 01 51	59.º A. Faia (S. Jorge)	2 03 49
15.º M. Gomes (Saf.)	2 01 52	60.º E. Pereira (Loulé)	2 03 50
16.º F. Vieira (Benf.)	2 01 52	61.º M. Mendes (Alf.)	2 03 51
17.º J. Duarte (Man.)	2 01 55	62.º C. Pereira (Acar.)	2 03 54
18.º L. Gregório (Sg.)	2 01 57	63.º A. Castro (Paredes)	2 03 55
19.º A. Beirão (Loulé)	2 01 59	64.º M. Pereira (Benf.)	2 03 57
20.º J. Leite (Coimb.)	2 02 01	65.º F. Fernandes (P.L.)	2 04 09
21.º L. Gomes (Benf.)	2 02 04	66.º J. Marta (Loures)	2 04 11
22.º J. Amaro (PL)	2 02 06	67.º J. Bispo (Sang.)	2 04 11
23.º A. Brás (Benf.)	2 02 08	68.º J. Lopes (C.S.)	2 04 14
24.º A. Coelho (Lousa)	2 02 10	69.º D. Barbosa (Coel.)	2 04 31
25.º F. Bernardino (Bf.)	2 02 11	70.º A. Pereira (Coel.)	2 04 35
26.º A. Marçalo (CS)	2 02 11	71.º H. Oliveira (U.C.)	2 04 41
27.º M. Chagas (CS)	2 02 15	72.º M. Martins (Fafe)	2 05 09
28.º J. Costa (Alm.)	2 02 18	73.º A. Ferreira (Par.)	2 05 24
29.º J. Carvalho (CS)	2 02 20	74.º F. Revés (Alm.)	2 05 26
30.º A. Fernandes (Sg.)	2 02 22	75.º V. Monteiro (Benf.)	2 05 26
31.º C. Santos (P. L.)	2 02 23	76.º J. Monteiro (Fafe)	2 05 38
32.º A. Pereira (Benf.)	2 02 25	77.º J. Lino (Coimb.)	2 06 07
33.º B. Silva (Porto)	2 02 27	78.º J. Maia (Alf.)	2 06 19
34.º A. Teixeira (Lous.)	2 02 37	79.º M. Nascimento (L.)	2 06 38
35.º M. Durão (Sang.)	2 02 38	80.º J. M. Santos (C.)	2 06 42
36.º J. Sá (Coelima)	2 02 38	81.º A. Machado (Port.)	2 06 59
37.º J. Sampaio (Coel.)	2 02 39	82.º R. Silva (Coimb.)	2 07 16
38.º A. Valente (Lousa)	2 02 43	83.º M. Caltanita (Al.)	2 09 20
39.º V. Rocha (Lousa)	2 02 44	84.º A. Queirós (Coim.)	2 10 23
40.º C. Raimundo (P.L.)	2 02 46	85.º R. Azevedo (Sang.)	2 10 32
41.º A. Ruas (C. Sol.)	2 02 48	86.º C. Machado (Mad.)	2 11 42
42.º M. Marques (Coel.)	2 02 49	87.º S. Mendes (Loulé)	2 12 17
43.º Joao Cruz (Lousa)	2 02 49	88.º G. Almeida (Pard.)	2 12 27
44.º A. Cardoso (S. J.)	2 02 49	89.º M. Magalhães (P.)	2 12 53
45.º M. Rego (Coelima)	2 02 52	90.º A. Oliveira (Man.)	2 12 56
		91.º J. Sena (Manique)	2 13 08

TOTOBOLA

Para ganhar...
tem que apostar!

beba **clok** cerveja beba **clok** cerveja beba **clok** cerveja

DESOPILANÇOS

Festa à noite — A partir de hoje o fadista Manuel de Almeida e duas raparigas pelo menos bem intencionadas vão contar por conta da Direcção-Geral de Turismo em todos os finais de etapa.

Uma maneira de poder proporcionar, a um certo tipo de público o certo tipo de espectáculo a que esteve habituado até há poucos anos a esta parte...

Agradecimento muito simpático e presença profundamente insólita: Pela 1.ª vez, duas senhoras estão oficial-

pitralon 2000

O after shave do homem moderno

mente englobadas na caravana oficial da Volta. Referimo-nos a Rosa da Costa e Ermelinda Bastos, que superintendem nos Serviços dos CTT em relação a todas as comunicações que os órgãos informativos têm de processar para as suas redacções espalhadas pelo País. Daqui, portanto, uma palavra de congratulação: Mais uma vez e num campo diferente a mulher ganhou jus ao ser verdadeiro lugar.

SAFINA E DGD

Andrade ganha cinco mil escudos na qualidade de monitor distrital ao serviço da DGD

(por mês, claro). Como auferia mais sete contos, pelo mesmo trabalho na Safina (fábrica de alcatifas ali para os lados de Cortegaça, entre Ovar e Maceda, na estrada que vai para Espinho, para quem viaja de Aveiro), totaliza mensalmente doze pacotes (coisa que não é de deitar fora).

Mas não é só Andrade quem ganha «massa» da DGD como monitor, porque à «equipa» também pertencem (com o mesmo ordenado?), José Madeira, Venceslau Fernandes, Joaquim Sousa Santos (filho de Sousa Santos), Firmino Bernardino e Herculano Oliveira pelo menos.

Questão para dizer (e escrever) que a DGD é, sem contestação, a melhor equipa nesta Volta a Portugal-76.

EVITAR O PIOR

O dr. Barreiros Magalhães figura imprescindível na Volta a Portugal, peça, proeminente, afável, cuidadosa, e redentora da prova, viaja connosco (aliás, somos nós que viajamos com ele) uma vez mais. E já ontem teve trabalho ao exercer o primeiro (e rígido)

PHILIPS

controlo médico. E de «quarentena» (em estreita vigilância) deixou Guilherme Rocha, que parece apresentar sinais anormais nas vibrações cardíacas

Mário Soares conversou com dirigentes do Porto

Os dirigentes da equipa do F.C. do Porto, que pretendem transformar parte da dívida à Banca (cerca de 29 mil contos) em subsídio estatal com pagamento do restante num prazo compatível com as suas possibilidades, apresentaram ontem cumprimentos ao Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, em S. Bento.

O F.C. do Porto fez-se representar, em nome da assembleia geral, pelo dr. Neiva de Oliveira, vice-presidente; pela direcção, dr. Américo de Sá, presidente; Júlio Santos, secretário-geral; Almeida Santos, secretário-geral adjunto; Mota Freitas, vice-presidente para as relações exteriores; Alfredo Borges, vice-presidente para o desporto profissional; e José Maria Santos, director das actividades desportivas amadoras.

Especificando alguns dos assuntos abordados, o dr. Américo de Sá resumiu: «Analisámos alguns dos problemas que nos preocupam, ainda que apenas marginalmente, uma vez que são problemas sectoriais que lhe hão-de chegar através das vias competentes.

É o caso, por exemplo, do nosso débito para com o Banco Pinto de Magalhães, problema que está a ser conduzido pela Secretaria de Estado do Tesouro.

«Por outro lado, acolhemos com muito boa vontade o interesse que o dr. Mário Soares demonstrou em que os clubes desportivos contactassem com os emigrantes portugueses no estrangeiro. Penso que lhe teremos dado uma imagem da grandiosidade do F.C. do Porto, que talvez não conhecesse em toda a sua extensão.»

Tarefas para amanhã

Amanhã corre-se a terceira etapa, uma das mais duras da Volta-76, não pela quilometragem (sómente 185 quilómetros) mas pelo percurso a percorrer, entre Évora e Sertã.

A corrida neutralizada entre Távora e Évora, tem no Templo de Diana a sua partida oficial.

Logo à saída da cidade de Évora, pela Estrada Nacional 114-4 segue-se em direcção a Arraiolos, com a Valeira de permoio.

Ponte de Sor assinala mais uma meta com prémios de passagem e situa-se a 91 quilómetros do percurso. Ainda pela mesma Estrada Nacional 244, vira-se à direita para Gavião, com passagem por Barreiros, Rosmaninhal, Vale do Arco e S. Bartolomeu, onde uma viragem à esquerda conduz a Gavião. Estarão percorridos 120 quilómetros do traçado.

Depois de Belver (126 quilómetros andados), sobe-se até ao quilómetro 47, assinalado por um marco quilométrico onde se situa uma contagem para o Prémio da Montanha de 2.ª categoria. Depois, uma descida com ligeiros planos durante 14 quilómetros.

Eacão, com as ruas estreitas e atravessada pela Estrada Nacional 244 — 138 quilómetros já percorridos — nova meta de prémios, e abastecimento à saída do burgo, entre os marcos quilométricos 43 e 38.

Chão de Codes, na Estrada Nacional 244/3, assinala 148 quilómetros de corrida. Segue-se Amêndoa, na Estrada Nacional 348, Vila de Rei, fora do burgo, onde termina o abastecimento de água e, finalmente, a Sertã, com a meta instalada na Avenida Gonçalves Rodrigues Caldeira, que se presume seja atingida dentro da média exigida, cerca das 19 e 30.

Classificação geral (Equipas)

1.ª Costa do Sol	6 04 23
2.ª Safina	6 04 25
3.ª Sangalhos	6 04 39
4.ª Pinheiro de Loures	6 05 17
5.ª Benfica	6 05 17
6.ª Lousa	6 05 24
7.ª F. C. do Porto	6 06 07
8.ª Manique	6 06 28
9.ª Coelima	6 07 02
10.ª U. Coimbra	6 07 35
11.ª Almodovar	6 09 08
12.ª Paredes	6 09 35
13.ª Coimbrões	6 10 37
14.ª S. Jorge	6 10 43
15.ª Alfense	6 11 54
16.ª Fafe	6 12 03
17.ª Louletano	6 12 27

Prémio da Montanha

1.ª António Alves (Fafe)	4
2.ª Luís Teixeira (Coelima)	3
3.ª Fláv. Henriques (Safina)	2
4.ª Adelino Teixeira (Lousa)	1

Volta a Portugal em Bicicleta

Continuação da pág. 16

final, Luis Teixeira (Coelima), Joaquim Pinto do (S. C. Coimbrões) e Américo Silva (Manique de Baixo). A fuga, realmente concretizada aos 40 km teve, 8 km depois, uma vantagem de 58 segundos para os ho-

A mais completa colecção de bicicletas da Europa
IBA LIMITADA
Lisboa - Porto

mens que tomaram a iniciativa. Mais adiante, e já apenas sob o comando de Américo Silva (paulatinamente dirigindo todas as operações) a fuga era apenas tentada neutralizar por Firmino Bernardino, o único comandante de um ataque marcado à pedalada.

A montanha (e se pudermos entender assim no sentido lato da palavra uma chamadazinha para haver a possibilidade do prémio cingido a essa classificação pode ser atribuído, portanto justificar que ao 2.º dia

que tinha ocorrido a deixar apenas 7 contos e 400 escudos na bilheteira da Pista de Loulé.

Brito da Mana, dirigente que foi durante largo tempo do Ginásio de Távora, pensa que a classificação dos seus «ex-artistas» é francamente satisfatória. É ele que fala: «Procurei sempre fazer deles, não apenas homens, mas sobretudo trabalhadores capazes de amanhã fazerem a sua vida sem necessitarem do ciclismo: Tenho a satisfação de poder dizer que desde o César Aires ao Carlos Vitorino todos estão bem da vida.

«A única excepção, e lamenta-a bastante, pertence a Carlos Parramacho, que teve recentemente uma doença grave e se encontra em França. Mas aí já não podiam chegar as asas do Ginásio de Távora».

Classificação da etapa Vilamoura-Loulé (Individual)

1.ª F. Henriques (Sf.)	1 48 36
2.ª A. Ferreira (Bf.)	m. t.
3.ª A. Alves (Fafe)	m. t.
4.ª A. Teixeira (Lou.)	m. t.
5.ª L. Teixeira (Cl.)	m. t.
6.ª F. Bernard. (Bf.)	m. t.
7.ª J. Leite (Coimb.)	m. t.
8.ª A. Fernandes (Sg.)	m. t.
9.ª A. Bras. (Bf.)	m. t.
10.ª H. Chagas (C.Sol.)	m. t.
11.ª J. Costa (P.L.)	m. t.
12.ª M. Oliveira (P.L.)	m. t.
13.ª M. Gomes (Sf.)	m. t.
14.ª A. Beirão (Loulé)	m. t.
15.ª A. Coelho (Lous.)	m. t.
16.ª V. Rocha (Lous.)	m. t.
17.ª V. Fernandes (Sg.)	m. t.
18.ª L. Gregório (Sg.)	m. t.
19.ª A. Barradas (Alm.)	m. t.
20.ª J. Costa (Alm.)	m. t.
21.ª J. Duarte (Man.)	m. t.
22.ª A. Marçal (C. S.)	m. t.
23.ª A. Gouveia (C. S.)	m. t.
24.ª A. Lúcio (C. S.)	m. t.
25.ª P. Vieira (Benf.)	m. t.
26.ª J. Pinto (Coimb.)	m. t.
27.ª M. Silva (Porto)	m. t.
28.ª J. Madeira (Ty.)	m. t.
29.ª L. Gomes (Benf.)	m. t.
30.ª P. Silva (Porto)	m. t.
31.ª J. S. Santos (UC)	m. t.
32.ª J. Pacheco (Alf.)	m. t.
33.ª A. Silva (Maniq.)	m. t.
34.ª José Santos (UC)	m. t.
35.ª J. Andrade (Sf.)	m. t.

36.ª C. Raimundo (PL)	1 49 32
37.ª C. Santos (PL)	m. t.
38.ª M. Durão (Sg.)	m. t.
39.ª J. Pedro (PL)	m. t.
40.ª M. Cardoso (Par.)	m. t.
41.ª A. Valente (Lous.)	m. t.
42.ª F. Fernandes (PL)	m. t.
43.ª J. Carvalho (C.S.)	m. t.
44.ª D. Bardosa (Cl.)	m. t.
45.ª B. Silva (Porto)	m. t.
46.ª M. Carvalho (Port.)	m. t.
47.ª M. Costa (Porto)	m. t.
48.ª Alexandre (Man.)	m. t.
49.ª A. Ruas (C. Sol.)	m. t.
50.ª J. Amaro (PL)	m. t.
51.ª E. Pereira (Loulé)	m. t.
52.ª J. Monteiro (Fafe)	m. t.
53.ª M. Mendes (Alf.)	m. t.
54.ª M. Marques (Cl.)	m. t.
55.ª J. Lopes (C. Sol.)	m. t.
56.ª F. Mendes (Sg.)	m. t.
57.ª M. Pereira (S. J.)	m. t.
58.ª A. Cardoso (S. J.)	m. t.
59.ª A. Lopes (Man.)	m. t.
60.ª J. Cruz (Lousa)	m. t.
61.ª J. Bispo (Sang.)	m. t.
62.ª C. Cabral (Mad.)	m. t.
63.ª A. Castro (Pared.)	m. t.
64.ª G. Rocha (Porto)	m. t.
65.ª A. Ferreira (Coel.)	m. t.
66.ª C. Pereira (Pacur.)	m. t.
67.ª G. Costa (Pared.)	m. t.
68.ª J. Sá (Coel.)	m. t.
69.ª M. Rego (Coel.)	m. t.
70.ª A. Faia (S. Jorge)	m. t.
71.ª J. Sampaio (Cl.)	m. t.
72.ª M. Pereira (Benf.)	1 51 01
73.ª M. Martins (Fafe)	m. t.
74.ª P. Revés (Almod.)	m. t.
75.ª J. Marta (Lousa)	m. t.
76.ª V. Monteiro (Bf.)	m. t.
77.ª A. Ferreira (Par.)	m. t.
78.ª H. Oliveira (U.C.)	m. t.
79.ª Nascimento (Llé.)	1 52 30
80.ª A. Machado (Port.)	m. t.
81.ª J. Lino (Coimb.)	m. t.
82.ª J. Maie (Alfenc.)	m. t.
83.ª R. Silva (Coimb.)	m. t.
84.ª J.M. Santos (Coel.)	m. t.
85.ª A. Oliveira (Man.)	1 55 17
86.ª M. Cantanita (Alf.)	1 55 32
87.ª A. Queirós (Coel.)	1 55 32
88.ª R. Azevedo (Sg.)	1 56 20
89.ª S. Mendes (Loulé)	1 57 19
90.ª C. Machado (Md.)	m. t.
91.ª Magalhães (Par.)	m. t.
92.ª J. Sena (Man.)	1 58 10
93.ª G. Almeida (Par.)	1 58 40
94.ª H. Silva (U. C.)	1 59 26
95.ª J. Andrade (Md.)	1 59 59
96.ª J. Barros (Md.)	2 02 16
97.ª M. Claydino (Mn.)	2 02 50
98.ª L. Santos (Md.)	2 03 36
99.ª J. Afonso (Loulé)	m. t.
100.ª A. Reis (Madeira)	m. t.
101.ª J. Martins (Coim.)	2 05 04
102.ª J. Vieira (Mad.)	2 08 53
103.ª J. Lima (U. C.)	2 15 27

Desporto

Futebol aos soluços

O Estoril, que defronta, hoje, no seu Estádio, o Sporting (oportunidade para Hagar voltar ao campo da equipa que promoveu da III à II Divisão Nacional), incluindo na formação inicial da sua equipa as aquisições feitas (Fernando Martins, Oscar, Manuel Fernandes, Zuledo e Gaspar), encontrou-se anteontem, no Campo da Avenida, em Espinho, com a equipa local, tendo em vista rodar o seu conjunto para a época que dá os primeiros pontos no primeiro domingo (5) de Setembro.

O triunfo inclinou-se, e parece-nos que justamente, para os estorilistas, inglorios vencidos, vinte e quatro horas antes, do Braga. Para materializar a sua vitória os visitantes actuaram, na primeira parte, em plano razoável, como que a demonstrar que os erros de Braga tinham sido corrigidos e que, pela marcha recuperacional patente, a equipa aspira, pelo menos, a situar-se no mesmo lugar da tabela classificativa da temporada finda.

Já na parte complementar os estorilistas abrandaram o ritmo, a disposição e a sua produção, período em que os «tigres», aqui e ali «enfurecidos», atacaram. Todavia, esse levantamento não foi notório ao ponto de transmutar a superioridade global da equipa de Medeiros, pelo que o resultado se amoldou perfeitamente ao desenrolar do encontro e à vibração dos acontecimentos.

Sob a direcção de Vitorino Gonçalves, de Aveiro, as equipas formaram:

ESPINHO — Quim (ex-F. C. Porto); Raul Simplicio (ex-Lamas), Gonçalves e Castanheira (ex-Lourosa); Vaqueiro (ex-Leixões), Alemão (ex-Covilhã) e João Carlos; (Serrão (ex-Lourosa), Reis (ex-Lourosa) e Juvenal (ex-Cuf).

Também actuaram nos espinhenses: Ribeirinho, Meireles, Serrão II (ex-Leixões), Gentil e Pinto Ribeiro.

ESTORIL — Ruas, Vieira, João Carlos, Amílcar e Carlos Pereira; Eurico, Fernando Martins (ex-Atlético) e Quim; Manuel Fernandes (ex-Farense), Clésio e Carlos Gaspar (ex-Benfica). Foram ainda utilizados Rui Paulino, Nelson Reis, Zuledo (ex-Benfica), Oscar (ex-Covilhã), Fernando e Torres, o bom gigante.

Marcaram os golos Gaspar (ex-Benfica), aos 27 minutos, e Clésio, quando eram decorridos 79 minutos.

OUTRA DERROTA

O Belenenses sofreu nova derrota na sua digressão espanhola, ao perder ontem à noite em Santapola, frente ao Elche, por 2-0.

Os «azuis» jogam no próximo sábado em Ribadeo, com o União Desportivo de Salamanca, e em 26 e 27 participam no Troféu Oviedo, no qual estarão presentes, além do clube local, o Sporting e o Gijón.

SORTEIO

É hoje, na sede da FPF, pelas 19 horas, que se efectuam os sorteios dos «Nacionais» das II e III Divisões.

Será oportuno referir que em virtude dos célebres alargamentos «decretados» num congresso (sábado) que a história futebolística se encarregará de tornar indelével face aos ventos e marés da vida, que na II Divisão participam 40 clubes divididos em duas zonas (Norte e Sul) e que, na III, teremos, «apenas», 96 equipas.

BENFICA EM VIGO PARA GANHAR

O Benfica chegou a Vigo e, na caravana, afirma-se (porque se acredita) que é para ganhar o troféu em disputa. A comitiva encarnada chegou àquela cidade galega após duas derrotas no Brasil (derrotas com sinal de rodagem?), com transbordo no Porto (Pedras Rubras). Artur e Alvaro foram incluídos no «escudo», onde não se encontram José Henrique e Nelinho (este com hipótese de ser recuperado para os Camarões).

Já esta manhã os encarnados treinaram no Estádio dos Balaídos (onde efectuarão, pelos menos, dois desafios), e em relação à equipa que evoluiu por terras de Santa Cruz e Rio de Janeiro não há, além das suas ausências referidas e da «participação» agora de Artur, não há mais nada de especial.

Portanto, para já, o Benfica prepara-se para disputar o torneio triangular em que são seus pares o Corunha (hoje) e o Celta (amanhã). A chegada conversámos com Mortimor que nos fez o balanço da situação da fase actual do Benfica face às duas derrotas sofridas no Brasil. «Penso que os jogos disputados no Brasil estão errados nos seus resultados. O primeiro correu-nos bastante melhor do que parece.

PUB.



EDDY MERCKX

Geral

Falso alarme na Torralta

Ontem, pelas 11.20, foi recebida nos escritórios da Torralta uma chamada telefónica anónima ameaçando que dentro de vinte minutos rebentaria uma bomba no edifício.

Convocada imediatamente, uma brigada da P.S.P. ainda passou uma revista sumária ao edifício não encontrando qual-

quer objecto suspeito.

Julgase que a ameaça não passou de uma brincadeira de mau gosto levada a cabo por indivíduos inconscientes, já que antecorrem os funcionários do restaurante «Libra», também situado na Avenida Duque de Loulé, receberam uma chamada semelhante.

PEANUTS



Extintos os incêndios da Pampilhosa e de Pedrógão

LOUSA, 18 — Foi extinto ao princípio da tarde de ontem o incêndio que ameaçou algumas povoações isoladas do concelho de Pampilhosa da Serra. De acordo com declarações prestadas pelo eng.º Lino Pires, administrador dos Serviços Florestais da Lousã, o incêndio devastou cerca de trezentos hectares de pinhal e eucaliptal e provocou danos em alguns edifícios isolados e noutros das povoações de Vila Pereira e de Machio. A juntar aos prejuízos apontados verificaram-se outros em numerosas arrecadações de cereais e em culturas cerealíferas e hortícolas, bem como em armazéns de alfama agrícolas.

O incêndio que lavrara em Pedrógão Grande foi também considerado extinto ao fim da manhã de ontem, não se sabendo ainda a extensão dos prejuízos que causou, embora se admita que os mesmos foram inferiores aos do incêndio de Pampilhosa da Serra.

DOMINADO O INCÊNDIO DE GOUVEIA

Considera-se praticamente dominado, desde ontem, o incêndio que lavrava na zona das Duas Pontes, na estrada de Manteigas e que tinha uma frente de cerca de dois quilô-

tros. O incêndio, dos piores de que há memória na região devastou cerca de quinhentos hectares de matas e chegou até cerca de três quilómetros da vila de Gouveia. No combate às chamas, participaram nove corporações de bombeiros voluntários apoiados por elementos dos serviços florestais e por populares.



BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFE.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 23/4 %	300\$	275\$	—
Cons. 3 %	—	300\$	—
Cons. 3 1/2 %	—	350\$	—
Centenários	—	800\$	—
Tes. 5 %	—	780\$	—
Tes. 10 %	500\$	500\$	510\$
Extern. 1.ª - s.	—	450\$	—
Extern. 1.ª - c.	—	450\$	—
Extern. 3.ª - s.	—	460\$	—
Extern. 3.ª - c.	—	500\$	—
Caut. 3.ª - s.	—	145\$	—
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	—	—	750\$
C.M.L. 5 3/4 %	—	730\$	—
C.P. 5 1/2 %	—	600\$	—
C.P. 5 1/2 %	—	590\$	—
C.P. 5 1/2 %	—	600\$	—
Corr. 5 3/4 %	—	—	—
Metr. 5 3/4 %	—	810\$	—
Tur. 5 3/4 %	—	850\$	—
C.P. 6 3/4 %	—	—	800\$
ELÉCTRICAS			
G. 5 %	—	—	680\$
G. 5 %	—	—	—
G. 5 %	—	—	—
G. 5 %	—	—	—
G. 5 %	—	—	—
G. 5 %	—	—	—
G. 6 %	—	700\$	—
G. 6 %	—	700\$	—
G. 7 %	—	850\$	—
H.E.A.A. 5 %	—	550\$	900\$
H.E.C. 5 %	—	—	—
H.E.C. 6 %	—	710\$	—
H.E.D. 5 %	—	545\$	—
H.E.D. 6 %	—	—	740\$
H.E.N.P. 5 %	—	—	—
H.E.S.E. 5 %	—	—	—
H.E.S.E. 6 %	—	670\$	—
H.E.Z. 5 %	—	—	—
H.E.Z. 6 %	—	—	—
N. Elec. 5 %	—	550\$	—
N. Elec. 6 %	—	645\$	—
Termoel. 5 %	—	550\$	—
U.E.P. 5 %	—	—	700\$
U.E.P. 5 %	—	—	—
U.E.P. 6 %	—	700\$	—
U.E.P. 7 %	—	700\$	—
DIVERSAS			
A.P.T. 5 %	—	695\$	—
A.P.T. 5 %	—	670\$	—
Lisnave 6 %	—	730\$	—
Nitratos	—	610\$	—
Pet. 2.ª e 3.ª	—	—	—
Sacor 7 %	—	780\$	800\$
Sacor 5 %	—	—	—
Sacor 5 %	—	750\$	—
Sid. 5 %	—	635\$	650\$
Sid. 5 %	—	620\$	—
Sid. 5 %	—	620\$	650\$
Socel 5 %	—	—	—
R. Fabril	—	710\$	—
R. Fabril	—	710\$	—
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	—	—	—
Rev. 5 %	—	—	—
Rev. 5 %	—	—	—
Moçambique 5 %	—	—	—
Sonete 5 %	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo o vento era fraco ou moderado do Quadrante Norte e havia neblina na Faixa Costeira a Norte do Tejo

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS E RÉGUA
Máxima 36°
Mínima 10,6°

VISEU

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado; vento fraco soprando em regime de nortada moderado na Faixa Costeira Ocidental a Norte do Cabo Carvoeiro durante a tarde; neblinas ou nevoeiros na Orla Costeira a norte de Sines

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H.

PORTO	15°
P. DOURADAS	—
COIMBRA	18°
PORTALEGRE	25°
LISBOA	22°
FARO	28°
FUNCHAL	24°

MARÉS DE HOJE

PREA-MAR	BAIXA-MAR
9.46 3,2 m	2.53 1,8 m
22.23 3,1 m	15.35 1,9 m

Dia 19

11.08 3,2 m	4.10 1,9 m
23.45 3,1 m	16.59 1,9 m

Dia 20

12.21 3,3 m	5.28 1,8 m
18.11 1,7 m	—

ANANHA

NASCE AS 6.54
OCASO AS 20.26

DIA 18 DIA 24 DIA 1 DIA 8

palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 11447

HORIZONTAIS:

- O mesmo que vasoira. Apelido.
- Brisas. Freguesia do concelho de Penafiel.
- Em a. Antiga. Agência Telegráfica de Imprensa.
- Irmã da mãe. Suger o leite materno.
- Raspa: Bairro pobre de indígenas, na Índia Portuguesa. Artigo definido.
- Grande número (fig.).
- Patrona da ilha de Malta. Oportunidade.
- Terra lavrada. Tempo do verbo ser. Nome de astro.
- Involgar. Senhores. Artigo indefinido.
- Gostam muito de. Miriara. Autores.
- Vareja. Transformes.

VERTICAIS:

- Abdómen. Araras.
- Camareira. Guarnece de arames.
- Apelido da mãe de Luís de Camões. Transmittir.
- Transpira. Mês do calendário indiano que corresponde a parte do mês de Junho e parte do de Julho do calendário gregoriano.
- Adorna. Letra grega. Pronome pessoal.
- Interjeição da ilha das Flores o mesmo que Ah! Oh! Grande. Sadias.
- Reis. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Erbio (s.q.).
- Circ. da província ultramarina da Guiné. Graça.
- Acabas. Fútil (inv.).
- Remedia. Rezo.
- Planta vivaz e medicinal. Armaduras para a cabeça.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7607

HORIZONTAIS:

- Chupa. Esmagadora.
- Agora. Aperfeiçoarem.
- Miriara. Parceiro.
- Nome de mulher. Cure. Erbio (s.q.).
- Cidade de Itália. Batráquio. Madre.
- Composição poética. Cento e um em romano (inv.).
- Gorjeio. Vela de moinho.
- Quando não. Acreditar.
- Icar. Carruagem.
- Oceano. Carga acrescentada a outra.
- Guarnecemos de asas. Sadios.

VERTICAIS:

- Adicionar. Caruma.
- Nome de planeta. Quadros.
- Gálio (s.q.). Tornara morno.
- Transferir para outro dia.
- Pelos de certos animais. Gavinha. Letra grega.
- Versejar. Nome de letra (pl.).
- Poisai no mar (o avião).
- Maudançador (Prov.). Missivas.
- Pedra de altar. O mesmo que bonito (peixe).
- Governo (fig.). Cravo.
- Planta poligâmica, de sabor amargo. Ruins.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11446

HORIZONTAIS:

- Dama. Taipa.
- Acres. Riram.
- CADA. Anis.
- DIV.
- At. Fa. Oo. UM
- Peru. VIVE
- Mim. Ocaras.
- Mangara.
- Ob. Rue. Irar.
- Ma. Aa. Soara.
- Orem. Passar.

VERTICAIS:

- Aa. Gap. COMO.
- DCC. Tem. Bar.
- Arai. Rim.
- Med. Fumaram.
- Asada. Nua.
- PODE.
- Travo. Ca. Sa.
- Ain. Ovarios.
- Iria. Iraras.
- Pás. Uva. Ara.
- Am. Amestrar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7606

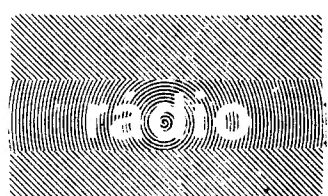
HORIZONTAIS:

- Arrenda.
- Sm. Murai. Co.
- Tua. Sou. Oia.
- Urnas. Tapar.
- Acaçala.
- Im. Ca.
- Ais. Pão. Som.
- Note. Riam.
- Tacos. Armes.
- Oro. Aar. Ota.
- Mastigasses.

VERTICAIS:

- Astúcia. Tom.
- Mur. Minara.
- Anã. Socos.
- Rm. Aço. To.
- Ero. Sua. Ag.
- Nauta. Orara.
- Di. Ala. Ir.
- Opa. Samos.
- OCla. Comete.
- Trariam. Sás.

PROVERBIO: CADA UM VIVE COMO PODE



1.º Programa

16.00: Música variada; 17.00: 38.ª Volta a Portugal em Bicicleta — 4.ª etapa — apontamento de reportagem na Pista de Távira — música popular; 17.30: Orquestras; 18.00: Música portuguesa; 19.00: Cultura e actualidade, por Luís Pereira de Sousa; 19.30: Música variada; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Melodias; 21.00: Pedaladas da «Volta» — contraponto editorial — radiografia; por João da Cunha; 00.00: Último jornal; 00.30: Jazz; 01.00: Música nacional.

2.º Programa

16.00: Tocatas de Frescobaldi e Bach; 16.30: Conjunto instrumental; 17.30: Canções de Schubert; 17.45: Suites para orquestras sinfónicas; 18.27: Solistas célebres; 19.00: Música de Bomtempo; 20.00: Música do século XX; 20.40: Fan-Asia em fá menor, de Schubert; 21.00: Ópera comentada por Maria Helena de Freitas; 23.00: Intercâmbio musical; 23.45: Suite para piano, op. 25, de Shönberg; 00.00: Quarteto op. 132, de Beethoven; 00.45: Música de região; 01.00: Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante da Inúcação; 16.15: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); 17.16: Vamos ao médico, pelo dr. José Matilides; 17.30: Teatro em variante, por Fernando Midões; 18.00: Contacto; 21.00: Música, só música; 21.30: Quando o telefone toca; 23.05: A música nas vozes.

3.º Programa Local (187,5 m)

18.00: Entardecer — de vez em quando; 19.30: Romance de uma cidade (repetição) — cartas a ninguém; 21.00: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; 17.00: Canções; 18.00: Apensa música; 19.00: Em órbita; 20.00: Orquestras; 21.00: Concerto; 22.00: Auditório; 24.00: Prisma; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

18.05: Trechos seleccionados; 18.15: Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 21.05: Gente grande; 21.30: O som da noite; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.05: Trifónico; 23.30: Textos e pretextos; 00.00: Meditando; 02.00: Encerramento da estação.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO B-1

TODA A NOITE

AJUDA
Boa Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (T. 637777)

ALCANTARA
Costa, R. dos Lusíadas, 30 (T. 636704)

ALVALADE
Avalade, Av. da Igreja, 18-A (T. 712070); Onilda, Av. João XXI, 13-A

AVENIDAS NOVAS
Dutra, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 45225)

BAIXA
Cortez, R. S. Nicolau, 93 (T. 325378)

BELEM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454)

BENFICA
Progresso, E. de A-da-Maia, 64-C (T. 702226)

CAMINHOS-DE-FERRO
Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7 (T. 840125)

LAPA
Mota Capito, R. de S. Félix, 45-A/B (T. 660720)

OLIVAS
Central dos Olivais, R. Alfes Barrilado Ruas, 7-C (Olivais Norte) (T. 315539)

REGO
Pratas e Mota, R. da Beneficência, 91 (T. 773728)

TURNO B-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALFAMA
Cruz de Matos, L. Chafariz de Dentro, 36 (T. 866126)

AMOREIRAS
Amoreiras, P. das Águas Livres, 8-D (T. 681515)

ARCO CEGO
Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (ao B. Social) (T. 770324)

AREEIRO
Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 710465)

ARROIOS
Brasil, R. Alves Torgo, 29-33 (T. 46843)

BAIXA
Brites Moita, R. da Alegria, 33 (T. 321149)

BENFICA
Sousa, E. de Benfca, 429-431 (T. 780027)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, R. Freitas Gazul, 23-B (T. 671667)

CONDE REDONDO
Saluz, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 42239)

LULIAR
S. Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704)

PICHELEIRA
Carluz, C. da Picheleira, 140-B/C (T. 720703/728395)

POÇO DO BISPO
Barros e Gouveia, R. Vale

Formoso de Cima, 79-B (T. 382180)

S.BENTO
Valentim, R. Poço dos Negros, 88-90 (T. 679453)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (T. 2113953)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Toda a noite

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas

NOVA OERAS
Leal, Até às 22 horas

CARCAVELOS
Central, Toda a noite

S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. S. Boia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas

PARADE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B. das Caxias de Providência (T. 2472948). Toda a noite

AMOREIRA
Amoreira, Até às 22 horas

CASCAIS
Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Até às 22 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117)

CACÉM
Guerra Rico, Aguaiava

MEM MARTINS
Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173-B (T. 2914103)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)

SINTRA
Marras, Vila (T. 2930155)

COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250)

ALMADA
Silva Junior, Av. Eng. Frederico Ulrich, 9-2.º, piso E (T. 2768030)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141)

BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (T. 2073023)

COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (T. 2767356)

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029)

MONTUJO
Modena, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028)

SETUBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (T. 22783); Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558)

SEXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580)

PORTO

TURNO 3

ATÉ ÀS 22 HORAS

Contumil, R. de Contumil, 540; Vaz Teixeira, R. de Heroísmo, 56; Birra, P. da Liberdade, 125; Costa Lima, Av. da Boavista, 855; Marques de Mendonça, R. do Ameal, 251; Monte Cativo, R. do Monte Cativo, 444; Cardona dos Santos, R. de D. Manuel II, 90; Oriental, R. do Bonjardim, 727

TODA A NOITE

Pasteleira, R. André de Rezende, 92; Almeida Cunha, R. Formosa, 327; Sampaio, R. de Cedofeita, 636; São Jerónimo, R. de Santos Pousada, 622

COIMBRA

Dias Ferreira, R. do Brasil, 70 (T. 26046); Higiene, R. Fernandes Tomás, 41 (T. 22634); Santa Cruz, R. das Parreiras, 94 (T. 23569)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen»

TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O Círculo de GizCaucasiano»

CASA DA COMÉDIA
19.00 (13 anos)
«Horas de Luta»

LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Vamos Trocar de Mulheres»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Relações Escaldantes»

CAPITÓLIO
20.30 e 22 (18 anos)
«Garganta Funda»

EUROPA
21.30 (18 anos)
«Vampira»

SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«Eram os Deuses Astronautas»

PARIS
21.30 (18 anos)
«Com Jeito vai na Farra»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Sol Vermelho»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Dilema»

OLIMPIA
21.00 (18 anos)
«Tentação de um viúvo»

IDEAL
21.15 (13 anos)
«M.A.S.H.»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Os sinos da morte»

LINHA DE CASCAIS

S. JOSÉ
21.15 (18 anos)
«Kamasutra a arte de amar indiana»

Oxford
21.15 (6 anos)
«Os Barbeiros da Sicília»

LINHA DE SINTRA

PARADE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«A Borboleta de Sangue»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«Toda a Nudez Será Castigada»

ESTORIL
Palácio
21.15 (13 anos)
«Equilíbrio Instável»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Bater de Dois Corações»

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«A Volta Cá Te Espero»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (6 anos)
«A Canção da Noruega»

AGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»

COIMBRA

TRINDADE
21.15 (10 anos)
«My Fair Lady»

S. JOAO
21.15 (13 anos)
«Hennessy, o Militante»

BATALHA-BEBE
22.00 (13 anos)
«Os Violinos do Baile»

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

BATALHA
21.15 (13 anos)
«Aventuras em Mar de Espuma»

CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«Aventura é Aventura»

PASSOS MANUEL
21.15 (13 anos)
«Trinã cow-boy insolente»

TERÇO
21.05 (18 anos)
«Chamavam-lhe amem»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Empresta-me o teu motorista»

OLIMPIA
21.15 (18 anos)
«O Monstro do Pântano»

COLISEU
21.15 (18 anos)
«O Assassino de Saias»

SA DA BANDEIRA
22.00 (18 anos)
«Garganta Funda»

ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Os Canhões de Navarone»

cinemas

CASTIL

Tel. 630194 15, 17, 19 e 21.15

Colorido Int. a menores de 18 anos

3.ª semana

Quando o amor livre tem encanto... não é imoral!

AMORES SEM FREIO

Real. Gerard Kikoine Alex Nubarr Alain Van Dame

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 15.00 e 21.00

Não aconselhável a Menores de 13 anos

Uma história imortal! um filme eterno!

E TUDO O VENTO LEVOU

com Clark Gable Vivien Leigh Leslie Howard

11.ª semana

UNIVERSAL

Tel. 774402

As 16.30, 22.30 (N. ac. m/18)

LAGRIMAS E SUSPIROS

de Ingmar Bergman

As 14.30, 20.30 (Int. m/18)

A VERGONHA

de Ingmar Bergman

Sábado às 00.30

LAGRIMAS E SUSPIROS

EDEN

T. 320768 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

Nunca os sete mares foram devassados por tal aventura!

O PIRATA NEGRO

com Bud Spencer e Terence Hill

CONDES

Tel. 322523 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 13 anos

CAVALGADA FANTÁSTICA

com Lee Van Cleef - Catherine Spaak

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Para todos

A partir de hoje às 14 h

Lerry Lewis/ Joan Blackman em

JERRY

PRIMEIRO TURISTA NO ESPAÇO

um filme de Norman Taurag

LONDRES

T. 801313 14, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

O filme de Ingmar Bergman

O AMANTE

(The Toud)

c/ Bibi Andersson e Elliott Goul

ROXY

Tel. 48550 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a men. 13 anos

OS SUSPEITOS

O melhor policial da temporada

c/ Mimsy Farmer-Renand Verley e Bruno Cremer

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

O maior êxito de gargalhada do cinema francês

O GENDARME CASA-SE

2.ª semana

Com Louis de Funès

ALVALADE

Tel. 897480 15.30, 18.30, e 21.15

Int. men. 18 anos

BARCELONA KILL

c/ Linda Hayden-John Justin

PATHE

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Interdito a men. 18 anos

FOGO NO SANGUE

Um filme super-audacioso

Contém cenas eventualmente chocantes

5.ª semana

NIMAS

T. 574313/ 574313

14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. menores 18 anos

8.ª semana de lotações esgotadas

CHOVE EM SANTIAGO

o Chile de Allende a Pinochet

IMPERIO

T. 555134/5 14.30, 18.00 e 21.15

M. 10 anos

LAWRENCE DA ARÁBIA

Peter O' Toole-Alec Guinness e Omar Sharif

7 oscaros-37 prémios internacionais

3.ª semana

POLITEAMA

T. 323805 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Um êxito ultra-sensacional

Int. men. 18 anos

EXTASE SEXUAL DE MACUMBA

ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

VOX

T. 720808 15.15, 18.15 e 21.15

Para todos

O maior êxito em comédia musical!

CHITTY CHITTY BANG-BANG

Dick Van Dick - Leonel Jeffries

ROMA

Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15

Interdito a menores 18 anos

EMMANUELLE A ANTIVIRGEM

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

14.ª Semana

MUNDIAL

Tel. 538743 21.15 Estrela

Não acons. a menores de 18 anos

MULHERES EM FÚRIA

c/ Martine Brochard-Marilu Tolo

CASINO ESTORIL

T. 264521/264996 17.00 e 21.15

Int. men. 18 anos

SERÁ TODA A NUDEZ CASTIGADA

S. JORGE

Tel. 554153/4 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a men. 18 anos

MR. HÉRCULES CONTRA KARATE

Colorido-Panavision

RESTELO

Tel. 610375 21.00

Não acons. a men. de 18 anos

MEIA NOITE DE PRAZER

AVIS

Tel. 47163 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

BOBBY

7.ª Semana

ESTÚDIO

T. 555134, 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

TUDO A POSTOS, NADA EM ORDEM

o novo filme de Lina Wertmuller

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 15.30, 18.30 e 21.15

não acons. m/18 anos

FERIAS VIOLENTAS

um filme de Yves Boisset

CARLOS MANUEL

Tel. 2930394 21.15

Int. men. 18 anos

O CAMPEÃO DOS BOXEIRS

Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS levada a efeito numa das modernas embarcações dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150\$00
crianças 70\$00
Suplemento para almoço 50\$00

Horário: estação do Terreiro do Paço embarque 08.00 horas desembarque 20.30 horas

bilhetes a venda nas estações de Lisboa no GITUS (telef. 53 98 71-36 2501-68 11 78) e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

BARES - BOITES

RESTAURANTES TÍPICOS

DANCINGS

NINA

Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. (Tel. 364859, 368197). Marta Mónica Strip-teaseuse.

CASINO DO ESTORIL - Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 264621/264946.



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. 01804 TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Decreto do C.R. sobre propaganda eleitoral

De acordo com um diploma do Conselho da Revolução publicado hoje no «Diário da República», partidos políticos e respectivos membros passam a ter, doravante, estabelecidas por decreto as regras que deverão presidir à propaganda eleitoral através da Rádio e da Televisão.

«Poderão ser imediatamente punidos com a suspensão do direito de acesso, para propaganda eleitoral, às estações de Televisão e Rádio os partidos políticos e respectivos membros, que, durante as campanhas e no exercício desse direito, ainda que apenas numa

delas, usem expressões ou imagens de difamação, calúnia ou injúria, ofensa às instituições democráticas e seus legítimos representantes, apelo à desordem ou à insurreição, incitamento ao ódio ou à guerra, ou que, de um modo geral, façam perigar a ordem pública, a segurança social ou a normalidade democrática», diz, em síntese a folha oficial.

O presente decreto terá a sua primeira aplicação na campanha relativa às eleições para as autarquias locais a realizar ainda este ano.

PARA REATAR ACORDO

Medeiros Ferreira desloca-se este ano ao Brasil

O actual Governo, constituído pelo Partido Socialista, vai reatar o princípio de visitas recíprocas anuais dos chefes da diplomacia de Portugal e do Brasil, interrompido o ano passado. Estas visitas estão englobadas num acordo entre os dois países ao abrigo do qual os respectivos Ministros dos Negócios Estrangeiros se reúnem anualmente numa ou noutra capital.

Este ano, o ministro português Medeiros Ferreira tenciona deslocar-se a Brasília, não estando apenas prevista a data da deslocação. Dentro do acordo citado, a última visita coube

ao chanceler brasileiro em 1974, mas não teve correspondência por parte do nosso país no ano seguinte.

A visita de Medeiros Ferreira integra-se nos princípios programáticos expressos por Mário Soares, os quais colocam o Brasil no sector privilegiado das relações externas portuguesas.

Ao abrigo ainda desta política, Medeiros Ferreira desloca-se no dia 20 de Setembro a Bruxelas onde assinará em nome do Governo Português o protocolo adicional, o protocolo financeiro e o acordo intercalar entre Portugal e a C. E. E.

COM CARLUCCI EM FOCO

Grande actividade diplomática em Belém e S. Bento

Frank Carlucci, embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, foi esta manhã recebido pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes. Ontem, Carlucci avistara-se com o Primeiro-Ministro Mário Soares, em S. Bento.

A entrevista desta manhã com o Presidente da República foi antecedida de um encontro do general Ramalho Eanes com o embaixador de Portugal em Washington, Hall Themido.

Entre outras audiências concedidas hoje pelo Presidente da República contam-se os generais Oliveira Rodrigues e Manuel Augusto Barbeiros de Sousa.

O Primeiro-Ministro, por sua vez, esteve esta manhã com o Nuncio Apostólico em Lisboa, monsenhor Angelo Felici, e com o embaixador português junto da CEE Siqueira Freire. Ontem, o Nuncio Apostólico havia sido recebido pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira.

Entretanto, segundo revela a ANOP, não tem qualquer fundamento a notícia hoje publicada num matutino do Porto e segundo a qual os chefes dos governos espanhol e português se encontrariam amanhã perto da fronteira luso-espanhola. Foi igualmente desmentido que o ministro dos Negócios Estrangeiros portugueses substituisse neste encontro o Primeiro-Ministro Mário Soares. Espera-se que um comunicado oficial sobre o assunto seja publicado em breve.

Últimas da Volta

Alexandre Ruas (Costa do Sol) ganhou brilhantemente a etapa da manhã entre Loulé e Tavira, cobrindo a distância (66 km) em 1 h., 48 m. 42 segundos. Seguiram-se-lhe, com o mesmo tempo, a maioria dos elementos agrupados em pelotão, à excepção de Eusébio Pereira (Louletano) e Firmino Bernardino (Benfica), que gastaram mais 2 m. e 12 s.

Alerta ao P.S. sobre a entrada na C.E.E.

A adesão à C.E.E. (Mercado Comum) só poderia servir os interesses do grande capital monopolista, segundo afirmou a dirigente socialista norueguesa Sissel Ronbeck ao «Jovem Socialista», órgão central da J.S., que, no número que acaba de ser posto à venda, publica a importante entrevista que aquela dirigente socialista norueguesa concedeu a António Ribeiro do Secretariado Nacional da Juventude Socialista.

Depois de manifestar a sua surpresa pelos resultados obtidos pelos socialistas portugueses em tão curto espaço de tempo, S. Ronbeck confessa-se receosa relativamente ao papel das «notabilidades» dentro do P.S., afirmando:

«Estamos orgulhosos por termos tão valiosos camaradas. Só receamos que o fortalecimento do Partido seja feito à base de notabilidades. Desejamos que o vosso êxito político não fosse tão conectado com a figura de um homem e sim resultasse inteiramente da justeza da vossa linha política.»

Respondendo a uma questão

de António Ribeiro sobre as relações entre a J.S. da Noruega e o Partido Trabalhista, S. Ronbeck declarou que, de vez em quando, há desacertos entre a J.S. e o P.T. norueguês, citando a este respeito o caso da C.E.E.. Solicitada a esclarecer essas divergências, aquela dirigente socialista norueguesa esclareceu que o P.T. não trabalha no sentido de levar a Noruega para a C.E.E., sublinhando:

«Nós somos inteiramente contra essa adesão à C.E.E. que, do nosso ponto de vista, só poderia servir os interesses do grande capital monopolista e nunca as classes trabalhadoras.»

À pergunta: Não haverá uma ponta de isolacionismo económico nessas palavras tão categóricas, Ronbeck afirmou:

«Um socialista tem o dever de analisar as diferentes formas de cooperação económica que são boas para os interesses das classes trabalhadoras. Se a Noruega perdesse o controlo de parte da nossa indústria, em consequência dessa integração europeia, isso não seria positivo para os inte-

resses da classe operária norueguesa. Não se trata de isolacionismo, mas sim de trabalho sentido da defesa dos interesses dos trabalhadores.»

Sobre a possibilidade de se virem a registar importantes modificações estruturais na C.E.E., num futuro próximo, como consequência da evolução da situação política em França e na Itália, que poderiam levar ao Governo governos de esquerda anticapitalistas, Sissel Ronbeck respondeu:

«Essas alterações dependem unicamente da força real do movimento operário. No nosso caso concreto, não poderíamos ter ido tão longe no controlo das nossas indústrias privadas, se tivéssemos aderido à CEE. Nota, que, quando me refiro ao movimento operário não estou a falar de governos trabalhistas.»

Finalmente, em resposta à questão «numa Europa Socialista seria contra a adesão à C.E.E.?», aquela dirigente socialista norueguesa afirmou: «Só uma modificação radical da presente situação nos poderia conduzir ao reexame das nossas posições».

Conselho da Revolução já tem Regimento

Nomeados novos membros da Comissão Constitucional

Realizou-se ontem mais uma reunião do Conselho da Revolução. Presidiu, como habitualmente, o general Ramalho Eanes. No final dos trabalhos, foi emitido o seguinte comunicado:

«O Conselho da Revolução reunido em 17 de Agosto de 1976 debateu a situação política e militar. Nos termos do N.º 1 do Artigo 144 da Constituição da República o Conselho da Revolução aprovou o seu regimento interno. O Conselho da Revolução nomeou para o cargo de Governador Militar de Lisboa o brigadeiro Vasco Lourenço que para o efeito é graduado em general. Por intermédio do Presidente da Comissão Constitucional o Conselho da Revolução convidou para membros daquela Comissão os doutores Jorge Miranda e Nunes de Almeida, tendo os con-

vites sido aceites, pelo que são aquelas duas personalidades designadas nos termos da alínea e) do N.º 2 do Artigo 283 da Constituição da República para a Comissão Constitucional.»

Tal como se esperava, nada ficou estabelecido em definitivo quanto ao provimento de vagas registadas no Conselho da Revolução e em importantes postos de comando militar, uma vez que, quanto às primeiras, se torna necessário aguardar indicação dos chefes do E. M. E. e do E. M. F. A. enquanto as segundas são da responsabilidade exclusiva do chefe do Estado-Maior do Exército. O Conselho inteiro-se, contudo, da situação actual, sendo de esperar que as designações de novos conselheiros pelo Exército e pela Força Aérea ocorram proximamente, o mesmo sucedendo quanto à nomeação de novos comandantes para as regiões militares do Centro e do Sul.

Embora não mencionados no comunicado final os problemas que se relacionam com a actual acção antiterrorista e com a situação de António de Spínola foram também focados.

DECLARAÇÕES DE RAMALHO EANES

Antes do início da reunião e para além das habituais declarações do porta-voz do Conselho, capitão Sousa e Castro, que reproduzimos noutra página desta edição, o Presidente da República general Ramalho Eanes respondeu a algumas perguntas dos jornalistas, nomeadamente quanto às relações com a República Popular de Angola. A este respeito, o general Ramalho Eanes falou que «há todo o interesse num rápido restabelecimento das relações diplomáticas» entre os dois países, remetendo, no entanto, para o ministro dos Negócios Estrangeiros qualquer opinião mais pormenorizada, especialmente no que se refere às condições já criadas para que tal passo possa ser avançado.

Focando temas relacionados com as recentes alterações introduzidas no Conselho da Revolução, o general Ramalho Eanes rejeitou qualquer fundamento à notícia e interpretações segundo as quais os brigadeiros Pizarat Correia e Franco Charais haviam sido forçados a demitir-se dos cargos de comando que ocupavam nas regiões militares do Sul e do Centro. Da mesma forma foram rejeitadas pelo Presidente da República as notícias segundo as quais o brigadeiro Pires Veloso viria a ocupar o lugar de vice-chefe do E. M. G. F. A., cargo este que, declarou, tenciona acumular, ainda por mais algum tempo.

Sismo nas Filipinas

Continuação da pág. 1

tinuam a chegar à região aviões da Força Aérea com agasalhos, medicamentos e alimentação. Os trabalhos estão a ser dirigidos pelo próprio presidente Ferdinando Marcos que, para isso, desloca-se hoje para a cidade de Zamboanga, outra das atingidas, ao lado de Basilan, e Cagayan de Oro, além da vítima principal, Cotabato. O director da Cruz Vermelha, que se encontra no local, declarou que este foi o mais grave sismo ocorrido nas Filipinas desde tempos remotos, acrescentando que as verdadeiras dimensões da catástrofe sómente serão conhecidas dentro de semanas. Sobreviventes de Cotabato contam ao jornal «Bulletin Today» que, durante o sismo, as casas abanavam violentamente, automóveis e camiões viraram e prédios desmoronaram. No

pio momento do sismo, que durou 20 segundos, soldados davam tiros para o ar e lançavam foguetes para acordar quem, por acaso, ainda dormisse. Os incêndios registados a seguir aumentaram a confusão e muitos salvamentos de soterrados tiveram de ser feitos com as mãos, na falta de material para escavar os escombros. No epicentro do sismo, no mar das Celebes, as águas atingiram alturas de 10 metros, e a maioria dos mortos foi apanhado pelo maremoto nas zonas baixas, e arrastado para o mar. Entretanto, 30 horas depois do primeiro abalo, registaram-se mais 15 tremores de menor intensidade, que provocaram mais estragos e vítimas. A rádio e a televisão emitem constantemente programas didáticos a ensinar a população como deve comportar-se.

3 tomes

COZINHA CHINESA

Mário Soares, Álvaro Guerra e Hugo dos Santos, os dois últimos recentemente chegados da China Popular, almoçaram na Taberna do Caldeiro, um restaurante da Rua das Amoreiras conhecido pelo seu bacalhau assado com açorda. Será que, dada a falta de bacalhau, a Taberna do Caldeiro vai substituir o prato que o tornou conhecido por rebentos de bambu com arroz chau-chau?

«TACHO TAPADO»

O suplemento da mulher do «Diário de Notícias», depois de alguns meses de interrupção, voltou depois do 25 de Novembro. E de que maneira! Há 24 páginas «Correio». Edificante. «Teria necessidade de fazer o que fez aos seus cabelos...?». Ou então: «Não me parece que o seu problema seja de molde a lançá-la no desespero...».

Na edição de hoje sai um outro artigo: «Menina ou menino?». Vale a pena ler. Quanto à culinária, gostamos muito daquela do «tacho tapado». Temos a certeza de que muita gente adoptará essa receita.

CONSELHO DE MINISTROS

Não produziu quaisquer novidades importantes a reunião de ontem do Conselho de Ministros, ao contrário do que o Primeiro-Ministro havia feito crer na véspera, aquando de declarações feitas aos jornalistas em Faro.

«Vai haver muitas novidades», dissera então Mário Soares. O comunicado final da reunião de ontem limita-se, porém, a anunciar a aprovação do decreto-lei constitutivo do Comissariado Nacional para os Desalojados e a Lei Orgânica do Governo. Acrescenta que «o ministro dos Transportes e Comunicações informou o Conselho sobre as circunstâncias dos acidentes ferroviário e marítimo ultimamente registados» e que o plenário tomou simultaneamente conhecimento das «deficientes condições existentes nos Hospitais de Santa Maria e de S. José, bem como do esforço desenvolvido pelo pessoal médico e de enfermagem para socorrer, em tão precárias condições, os feridos do acidente ferroviário».

Ao que se sabe, e embora tal não venha mencionado no comunicado final, o Conselho de Ministros teria ainda examinado o seu Regulamento, tendo-o aprovado e delegado no Primeiro-Ministro competência para lhe introduzir algumas alterações pontuais.

Quanto à Lei Orgânica do Governo trata-se de um diploma que define as competências dos novos Ministérios da Defesa, do Plano e da Coordenação Económica e do Comércio, bem como das várias Secretarias de Estado. Espera-se que a sua publicação ocorra até final da presente semana.

TRAGEM MÉDIA DIÁRIA
NO MÊS ANTERIOR: 48 601 E.CS.